

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

A FAMÍLIA CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA – MÃES CHEFE DE
FAMÍLIA DE CAMADA MÉDIA.

CAROLINA FIGUEIREDO FONSECA RIBEIRO

ORIENTADOR:
PROF. DR. SALVADOR ANTONIO MIRELES SANDOVAL

CAMPINAS
2005
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**Título A Família Contemporânea Brasileira – Mães chefes de família de
camada média.**

Autor: Carolina Figueiredo Fonseca Ribeiro
Orientador: Salvador Antonio Mireles Sandoval

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida por Carolina Figueiredo Fonseca Ribeiro e aprovada pela Comissão Julgadora.

Data:.....

Assinatura:.....

Orientador

COMISSÃO JULGADORA:

Campinas
2005

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/ UNICAMP**

| | |
|-------|---|
| R354f | Ribeiro, Carolina Figueiredo Fonseca. A família contemporânea brasileira: mães chefes de família de camada média / Carolina Figueiredo Fonseca Ribeiro. -- Campinas, SP: [s.n.], 2005. Orientador : Salvador Antonio Mireles Sandoval. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. 1. Família. 2. Gênero. 3. Estrutura social. 4. Classe média. 5. Mulheres chefes de família. I. Sandoval, Salvador Antônio Mireles. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título. |
| | 05-190-BFE |

Keywords: Family; Gender; Social nets; Middle class; Family raising women

Área de concentração: Educação, Sociedade, Política e Cultura

Titulação: Mestre em Educação

Banca examinadora: Prof. Dr. Salvador Antonio Mireles Sandoval
Profa. Dra. Sandra Maria Galheigo
Profa. Dra. Nora Rut Krawczyk

Data da defesa: 23/06/2005

Dedico este trabalho a todas as mulheres fortes que fizeram e fazem parte da minha vida e todas aquelas que lutaram e lutam com bravura pela vida de seus filhos e, em especial a Iara, minha filha especial, que já nasceu lutadora.

Agradecimentos

Em primeiro lugar a minha família e seu apoio incondicional, sem o qual não seria possível realizar este trabalho. Os de perto: meu doce marido Flávio e minha encantadora filha Iara. De longe: meus pais Vera, Nivaldo e Raul; meus irmãos: Thiago, André e Julia; minha cunhada Mônica pelo carinho com o texto e com a Pituquinha; meus avós. Meus sogros Nícia (pelas conversas, comentários no texto e pela correção) e Ivanil. Obrigada sempre pelo carinho e atenção de todos vocês.

Depois, a estas bravas mulheres que cederam um pouco do seu tempo para me ajudarem na realização deste trabalho.

A Sandra, por ter me apresentado a pesquisa e ser a responsável pelo meu ingresso no mundo acadêmico e por aceitar fazer parte da minha banca.

Ao professor Salvador, por ter aceitado orientar este trabalho e a professora Nora por fazer também parte da minha banca.

Não posso me esquecer dos professores Vicente e Eloísa que se dispuseram a ler e ouvir sobre meu trabalho e imerso carinho com que o professor Vicente sempre me acolheu.

A professora Leticia pelo material trabalhado em sala de aula, pelas conversas e pela ajuda na formulação do objeto de pesquisa.

Ao Aguilar, Gi, Lucia e Nadir pela ajuda recebida. Um muito obrigado ao professor Aguilar que interveio junto à comissão de pós-graduação possibilitando a finalização deste trabalho.

Este trabalho contou com o apoio do CNPq.

CASAIS SE SEPARAM; PAIS E FILHOS SÃO PARA SEMPRE.

É possível que eu já não te queira mais,
Como você a mim. Não é o que importa.
Dá dor e dói, mas a dor se suporta,
Nem que seja preciso analgizar.
É possível que apenas um de nós
Não queira ao outro e isso ainda é mais triste,
Deixando num dos dois a frustração,
No outro, um fogo fátuo de alívio,
Pelo desmoronar do duplo sonho.

O que não é possível é que nos acusemos,
Que nos apontemos, dedo em riste,
Que nos fulminemos com o olhar,
Esquecendo tudo o que de bom já houve,
O que não é possível é que nos destruamos,
A nós, que, em outros tempos, nos amamos,
E cada qual, a si, p'ra ver o outro morto,
Desmerecendo os braços que, um dia, foram um porto,
Jogando pelo ar tudo o que construímos.

E construímos mais que sonhos, nesta estrada,
Transportamos amor por esses trilhos,
Deixamos marcas, por onde passamos,
E a mais viva delas são os nossos filhos,
Que continuarão nossos, vida toda,
Precisando de nós, em cada idade,
Como seu norte e bússola, rumo a felicidade,
Sua rosa-dos-ventos, o seu cais.

Seremos pai e mãe por todo o sempre,
Mesmo entrando p'ro rol dos ex-casais.
Isso nada nos tirará, nem mesmo a morte,
Relação eterna e sem corte,
Que a nossos filhos só beneficiará.

Se fomos meio de procriação,
Que na criação sejamos timoneiros,
Guiando com firmeza, a quatro mãos.
O barco da vida de nossos herdeiros.
E até que, sós, o possam conduzir,
E, para sempre, em evento, idade ou estado,
Possamos nós, ainda que ex-casal,
Enquanto pais, andarmos, lado a lado.

VERÔNICA A. MOTTA CEZAE-FERREIRA
SP/abril, 1998.

RESUMO

Esta pesquisa se propõe a estudar a família contemporânea brasileira, em específico, a parcela da população formada por mulheres/mães chefes de família da camada média urbana.

O estudo parte do pressuposto de que a família vem se modificando e que novos arranjos familiares estão sendo formados. Tem por objetivo uma breve compreensão do funcionamento e a estruturação das redes sociais de suporte das famílias formadas por mulheres separadas ou divorciadas chefes de família, com a presença apenas da díade materna. Entendemos que após a separação do casal, estas famílias obrigatoriamente teria que se reestruturar.

O presente trabalho foi dividido em cinco capítulos, sendo os dois primeiros teóricos e os três últimos referentes à metodologia e apresentação dos dados da pesquisa.

A partir dos resultados obtidos pudemos verificar a importância da família externa (parentes da mãe e do pai) funcionando como rede social de suporte, surgindo como ponto de apoio emocional, social e financeiro. Ficando evidenciada a necessidade de se conhecer esta parte da população para a elaboração de projetos de apoio e atenção à família de camada média urbana.

Palavras chave: Família, gênero, redes sociais, mulher, camada média, filhos, chefia feminina.

ABSTRACT

The purpose of this research work is to analyze the Brazilian contemporanean family, especially the section of the population formed by middle class women who are responsible to provide for their families.

The starting point of this study is the fact that the contemporanean family has been considerably changing and that new family arrangements are being formed due to this process. The goal of this study is to achieve, although briefly, a comprehension of the formation of supportive social nets for those families raised by separated/divorced women, which present mother-children relationship only. It is our understanding that after the couple separation, those families have necessarily to be restructured.

This research work is present in 5 chapters: the first 2 deal with theoretical aspects of the study and the 3 remaining chapters focus on method and research data.

From the results obtained, we were able to verify that the external family (the mother and father's relatives) functions as a supporting social net, playing the role of emotional, social and financial helper.

This study highlights the importance of acquiring further information on the section of the population of, middle class family raising women and their families so that support and care policies toward them may be put into practice.

Key-words: family, gender, social nets, middle class, children, family raising women.

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|--|----|
| Gráfico I – Mulheres responsáveis pelos domicílios, em números relativos, por situação do domicílio, segundo as Grandes Regiões – 2000. | 32 |
| Gráfico II – Rendimento nominal mensal das mulheres responsáveis pelo domicílio, segundo as Grandes Regiões – 2000. | 32 |
| Gráfico III - Rendimento nominal mensal médio das mulheres responsáveis pelos domicílios, segundo os municípios das capitais – 2000. | 33 |
| Gráfico IV – Distribuição percentual dos domicílios com responsáveis mulheres segundo as Grandes Regiões – 2000. | 34 |
| Gráfico V – Proporção de mulheres responsáveis pelos domicílios, segundo os municípios das capitais – 2000. | 34 |
| Gráfico VI – Dissoluções conjugais, por percentual de dissoluções por grupos de idade, segundo o grupo de idade das mulheres – 2000. | 37 |
| Gráfico VII – Distribuição percentual de mulheres de 10 anos ou mais de idade, responsáveis pelos domicílios, por classes de anos de estudo, segundo as Grandes Regiões – 2000. | 39 |
| Gráfico VIII – Média de anos de estudo dos responsáveis pelos domicílios, segundo o sexo – 1991/2000. | 40 |
| Gráfico IX – Proporção de mulheres de 15 anos ou mais de idade, responsáveis pelos domicílios, por grupos de idade – 2000. | 41 |
| Gráfico X – Distribuição percentual das mulheres de 15 anos ou mais de idade, responsáveis pelos domicílios, segundo os grupos de idade – 2000. | 42 |
| Gráfico XI – Proporção de domicílios, por grupos de idade dos filhos, segundo o sexo do responsável – 2000. | 43 |
| Gráfico XII – Mudanças ocorridas entre 1991 e 2000 – Indicadores selecionados de mulheres responsáveis por domicílio – 1991/2000. | 44 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|--|----|
| Tabela I – Pessoas responsáveis pelos domicílios, total de mulheres, segundo as Grandes Regiões – 2000. | 36 |
| Tabela II - entrevistadas | 59 |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| INTRODUÇÃO | 01 |
| CAPÍTULO I – RESGATANDO A HISTÓRIA DA FAMÍLIA | 07 |
| CAPÍTULO II – QUE FAMÍLIA É ESTA QUE ESTAMOS PESQUISANDO? | 29 |
| CAPÍTULO III – ENTENDENDO A PESQUISA E SEU REFERENCIAL TEÓRICO | 49 |
| CAPÍTULO IV – AS HISTÓRIAS DE JOANA, SILVIA, ELENA E ROSE – DIFERENTES E IGUAIS A TANTAS OUTRAS MULHERES / MÃES CHEFES DE FAMÍLIA – AS CONSEQÜÊNCIAS DA SEPARAÇÃO. | 63 |
| CAPÍTULO V – ANALISANDO O PROCESSO VIVIDO POR ESTAS MULHERES E AS REDES SOCIAIS DE SUPORTE | 79 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 103 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 109 |
| ANEXOS | 113 |

INDÍCE

| | |
|---|----|
| Introdução | 01 |
| O Problema | 03 |
| Delimitando e discutindo o problema | 03 |
| Os capítulos | 05 |
| Capítulo I – Resgatando a história da família | 07 |
| I.1. Trabalhando o conceito de família | 08 |
| Entendendo o processo histórico da formação da família. | 09 |
| O papel da mulher neste processo. | 12 |
| A Família está em crise? | 14 |
| I.2. Resgate da história da família brasileira | 16 |
| Esmiuçando a história da família brasileira – o entrelaçado família e mulheres. | 16 |
| Brasil Colônia, século XVIII. | 17 |
| Brasil República: início do século XX, ano de 1916. A aprovação do Código Civil da República. | 18 |
| O Brasil Contemporâneo. | 19 |
| Enfocando o processo legislativo. | 21 |
| Brasil Colônia. | 21 |
| Brasil República. | 22 |
| O Código Civil da República e a mulher. | 22 |
| Constituição de 1988. | 24 |
| Fatos importantes posterior a Constituição de 1988 | 24 |
| I.3. Famílias monoparentais | 26 |
| Conceito de família monoparental. | 26 |
| Capítulo II – Que família é esta que estamos pesquisando? | 29 |
| II.1. Trabalhando com dados | 31 |
| A camada média. | 35 |
| II.2. A mulher de camada média no processo de transformação da sociedade brasileira | 44 |
| A geração de transição e a nova geração: Família contemporânea brasileira. | 46 |
| Capítulo III – Entendendo a pesquisa e seu referencial teórico | 49 |
| III.1. A pesquisa | 49 |
| III.2. Definindo representação social | 51 |
| III.3. Procedimentos metodológicos | 54 |
| Coleta de Dados | 55 |
| Pesquisa bibliográfica | 55 |
| Pesquisa de campo | 55 |
| A realização do campo | 55 |
| A análise. | 56 |

| | |
|--|-----|
| Apresentando os sujeitos da pesquisa. | 58 |
| Capítulo IV – As histórias de joana, silvia, elena e rose – diferentes e iguais a tantas outras mulheres / mães chefes de família – as consequências da separação | 63 |
| IV.1. Vivendo o processo de separação – o reflexo nos filhos e suas perdas | 64 |
| IV.2. Vivendo o processo de separação – a questão da guarda | 69 |
| IV.3. Vivendo o processo de separação – as perdas e os ganhos | 71 |
| IV.4. Vivendo o processo de separação – a vida social | 74 |
| IV.5. Vivendo o processo da separação – a religião | 76 |
| Capítulo V – Analisando o processo vivido por estas mulheres e as redes sociais de suporte | 79 |
| V.1. A renda | 81 |
| V.2. A rede social de suporte | 87 |
| V.2.1. O mercado de trabalho | 87 |
| V.2.2. O dia a dia | 90 |
| V.2.3. A família | 91 |
| V.2.4. A ajuda recebida economicamente | 93 |
| V.2.5. Os amigos | 94 |
| V.2.6. A saúde | 96 |
| V.2.7. O uso de outros meios públicos | 99 |
| V.3. A reestruturação – colhendo os frutos | 100 |
| Considerações finais | 103 |
| Referências bibliográficas | 109 |
| Anexos | 113 |
| I – questionários e formulários | 114 |
| II – roteiro de discussão | 118 |
| III - entrevistas | 121 |

INTRODUÇÃO

A pesquisa surgiu a partir de minhas próprias vivências, enquanto filha de pais da classe média. Desde a adolescência percebi os caminhos que meus amigos tomavam: pareciam perdidos, sem muitas perspectivas. Estavam fazendo uso de drogas e alguns seguiram um caminho sem volta. Com o passar do tempo, verifiquei que um contingente maior de jovens estava seguindo um caminho equivocado, cada vez mais cedo e com drogas mais pesadas. Se antes eram raros os que faziam uso da cocaína, a linha do tempo mostrou que a frequência se tornou maior.

Esses adolescentes passaram a também se envolver com o tráfico: tornaram-se vendedores de droga a fim de sustentar seu próprio vício. Comecei então a questionar o que estaria acontecendo com aqueles jovens e como a família atuava neste sentido. Uma vez chegada ao patamar da reflexão acadêmica, parti de uma afirmação de Carvalho:

As expectativas em relação à família estão, no imaginário coletivo, ainda impregnadas de idealizações, das quais as chamada família nuclear é um dos símbolos. A maior expectativa é de que ela produza cuidados, proteção, aprendizado dos afetos, construção de identidades e vínculos relacionais de pertencimento, capazes de promover melhor qualidade de vida a seus membros e efetiva inclusão social na comunidade e sociedade em que vivem. (CARVALHO, 2000, p. 13). [grifos meus].

A asserção de Carvalho nos faz pensar em como ficam as expectativas para o sujeito e de que maneira tudo funciona realmente. A família tem o papel de apoiar a criança e o jovem com o intuito de auxiliá-lo na sua vida atual e futura. Isto quer dizer, se sentindo cuidado, protegido, amado, o ser em formação poderá construir uma identidade que lhe permita se relacionar com o meio ambiente e com a sociedade, tornando-o capaz de conviver e se incluir nos espaços em que vive.

Podemos pensar que o problema começa justamente aí. Na sociedade contemporânea vivemos uma fase de consumo desenfreado e a camada média é uma das suas maiores peças. Compra-se tudo: desde alimentos até academias, passando por escolas especializadas, ensino paralelo, saúde sofisticada, enfim, tudo o que é possível pagar com dinheiro, nem que seja a prazo. A busca por manter um padrão de vida que as pessoas julguem satisfatório faz com que priorizem a carreira, ficando a idéia de que, dando aos filhos o que desejam consumir, resolve-se à questão da falta de tempo para as afeições, uma vez que, consumindo, a prole está com os afetos preenchidos.

Pensando nestas questões de consumo, excesso de trabalho por parte dos pais e, porque não, excesso de atividades por parte dos filhos, mais uma vez a família entrou em pauta na fixação do objeto de minha dissertação. Após um longo percurso percorrido, um grupo foi delimitado para ser estudado. A questão era, nesse momento, a família contemporânea brasileira da classe média. Entretanto, este era um grupo muito grande para um projeto de mestrado. Na delimitação do tema, surgiu a questão da mulher chefe de família e sua crescente presença, principalmente na classe que me ocupava.

A idéia era entender como funcionava e se estruturava a rede social de suporte da família — uma vez que, separada, sem a presença do marido em casa e com a queda da renda, ela obrigatoriamente teria que se reestruturar.

A família de que vou falar — sempre entendida como aquela da classe média — aponta para um novo panorama da realidade brasileira. Nesse cenário recente, observam-se mulheres que vêm assumindo gradualmente um papel que há poucas décadas atrás, com exceção de raros casos, pertencia só ao homem: o de chefes de família. Pretendo focar essa mulher com o objetivo de traçar parâmetros sobre o funcionamento de sua rotina — e sobre as alterações que esta sofre, decorrentes da separação conjugal —, buscando delinear principalmente quais são as Redes Sociais de Suporte que acompanham a nova família.

O Problema

A pesquisa considera o papel da família contemporânea brasileira. A ênfase nesse momento é dada às mães chefes de família da camada média urbana. O objetivo é efetuar a compreensão do conjunto familiar conduzido pela mãe chefe de família; desejo examinar de que maneira a nova realidade enfrentada por esse grupo de pessoas as faz buscar — ou não — novos meios de suporte. Por exemplo, delinear o tipo de ligação que mantêm com os serviços públicos e de que maneira resolvem a questão da queda da renda.

Delimitando e discutindo o problema

Tendo como pressuposto que a família vem sofrendo alterações quanto a sua antiga estrutura. Desde a década de sessenta, com a industrialização e a urbanização, a mulher ganhou na sociedade um espaço de que antes não dispunha. Neste início do novo século, é cada vez mais comum encontrarmos lares chefiados por mulheres. O que antes era uma característica só das camadas pobres expandiu-se para outras classes sociais, e tem se verificado sobremaneira na camada média da população.

Não procuro aqui apontar as razões que têm levado um contingente cada vez maior de mulheres a viver nessa situação, mais sim entender a estrutura familiar (a criança, o adolescente e a mãe) diante desta nova realidade, além de esboçar como se estrutura esta “nova” rede de apoio social.

Estimo que a camada média fica sem suporte no que diz respeito às ações governamentais e não governamentais de apoio à criança, ao adolescente e a família, por uma série de fatores. Dentre eles indico o não conhecimento dos serviços da rede, a falta de orientação para efetuar a busca desses serviços, a falta de interesse em procurá-los e, por fim, até mesmo a vergonha de ter de usá-los.

É usual que a camada média mantenha seu padrão de vida a partir da renda dos dois cônjuges. Os salários, mesmo corriqueiramente desiguais no aspecto quantitativo, somam-se num efeito desejável. Com a separação, essa renda é dividida e destinada, a partir desse momento, a sustentar duas casas. O padrão de consumo de ambas as moradias entra imediatamente em queda; para minimizar os efeitos indesejáveis são necessárias mudanças e rearranjos que alteram a vida de todos os envolvidos.

Marginalizados pela sociedade, que ainda tem preconceitos quanto a mães que trabalham fora, desconsiderados pelos projetos que priorizam a atenção a famílias de baixa renda, e desatendidos por serviços que se encarregam de famílias em situações como a da pesquisa, esses novos núcleos familiares não buscam ajuda diante da necessidade. Quando o fazem, buscam por alternativas individuais (por exemplo, em relação a planos de saúde), quando seria interessante que compartilhassem com outras pessoas em igual situação.

Os capítulos

No primeiro capítulo proponho um olhar panorâmico sobre a história da família desde a Antiguidade. A finalidade é apresentar a família em sua integralidade e os percursos percorridos para chegarmos até onde estamos. Creio que uma visão tomada sobre a linha do tempo aguça nosso instrumental de análise, daí a pertinência da abordagem histórica.

No segundo capítulo delinco uma caracterização do grupo pesquisado e sua inserção na sociedade. Pretendo, alicerçada em dados publicados pelo IBGE, demonstrar a relevância e a importância do tema pesquisado.

No terceiro capítulo dou a conhecer a metodologia usada e faço a apresentação do grupo pesquisado.

No quarto e quinto capítulos analiso os dados obtidos, segmentando-os em dois momentos: as consequências da separação e as redes sociais de apoio.

A conclusão

Com o trabalho de pesquisa realizado pude concluir que existe uma necessidade de conhecer melhor a população formada por mulheres/mães chefes de família de camada média, que é importante aprofundar a análise das redes sociais de suporte, abordando novos pontos e novas questões, para possibilitar, num futuro próximo, a montagem de programas de atenção e apoio à família de camada média.

CAPÍTULO I - Resgatando a História da Família

“Nenhuma instituição humana jamais teve uma história mais surpreendente e rica de eventos, nem condensa os resultados de uma experiência mais prolongada e diversificada. Ela exigiu os mais altos esforços mentais e morais no curso de inúmeras épocas para se conservar em vida e para se transformar através dos estágios diversos até sua forma atual” (Morgan, 1970, p. 63).

A criança e a infância através dos séculos receberam diversas formas de olhar do adulto. A princípio as crianças não passavam de pequenos adultos e assim eram chamados. Não existia a relação de amor e de cuidado. Era um pequeno ser que necessitava de carinho apenas nos primeiros anos de vida. Muito cedo já eram considerados adultos.

Com o desenvolvimento da sociedade, e principalmente o início da separação do âmbito público e do âmbito privado, a criança ganha um novo olhar, um novo espaço na vida cotidiana. O surgimento do sentimento de infância, segundo Áries (1975), data do século XIII, contudo, somente a partir do século XV é que a infância muda concretamente de figura, com Gerson, que aparece como “defensor da moral” e cria um manual de “etiqueta”. É o começo da organização da escola, que foi criada pela Igreja como forma de doutrinação.

A relação sociedade/igreja transforma a infância. A festa de primeira comunhão é a primeira festa que a criança recebe. É a racionalização. A criança, depois de ser “doutrinada”, passa de um ser imperfeito a um ser racional, educado, merecendo ser comemorado. É a disciplina e a racionalidade. Dessa maneira, podemos compreender que infância e escola estão intimamente ligadas.

A família sofre uma profunda transformação, causada pela modificação das relações internas que mantêm com a criança (ARIÈS, 1975, p. 225). Surge a concepção de intimidade, o discernimento da vida pública e privada.

Essa transformação e a mudança em relação ao olhar para a criança e para a infância alteram a perspectiva da sociedade. O sentimento de família, então, está intimamente ligado à descoberta da infância. A família como aquela descrita pelo Estado (família da lei: mãe – pai – filhos), que será posteriormente discutida, começa a se “concretizar”. Seu conceito, aproximadamente semelhante ao que é entendido hoje por família, começa a ser descrito.

A família como ambiente carinhoso, amoroso, vem a partir do século XIX. É a família institucional, cuidada e controlada pelo Estado. É o que se observa sobre a Família como Instituição: a família da lei e o “amor materno”, institucionalizados pelo Estado (anotações de aula – ED724A).

I.1. Trabalhando o conceito de família

Segundo Bourdieu (1997), o conceito de família normal é construído a partir da realidade social, isto é, “a família é um conjunto de indivíduos aparentados, ligados entre si por aliança, casamento, filiação, ou, excepcionalmente, por adoção (parentesco), vivendo sob o mesmo teto” (BOURDIEU, 1997, p. 124).

Nas sociedades monárquicas o público e o privado não eram divididos, constituindo uma só e mesma coisa. As relações familiares tinham características de instituições públicas (FLANDRIN, 1984). Eram as relações familiares, de parentesco, que modelavam as relações políticas. Não havia diferença entre a autoridade exercida pelo monarca sobre seus súditos e aquela de um pai em relação a seus filhos; tal ato era visto com grande naturalidade e respeito.

Entendendo o processo histórico da formação da família.

A família, com o passar dos séculos, foi se organizando até chegar àquela que conhecemos hoje. Ela, segundo Morgan (1970), apesar das modificações em sua estrutura, pode ser ainda denominada de família monogâmica. Para esse autor, a família pode ser um medidor da evolução da espécie humana, regulado através de “sucessivos estágios de desenvolvimento”, chegando ao que conhecemos hoje por meio do surgimento da moral.

Ainda Morgan (1970), em **A família antiga**, aponta cinco formas de família: a consangüínea, a punaluana, a sindiásmica ou de casal, a patriarcal e, por fim, a monogâmica. Entretanto, acredita que a evolução se reteve em apenas três formas, que evoluíram de maneira a substituir-se consecutivamente. Foram elas a consangüínea, a punaluana e a monogâmica.

Cada uma delas pode ser descrita da seguinte maneira (MORGAN, 1970, p. 56-57):

Família consangüínea: “(...) intercasamento de irmãos e irmãs, carnais e colaterais, no interior de um grupo”.

Família punaluana: “(...) casamento de várias irmãs, carnais e colaterais, com maridos de cada uma das outras, no interior de um grupo (...) o casamento de

vários irmãos, carnis e colaterais, com esposas de cada um dos outros, no interior de um grupo; (...) o grupo de homens era conjuntamente casado com o grupo de mulheres”.

Família sindiásmica: “(...) casamento entre casais individuais, mas sem obrigação de coabitação exclusiva. O casamento prosseguia enquanto ambas as partes o desejassem”.

Família patriarcal: “(...) casamento de um só homem com diversas mulheres; era acompanhado geralmente pelo isolamento das mulheres”. No item enfocando o processo legislativo, você poderá ver que Koerner chama de patriarcal a família que Morgan chama de monogâmica, e isto pode ser visto em outros textos também, entretanto, todos ligam a família patriarcal à necessidade de manutenção do patrimônio, da terra.

Família monogâmica: “(...) casamento de casais individuais, com obrigações de coabitação exclusiva”.

Flandrin (1984), diferentemente de Morgan (1970), irá trabalhar a família, seu conceito, através da definição encontrada em dicionários, datados dos séculos XVI até os dias atuais. De acordo com suas fontes, a família não era necessariamente formada por pessoas que viviam sob o mesmo teto, mas na verdade por parentes que não coabitavam. Também entravam nessa categoria as pessoas que coabitavam, e que, entretanto não necessariamente ligadas por laços de sangue ou casamento. Essas famílias já são as denominadas monogâmicas, descritas por Morgan no parágrafo acima.

Flandrin (1984), em **Famílias – parentesco, casa e sexualidade na sociedade antiga** aponta que, em 1690, família era constituída por aqueles que viviam na mesma casa: nela estavam inclusos o chefe da casa e seus servos. Abrangia tanto esposa e os filhos quanto os servidores. Essa visão ocorria em

razão de todos dependerem de um mesmo líder, no caso o chefe da família. Podia acontecer de também incluir os servidores que não moravam na mesma casa, mas que trabalhavam para o chefe da família. Não se separava casa de *família*.

A mudança desta postura começa com o surgimento da sociedade burguesa. Dizia-se que quem tem casa era a nobreza, enquanto que o termo família era relacionado à sociedade burguesa. Isto porque, naquela época, as relações estavam intimamente ligadas à propriedade. É somente a partir do século XIX que a idéia de que família significava parentesco e coabitação passa a existir. Em meio a esta transformação, a família composta pelas três díades: pai - mãe, mãe - filhos, pai - filhos; torna-se a base da sociedade (FLANDRIN, 1984).

Na sociedade industrial surge a “família instável”, também composta pelas três díades, entretanto, o que se vê é um abalo na família, com a saída dos filhos adultos que se casam e constituem novos lares. Esta situação se acentua na sociedade industrial, principalmente em razão das pessoas saírem de casa para buscar novas possibilidades de emprego e crescimento. O que antes estava fixado na propriedade privada, passa a ter um novo valor. É como se a saída dos filhos e o falecimento dos pais significasse o fim daquela família.

Estas pequenas propriedades acabavam por amarrar o filho primogênito à casa dos pais. Era ele quem tinha o direito sobre a propriedade e ao negócio da família quando se casava. Ele deveria não só ficar na terra como herdava também o ofício de seu pai. As filhas mulheres, ao se casarem, entravam para outras famílias, enquanto que os filhos homens, caso desejassem sair de casa, recebiam um dote para começarem a vida em outro lugar. O dote era retirado dos rendimentos da família; a propriedade, em nenhum momento, era tocada.

Diferente da sociedade industrial, os filhos que optavam por não sair de casa eram recebidos pelo irmão e trabalhavam com ele, aceitando sua autoridade

sem questionamentos. O mesmo acontecia com as mulheres que acabavam por auxiliar nos afazeres da casa.

Entretanto, a condição para permanecer na casa era a de não procriar: este direito só cabia ao dono da casa. Se o núcleo familiar não conseguisse gerir sozinho seus negócios, criados eram contratados e passavam a fazer parte da família, incluindo-se nas regras que comandavam os membros ligados por parentesco (FLANDRIN, 1984).

O papel da mulher neste processo.

A mulher tem um importante papel na modificação da família monogâmica. Segundo Engels (1973), antes da industrialização os casamentos eram sempre realizados por conveniência. A mudança efetiva do casamento monogâmico, realizado com base no amor conjugal e na promessa de fidelidade, como se supõe ser o dos nossos dias, surge na industrialização. A mudança se dá através da transformação do papel da mulher na sociedade: lançada ao mercado de trabalho, ela adquire os mesmos direitos e deveres no casamento.

A família monogâmica esta destinada a progredir ainda mais, até o reconhecimento completo da igualdade dos sexos no interior de uma justa relação matrimonial (MORGAN, 1970, p. 62).

A família monogâmica existe há três mil anos e pode-se dizer que a evolução da família está diretamente ligada à melhoria das condições de vida. Entretanto, ainda veremos que alguns fatores relacionados demoraram um pouco mais para ser definido nos “padrões atuais”.

Na sociedade antiga, mais para o final do período da barbárie, vemos a sociedade começando a traçar um perfil monogâmico, sem existir a necessidade de coabitação. O casamento existe como um período de acasalamento, que dura enquanto o casal estiver de acordo. Um pouco mais tarde, ainda no mesmo período, isto já não acontece mais; os casais passam a dividir o mesmo teto como norma; contudo, o homem dita as regras — deve existir fidelidade e exclusividade entre o casal — havendo penas cruéis a quem as infrinja. Paradoxalmente, contudo, o homem noticia que está, ele mesmo, isento de tal obrigação.

Na Grécia, a desigualdade fica ainda mais evidente. A mulher é isolada dentro da família, dominada pelo marido, sem direitos definidos. Só com o aparecimento da família moderna, na Grécia e Roma, é que a mulher recebe um novo papel, como o citado acima.

Como o próprio Morgan diz, cada fase é muito longa, dura o tempo suficiente para que passe por “períodos de infância, maturidade e decadência”. Desta maneira podemos entender como ficou impregnado o papel de submissão da mulher, como que escrito e guardado em nossos DNAs.

A Família está em crise?

Se partirmos do conceito clássico de família, no qual cada papel é muito bem definido e delimitado, podemos pensar que estamos diante de uma crise no que se entende por família (JELIN, 1995, p. 394).

Para Bourdieu (1997), a família não existe. Ela foi criada pelo Estado como forma de controle social. Ela se mantém porque o Estado tem interesse em continuar com a sua existência, por isso subsidia a família e garante a sua continuidade.

Confrontar Estado e família, famílias e o que cada uma delas julga ser família nos fará perceber que estamos lidando com um conceito mutável. Podemos denominar de família muitos tipos de constituições. Aquela sobre a qual iremos discorrer não é a família da lei citada anteriormente, pois dentro de casa o que existe é apenas a relação mãe – filhos. Podemos chamá-las de famílias monoparentais, conceito que será desenvolvido no final deste capítulo.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), no artigo 25 da seção II, de família natural, diz: “Entende-se por família natural a comunidade formada pelos pais ou qualquer deles e seus descendentes”.

A pluralidade de conceitos relacionados à família — cada um deles desenvolvido de acordo com uma determinada época — mostra como é difícil traçar os contornos dessa concepção. O que é possível fazer é delimitar a família-alvo que estamos pesquisando, e somente em sua constituição, ou seja, o que se pode dizer é apenas que se trata de famílias monoparentais, constituídas pela mãe e seus filhos, e que elas se organizam particularmente, cada uma à sua maneira.

Pode-se dizer assim que estamos diante de uma crise da família? Desde quando se pode afirmar, que aquela família descrita pelo Estado, aquela primeira, composta de pai – mãe – filhos, é a que devemos considerar como sendo a correta?

O que discutiremos neste capítulo é justamente o resgate deste conceito. Veremos de que maneira as famílias brasileiras, que são o foco da pesquisa, vêm se constituindo ao longo da “existência” do Brasil. Passaremos rapidamente sobre cada época — desde o Brasil Colônia, Império, República, Constituição de 1988 — até os dias atuais.

Na Constituição de 1988, família ganha um novo olhar, reforçado com o Estatuto da Criança e do Adolescente. Entretanto, aquela em que os pais “naturais” não estão em casa, não pode ser chamada de família? Avó e netos? Avós e netos? Tia e sobrinhos? Irmãos? E assim por diante.

Apesar de muitos textos clássicos sobre família terem sido pesquisados, o que mais se aproxima do que entendemos por família está em um texto de Bourdieu (1997), que aparece em um apêndice do capítulo Espíritos do Estado, em **Razões Práticas**:

(...) se admitimos que a família é apenas uma palavra, uma simples construção verbal, trata-se de analisar as representações que as pessoas têm do que designam por família, este tipo de ‘família de palavras’, ou melhor, de papel (no singular ou no plural) (Bourdieu, 1997: 125).

Então é isso: o conceito abrange o que entendemos por família. Faz-se necessário explicitar qual é nosso conceito, formulado a partir da realidade observável hoje; o descreveremos para a abordagem de nossa dissertação.

Nosso conceito de família se baseia naquilo que é passível de ser auferido em nossas sociedades. São as famílias contemporâneas, entendidas aqui como aquelas em que os papéis antes rigidamente separados perdem seu valor. Existe a presença das três díades mãe/filho, pai/filho e marido/mulher, mas não acontece como *norma*. Podemos denominar família pessoas que co-habitam, com laços de parentesco ou de carinho e aliança, existindo relações entre homem – mulher, homem – homem, mulher – mulher, com a presença ou não de filhos, sendo eles naturais ou adotivos, e relações mãe – filhos e pai – filhos, sem esquecer até mesmo daqueles que não co-habitam.

Contudo, o conceito de família está ligado a *grupo doméstico*, e se levarmos em conta a afirmação de Woortmann & Woortmann (2004, p.3) de que “(...) família, como modelo ideológico, pode ser permanente, enquanto o grupo doméstico pode variar no tempo”, podemos construir a noção de família monoparental, com a qual iremos trabalhar: falamos aqui em grupo doméstico monoparental. Voltaremos adiante sobre a explicitação da diferença entre família e grupo doméstico.

I.2. Resgate da história da família brasileira.

Esmiuçando a história da família brasileira – o entrelaçado família e mulheres.

Ao longo da história brasileira, muitas mulheres fortes surgiram para transformar a realidade em que viviam, questionando valores e normas, brigando para terem direitos a terem direitos. É assim a história de parte notável de nossas mulheres brasileiras, caracterizadas pela raça e pela força.

No final do século XIX e início do século XX, a Igreja Católica mantém sob rígido controle a “ordem social” ligada às relações de gênero. As esferas pública e esfera privada são delimitadas com rigor, com o intuito de manter as mulheres em “seus lugares”.

Para não ser[em] confundidas como transgressoras das normas sociais, morais e sexuais, as mulheres deveriam se manter na esfera privada. Códigos redigidos por homens, para homens, estabeleciam que cabia às mulheres ser esposas submissas, obedientes e silenciosas, procriando e trabalhando incansavelmente e jamais expondo ou se opondo ao que ocorresse no interior do lar (LEITE, 2002, p. 62).

Brasil Colônia, século XVIII.

A cidade de São Paulo se transforma na cidade das mulheres. Segundo o censo de 1789, 46% dos domicílios pesquisados são chefiados por mulheres (DEL PRIORE, 1989, p. 34). A justificativa para tal está no êxodo masculino para trabalhar nas minas em Goiás e no exército, Del Priore (1989) cita em **O corpo feminino e o amor**, que não existe qualquer alusão à presença do homem dentro de casa, tendo este saído em razão do trabalho, a viuvez das mulheres e até mesmo a declaração de que se tratam de mães solteiras.

Ao longo da história, e isso não apenas no Brasil, veremos a recorrência do aparecimento de mães solteiras chefiando lares sem a presença, oficial ou não, de homens. A Igreja que comandava o então Brasil Colônia ditava as regras de convivência social, referindo que os casamentos não deveriam ocorrer em razão de amor — sentimento esse que existia e era reprimido de acordo com as leis que regiam na época—, mas que era sim um dever, ou seja, os cônjuges, deveriam se unir para “pagar o débito conjugal, procriar e, finalmente, lutar contra a tentação do adultério” (DEL PRIORE, 1989, p. 33).

O casamento funcionava, em verdade, como regulador social, e a família patriarcal era um meio para implantar a disciplina cristã no povo, visando também à manutenção e à proteção do patrimônio (CRUZ, 2002, p. 129). Por essa razão, casamentos eram arranjados sem necessariamente haver qualquer relação de carinho ou afeto entre os cônjuges. O que se vê então são relações de aparência, enquanto homens e mulheres mantêm relações extraconjugais. Esse quadro aplicava-se à sociedade aristocrática, não sendo realidade entre os pobres.

Ainda no início do século XX escutaremos que mulheres de “boa família” são aquelas pertencentes à classe média e alta (MALUF & MOTT, 1998). O quadro permanece sem alterações radicais, pois apesar da aparente evolução da sociedade, mesmo no século XXI nos deparamos com indivíduos que não se

relacionam com pessoas de estratos sociais diferentes, o que configura, ainda hoje, uma separação de classes.

Brasil República: início do século XX, ano de 1916. A aprovação do Código Civil da República.

A responsabilidade pela família passa a ser dos cônjuges. As mulheres têm como guia de comportamento livros e revistas. A revista mais importante da época foi a Revista Feminina (1920), escrita por homens e mulheres que usavam pseudônimos para falar abertamente sobre o que pensavam. É o início do movimento de emancipação da mulher.

De acordo com o texto de Maluf & Mott (1998), dentro desta mesma revista intelectuais, homens e mulheres, aparecem lutando um contra o outro. Homens com o papel de manter as mulheres trancafiadas dentro de casa e mulheres lutando para sair. São desafios de papéis, briga por um lugar melhor na sociedade. O casamento passa por um momento de crise e, em consequência, a família toda encontra-se em crise.

Na antiga separação — mulheres no espaço privado e homens no espaço público —, cada um tinha o seu papel e não há como haver uma função diferente para cada um. A mulher que se sustentava através do tripé mãe/ esposa/ dona de casa queria a mudança de suas possibilidades. Na sociedade moderna o que teremos é a mãe/ esposa/ dona de casa/ profissional. O tripé ganha mais uma perna, a mulher adquire mais um papel, sem dividir com os homens a função doméstica diária.

Entretanto o mais comum, na época da República, ainda são mulheres trabalhando fora de casa em época de celibato, pois para o homem casado significava fracasso precisar que a mulher trabalhasse fora para ajudar nas

despesas da casa. Feria a então identidade social desejável, tanto do homem quanto da mulher (esposa virtuosa vs moça dos tempos modernos).

As alterações do modelo não ocorrem impunemente: para o homem, as transformações provocadas pela mudança de comportamento das mulheres significaram a corrosão da ordem social (MALUF & MOTT, 1998). A mulher deserta o lar e busca suas próprias realizações.

O Brasil Contemporâneo.

Novamente parece ser a mulher o fio condutor das mudanças que a família contemporânea enfrenta: buscando novos espaços na sociedade, ela acaba transformando também o papel do homem.

A mulher que tem uma profissão, que tem controle sobre seu corpo (através dos métodos anticoncepcionais), que tem papel importante nas suas relações, sejam elas no espaço público ou privado, altera, querendo ou não, as relações dentro e fora de casa. Esse quadro necessariamente representa alterações familiares.

O direito ao divórcio, por si só, já foi capaz de alterar o arranjo das organizações familiares. Uma série de novas relações aparece com o divórcio, como podemos verificar em Bilac (2000): "(...) nas novas condições criadas pelo aumento dos divórcios, separações e recasamentos, criam-se relações complexas entre domicílios" (BILAC, 2000, p. 36), ou seja, pais e filhos passam a conviver em casas separadas, os novos casamentos implicam na convivência com madrastas e padrastos, filhos nascem destas novas uniões e filhos dos antigos casamentos do novo casal se agrupam. Muitas mudanças acontecem, novos arranjos são formados.

No mundo contemporâneo, as mudanças ocorridas na família relacionam-se com a perda do sentido da tradição. Vivemos numa sociedade onde a tradição vem sendo abandonada como em nenhuma outra época da História. Assim, o amor, o casamento, a família, a sexualidade e o trabalho, antes vividos a partir de papéis preestabelecidos, passam a ser concebidos como parte de um projeto em que a individualidade conta decisivamente e adquire cada vez maior importância social (SARTI, 1993, p. 43).

O problema da geração atual parece ser justamente a busca da individualidade sem abrir mão da manutenção das relações sociais familiares. Ou seja, para existir família é necessário que exista uma série de pré-requisitos, entre eles a necessidade da existência da autoridade dentro do lar, uma vez que crianças necessitam de limites para crescer de modo saudável. Para uma convivência comunitária é necessária a presença de regras. Contudo, o que mudam são os papéis de cada um dentro deste espaço: a autoridade não precisa necessariamente estar ligada ao homem e os papéis e funções dentro do lar não precisam seguir uma lei rígida. Existe espaço para a conversa.

Enfocando o processo legislativo.

O processo de transformação legislativa na compreensão legal do que é família no Brasil no decorrer da história, desde o Brasil Colônia, o Império, a República e a Constituição de 1988, além da transformação do papel da mulher na sociedade — sobretudo em relação ao casamento — se deu *grosso modo* da seguinte maneira:

Brasil Colônia.

No Brasil Colônia o que predominava legalmente era a família patriarcal, constituída pelo pai provedor e a mãe dona de casa; entretanto, como pudemos verificar pelo texto de Morgan, não era bem esta a realidade que efetivamente

predominava, devido aos interesses da sociedade da época. Estes propunham-se sobremaneira a implantar a disciplina cristã entre os povos da colônia (KOERNER, 2002, p. 74). Contudo, este não era o modelo exclusivo da época, apesar do único casamento válido ser aquele realizado pela Igreja:

A organização familiar variava segundo as classes sociais, havia mulheres como chefes de família, adultérios confessados, concubinatos e bigamia. Assim, o modelo de família patriarcal que a lei e a moral dominantes ordenavam era inefetivo, pois no século XVIII viam-se, por exemplo, casamentos arranjados sendo desfeitos, mulheres divorciadas que conseguiam a tutela dos filhos e sua parte no patrimônio (KOERNER, 2002, p. 74).

A partir dos aspectos apontados pelo autor, infere-se que a família patriarcal não passava de uma ilusão. A família que oficialmente se queria não existia de maneira efetiva.

O mesmo se passava no que dizia respeito à guarda dos filhos: pela lei era o pai quem obrigatoriamente ficava com as crianças, permanecendo com a mãe somente se fossem menores de três anos; ultrapassada esta idade, iam morar com o pai. Isto não ocorria de fato, como é apontado por Koerner, que descreve situações nas quais a mãe mantém a tutela de seus filhos. Conclui-se que a mulher não desempenhava um papel legal no que dizia respeito a seus filhos. Não existiam direitos, apenas obrigações.

Brasil República.

Na República mantém-se o código de família do Brasil Colônia, ocorrendo uma busca pela legalidade e reconhecimento dos filhos “ilegítimos”. A família aparece como negócio, existindo regras contratuais e mercantis. Existia o interesse de que a herança não saísse da família.

Surge o Código Civil. O casamento que passa a ser validado era somente aquele feito em registro civil, perdendo a validade os casamentos feitos pela igreja. Nesta época os casamentos legais se reduzem, devido seu alto custo.

(...) o Código Civil laicizou as relações familiares ao considerar válido perante a lei apenas o casamento civil. O Código também abandonou alguns dispositivos arcaicos, como a figura do filho-famílias, o usufruto pelo pai dos bens herdados pelos filhos dependentes, mesmo que maiores, e casos de deserdamento dos filhos por casarem sem consentimento (KOERNER, 2002, p. 77).

O Código Civil vem manter a sociedade, havendo, através da família, o controle social por parte do Estado. “A família, como os outros institutos jurídicos, era uma função social e sua defesa pelo Estado era considerada necessária para garantir a ordem social existente e estimular o desenvolvimento da sociedade” (KOERNER, 2002, p. 78).

O Código Civil da República e a mulher.

O Código Civil condicionava a mulher a ser inferior: “(...) a nova ordem jurídica incorporava e legalizava o modelo que concebia a mulher como dependente e subordinada ao homem, e este como senhor da ação” (MALUF & MOTT, 1998, p. 375).

Seu papel estava condicionado ao tripé mãe-esposa-dona de casa e assim o era “pregado pela Igreja, ensinado por médicos e juristas, legitimado pelo Estado e divulgado pela imprensa” (MALUF & MOTT, 1998, p. 374), recobrando dessa forma a mulher em sua identidade, reduzindo o ser mulher em obrigações e deveres.

Não era só a lei que penalizava e limitava a mulher: as chamadas 'regras de costumes' permitiam ao homem agredir suas esposas se assim o achassem necessário, como podemos aprender em Maluf & Mott (1998):

Usos e costumes, porém, revelam que o âmbito do poder do marido ia mais longe do que o previsto pela lei. A ele cabia deliberar sobre as questões mais importantes que envolviam o núcleo familiar: a apropriação e a distribuição dos recursos materiais e simbólicos no interior da família, o uso da violência considerada 'legítima', cujos limites eram debilmente contornados por aquilo que se considerava excessivo, e o controle sobre aspectos fundamentais da vida dos familiares, como as decisões sobre a escolha do tipo e local da formação educacional e profissional dos filhos (MALUF & MOTT, 1998, p. 376).

A aparente razão de sobejar à mulher a identidade de mãe e esposa estava no fato de que era necessário que um dos cônjuges assumisse o papel de direcionar as relações familiares e conjugais, somente isso. Não existia nada que referisse que a mulher não tinha capacidade para tal função. Pelo contrário, tinham capacidade física e mental equivalente (MALUF & MOTT, 1998).

O Código Civil de 1916 interpretou o modo como cada um dos cônjuges deveria ser apresentado socialmente. Um conjunto de normas, deveres e obrigações, com seu correlato inibidor e corretivo, foi formalmente estabelecido para reger o vínculo conjugal, a fim de assegurar a ordem familiar. A cada representante da sociedade matrimonial conferiu-se um atributo essencial. Assim, se ao marido cabia promover a manutenção da família, à mulher restava a identidade social como esposa e mãe (MALUF & MOTT, 1998, p. 379).

Constituição de 1988.

Na Constituição de 1988 o enfoque está voltado pela primeira vez sobre a mulher, a criança e o adolescente. Instituiu a proteção especial da família pelo

Estado. Passam a existir relações de igualdade e de direito, nas quais a família ganha um novo status, passando a ser centrada no afeto mútuo e no consenso; há também uma quebra no que diz respeito à relação marido-mulher-filhos.

Fatos importantes posterior a Constituição de 1988

ECA: Estatuto da Criança e do Adolescente – O Estado e a sociedade têm o dever de assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. (KOERNER, 2002, p. 71-72).

A união estável, reconhecida na Constituição, tem o estatuto de entidade familiar e, equiparada à família, tem os efeitos do casamento, em relação à comunhão de bens. (KOERNER, 2002, p. 86).

O Estatuto da Mulher Casada eliminou a incapacidade relativa da mulher casada, que passou a poder praticar livremente todos os atos que o marido também podia praticar, sem a necessidade da anuência deste. Estabeleceu a cooperação diferenciada dos cônjuges no interesse comum do casal e dos filhos, o que significava a participação de ambos nas decisões da família. Porém, a diferença de funções mantinha o homem como chefe da sociedade conjugal, pois a ele cabia prover o sustento da família e a administração dos bens. A mulher cabia principalmente a direção moral e material da casa e sua contribuição econômica era considerada subsidiária. Estabeleceu o livre exercício profissional da mulher, isso significando que ela não precisava mais da autorização do marido para a escolha e exercício da sua profissão. Criou os bens reservados da mulher, ou seja, aqueles que ela adquirisse com o exercício da sua profissão não entravam na comunhão de bens e eram administrados por ela. (KOERNER, 2002, p. 90).

O modelo da família patriarcal adotado pela antiga legislação era um instituto fixo, regulado pelas normas rígidas determinadas na lei positiva, excluindo de seus conceitos as relações que não fossem conforme a seus critérios. O Código civil acompanha este desígnio, estabelece regras rígidas, e parece que a prática de julgamento pode manter-se a mesma. Durante a República, em particular depois do Estado Novo, o esquema do Código passa a ser interpretado de maneira progressivamente diferente porque o Judiciário reconhece os efeitos jurídicos dos agrupamentos familiares excluídos do esquema dominante e porque as transformações sociais (urbanização), de informações, de moral sexual pressionaram as novas regras. (KOERNER, 2002, p. 96).

A Constituição de 1988 determina a superação do esquema conceitual do Código, cuja unidade legal situa-se no conceito da família instituída pelo casamento. A Constituição adota a pluralidade de modelos de família, a igualdade dos cônjuges, a proteção da criança e do adolescente, objetivo de garantir a dignidade da pessoa humana e a realização de suas plenas potencialidades. (KOERNER, 2002, p. 96).

I.3. Famílias Monoparentais

A existência de famílias chefiadas por mulheres não é uma novidade. No Brasil e no mundo, principalmente nas camadas mais pobres, conhecem uma história secular. Entretanto, estas famílias — e o foco dado a elas — eram denominadas de grupos domésticos matrifocais. Woortmann & Woortman (2004) acreditam que o que é agora novo “é a existência de grupos domésticos monoparentais (e seu crescimento proporcional) nas camadas médias brasileiras”, formadas principalmente pela díade materna com a presença ou não de parentes e agregados. (WOORTMANN & WOORTMAN, 2004, p. 2 e 40).

Conceito de família monoparental.

Conceituar o significado de famílias monoparentais parece bastante simples — o que é complexo, neste contexto, é a história e a necessidade que cada família apresenta. Além disso, é necessário compreender que família enquanto *modelo familiar* é um conceito fixo; o que temos, ao falar de família monoparental, é um grupo doméstico que se organiza a partir de uma *certa composição* familiar.

A família, para a maioria dos filhos, continua sendo os pais e os irmãos, pois na maioria dos casos a relação pai-filho é preservada. O que não vai mais existir é a co-residência paterna.

Família monoparental é um grupo doméstico formado apenas pela díade mãe-filho (díade materna) ou pai-filho (díade paterna). Este grupo se forma após o divórcio ou a separação do antigo casal, após a morte de um dos cônjuges, ou no caso das mães solteiras.

Desde um ponto de vista conceitual, a noção de monoparentalidade se ajusta melhor ao conceito de grupo doméstico que de família, mesmo porque a expressão 'parental' se refere à relação de filiação e não de conjugalidade. Por outro lado, quando aplicada à chamada díade materna, ela se refere,...mais a momentos conjunturais que a tipos de família. Contudo, um dos desenvolvimentos recentes nas relações de gênero em camadas médias é o que diz respeito a mulheres que desejam ter filhos mas não maridos, ou companheiros residentes. Monoparentalidade, pois, tem significados distintos em diferentes contextos. (WOORTMANN & WOORTMAN, 2004, p. 84).

CAPÍTULO II – Que família é esta que estamos pesquisando?

**“Amor não tem que se acabar
Eu quero e sei que vou ficar
Até o fim, eu vou te amar
Até que a vida em mim resolva se
apagar” (GILBERTO GIL – Amor
Até o Fim).**

A família vem apresentando mudanças significativas no que diz respeito à sua estrutura. Desde a década de sessenta, com a industrialização e a urbanização, a mulher conquistou um espaço na sociedade de que antes não dispunha. Na atualidade, início deste século, é cada vez mais comum encontrarmos lares chefiados por mulheres, principalmente nas camadas pobres.

A sociedade, que antes separava o público do privado (com a mulher inserida no âmbito privado, cumprindo o papel de dona-de-casa, enquanto o homem recebia o papel de provedor, trabalhando fora para que a casa tivesse tudo o que fosse necessário para o bem estar material do lar), conhece transformações, pois com o movimento feminista as mulheres saem às ruas para protestar e lutar por direitos iguais, transformando essa realidade. A família dita moderna sofre uma ruptura e novas perspectivas surgem para a vida conjugal (VAITSMAN, 1994).

Com os ganhos e as perdas sofridas com o movimento feminista, surge um novo espaço para a mulher na sociedade, na qual ganha autonomia. Ela sai de

casa, vai para o mercado de trabalho, procura se qualificar e ganhar independência financeira e individual. Ela tem controle sobre seu corpo e seus desejos (anticoncepcional, camisinha, aborto etc.). A autonomia e individualização fazem com que os casamentos ocorram mais tardiamente, e o desejo de filhos é postergado em virtude da carreira.

Em 1977, sancionada a lei do divórcio, altera-se a relação marido/mulher. O casamento, que havia sido constituído para durar até o final da vida dos cônjuges, não é mais usual. Com o final do amor o casamento, que era indissolúvel, acaba e o casal se separa; os bens são partilhados; os filhos vão para a casa de um dos pais; a mulher, se não estava inserida, vai para o mercado de trabalho, buscando uma colocação para manter sua casa e sua prole.

No decorrer das décadas a família e, em especial aqui, as famílias e a população de camada média, se reorganizaram, surgindo desta maneira novas concepções de família. Como Vaitzman (1994) indica,

Além de casais de homossexuais, conquistaram seu espaço as pessoas que viviam sós, livres do estigma de solteirões, as mães solteiras e os descasados de ambos os sexos que, juntamente com o exercício simultâneo de alguma atividade remunerada, assumiram a criação dos filhos sem a presença de um parceiro (VAITZMAN, 1994, p.13).

A autora ainda explica que, desta maneira, a família acabou se tornado mais igualitária e as atribuições, antes bem definidas, acabaram por se diluir. O fato é que as mulheres tiveram um papel fundamental nesta mudança, pois foi justamente a busca por novas perspectivas e realizações que fez com que a sociedade tivesse que se reorganizar. Os conflitos de valores igualitários e a individualização fizeram com que a família sofresse uma crise e acabasse por se transformar.

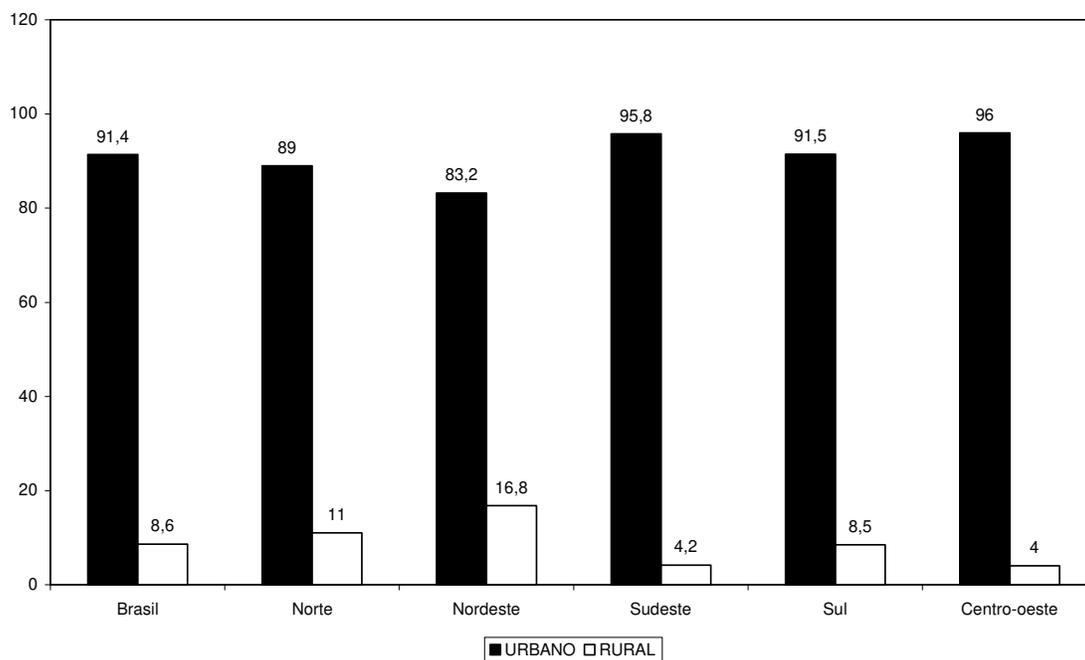
A família sobre a qual discorreremos nesta dissertação é aquela contemporânea em uma de suas formas de organização. É a família monoparental, organizada a partir de uma única díade, a mãe e filho, ficando claro que poderia se organizar através da díade pai e filho, da qual não trataremos.

Para especificar ainda mais qual seria o grupo trabalhado optamos pelas mães separadas ou divorciadas, exclusivamente pelo fato de que representam uma grande parcela da população. Poderiam entrar no grupo ainda as mães solteiras; as viúvas ou até mesmo aquelas mulheres que não são casadas, têm família, mas não dividem o mesmo teto com o companheiro. Podemos avaliar a importância do fato através da apresentação de dados obtidos junto ao IBGE.

II.1. Trabalhando com dados.

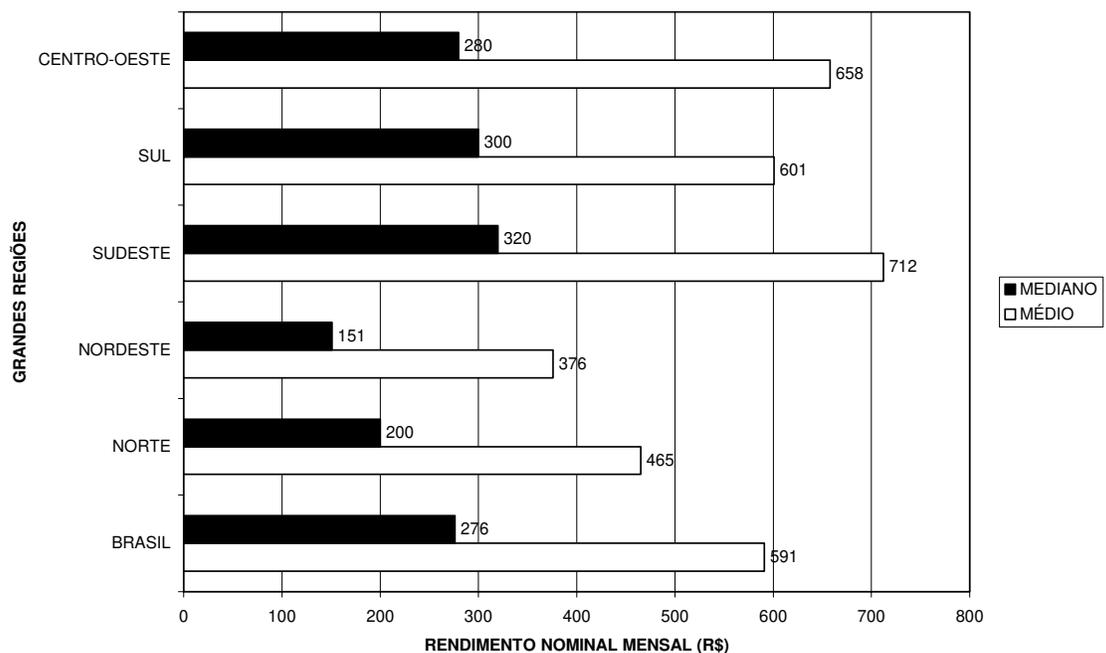
A proporção de lares compostos por famílias monoparentais e chefes de família ocorre com maior incidência em áreas urbanas do que rurais e é mais freqüente em “grupos sociais marcados pela pobreza que nas camadas médias e altas da sociedade” (WOORTMANN & WOORTMAN, 2004, p. 82), como pode ser observado pelo gráfico I, II e III.

Gráfico I - Mulheres responsáveis pelos domicílios, em números relativos, por situação do domicílio, segundo as Grandes Regiões - 2000



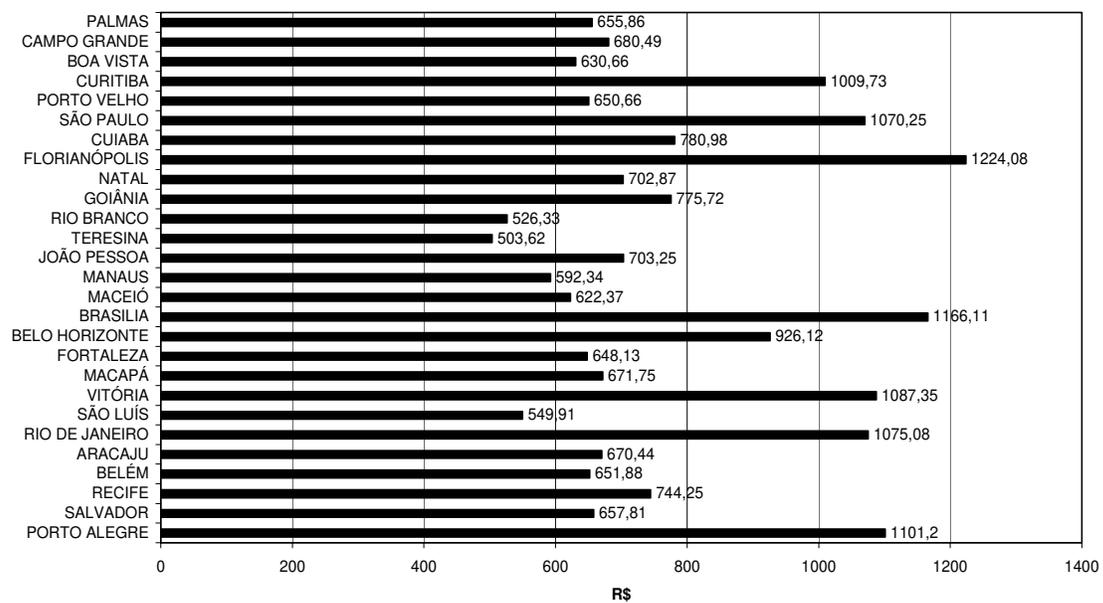
Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000. Nota: Domicílios particulares permanentes

Gráfico II - RENDIMENTO NOMINAL MENSAL DAS MULHERES RESPONSÁVEIS PELO DOMICÍLIO, SEGUNDO AS GRANDES REGIÕES - 2000



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000. Nota: Domicílios particulares permanentes

Gráfico III- RENDIMENTO NOMINAL MENSAL MÉDIO DAS MULHERES RESPONSÁVEIS PELOS DOMICÍLIOS, SEGUNDO OS MUNICÍPIOS DAS CAPITAIS - 2000



Font

e: IBGE, Censo Demográfico 2000. Nota: Domicílios particulares permanentes

No Brasil, desde o século XVII pode-se notar um grande número de lares chefiados por mulheres. Entretanto, é somente a partir do século XVIII que

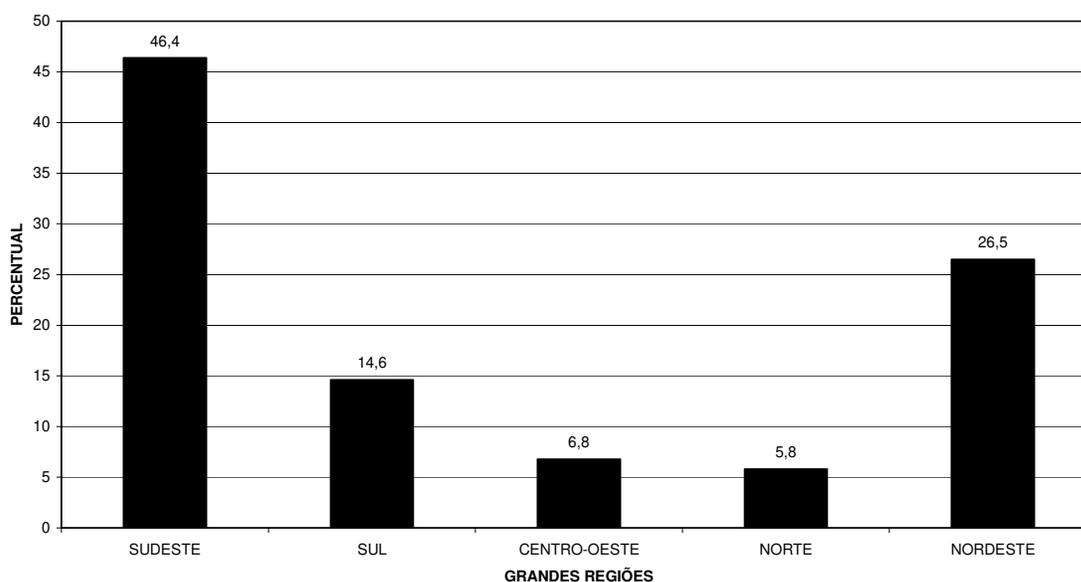
começam a chamar a atenção das autoridades, dado que contrariam os interesses da Igreja e do Estado.

No século XX podemos verificar mudanças significativas a partir de 1970, principalmente nas camadas menos favorecidas. O que se observa atualmente é um índice crescente também na camada média. Segundo Woortmann & Woortman (2004),

A proporção de famílias monoparentais – predominante de chefia feminina – tem aumentado nas últimas décadas. Segundo o Censo de 2000, Brasília é a cidade com mais alta proporção de mulheres chefes de família: 32,8 %, ultrapassando o Rio de Janeiro, onde a proporção é de 31,2%. A explicação estaria no elevado índice de separações (WOORTMANN & WOORTMAN, 2004, p. 35).

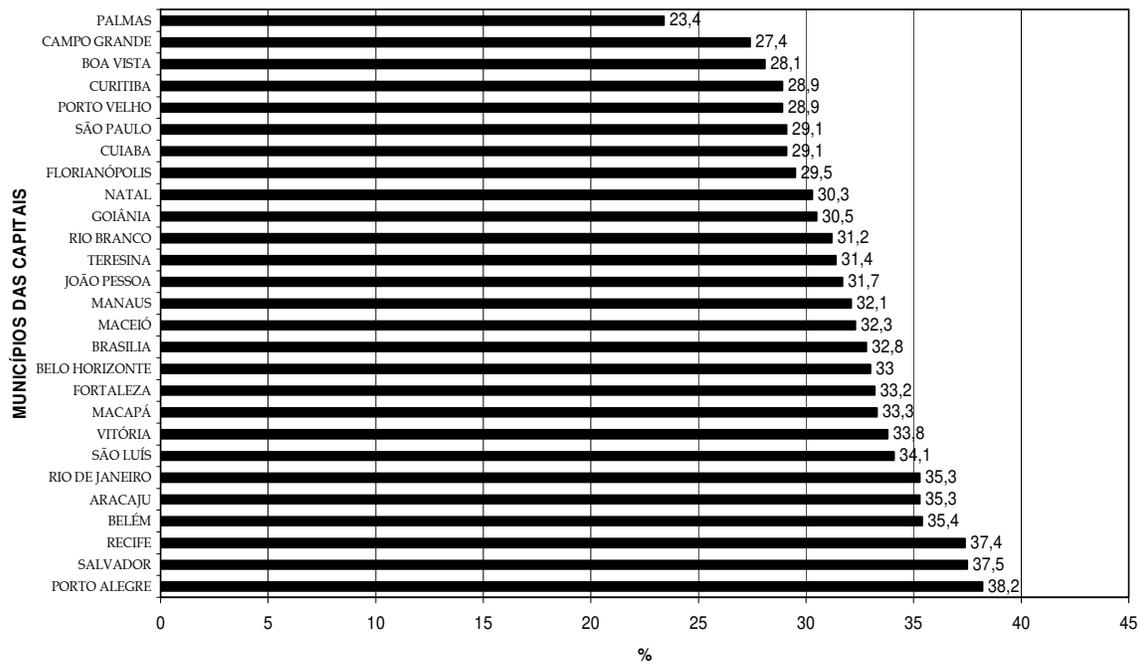
[Pelo gráfico V, podemos observar que os dados referentes ao Rio de Janeiro não conferem. Segundo dados do IBGE, o índice é de 35,3 e a cidade com mais alta proporção de mulheres chefes de família é Porto Alegre, com 38,2% dos lares].

Gráfico IV - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS DOMICÍLIOS COM RESPONSÁVEIS MULHERES SEGUNDO AS GRANDES REGIÕES - 2000



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000. Nota: Domicílios particulares permanentes

Gráfico V - PROPORÇÃO DE MULHERES RESPONSÁVEIS PELOS DOMICÍLIOS, SEGUNDO OS MUNICÍPIOS DAS CAPITAIS - 2000



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000. Nota: Domicílios particulares permanentes

A camada média.

Aparentemente, a razão do aumento de mulheres chefiando lares nas camadas médias relaciona-se com o fato de que cada vez mais esse segmento da população se lança no mercado de trabalho, modificando assim a organização familiar e alterando as relações, como podemos perceber nesta afirmação de Woortmann & Woortman (2004):

Apesar de uma percepção de que a família está desaparecendo, o que ocorre são mudanças nos padrões de comportamento, com o aumento de novos tipos de uniões, de mães solteiras e de divórcios, relacionadas às novas relações de gênero e a uma crescente participação da mulher no mercado de trabalho. O que é percebido como crise parece ser um afastamento relativo a um modelo de família 'patriarcal' que supostamente predominou no Brasil (Woortmann & Woortman, 2004: 76).

Com base justamente nestas mudanças é que optamos em pesquisar um específico grupo, a saber: mulher, separada ou divorciada, após casamento civil ou de relação consensual, tendo tido filhos desta união, que hoje mora companhia de sua prole, é a maior provedora dentro do lar, é a administradora financeira e dos cuidados com a casa.

O que queremos investigar é como está organizado este grupo e como funcionam suas relações sociais e redes de suporte, para assim delimitar suas necessidades e traçar planos de atenção para essas famílias.

Hoje, no Brasil, segundo dados colhidos no Censo 2000, existe um total de 29,4 % de mulheres responsáveis pelos domicílios. Isto significa que das 44.795.101 das famílias residentes em domicílios particulares, 11.160.635 são de mulheres chefes de família¹.

¹ Estes dados são colhidos através de pesquisa na qual o núcleo investigado indica a "pessoa de referência da família". O IBGE considera a "pessoa de referência da família aquela responsável pela família ou que assim fosse considerada pelos demais membros da família". (PNAD/IBGE 2002)

TABELA I – Pessoas responsáveis pelos domicílios, total de mulheres, segundo as grandes regiões – 2000.

| Grandes Regiões | Pessoas responsáveis | | |
|----------------------|----------------------|-------------------|--------------------|
| | TOTAL | Total mulheres | Proporção mulheres |
| Brasil | 44.795.101 | 11.160.635 | 24,9 % |
| Norte | 2.809.912 | 642.837 | 22,9 % |
| Nordeste | 11.401.385 | 2.951.995 | 25,9 % |
| Sudeste | 20.224.269 | 5.174.868 | 25,6 % |
| Sul | 7.205.057 | 1.628.105 | 22,6 % |
| Centro -oeste | 3.154.478 | 762.830 | 24,2 % |

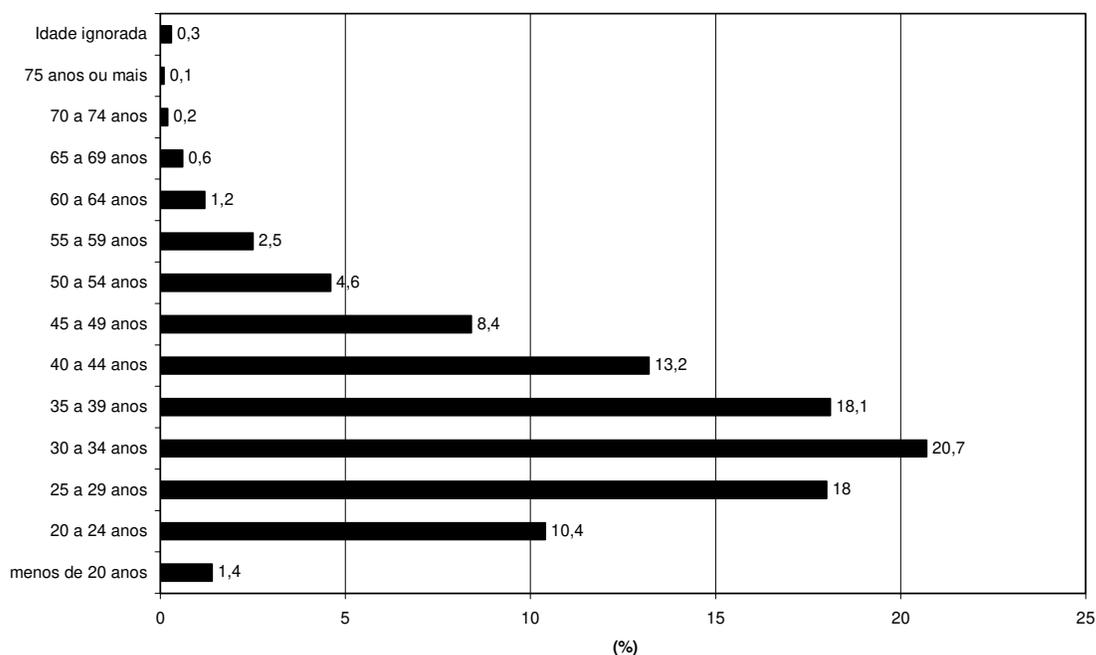
Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000. Nota: Domicílios particulares permanentes.

Dentro dos dados apresentados, a parcela que pesquisamos é pequena, pois a maioria das famílias ainda é de camada baixa, como pôde ser averiguado no gráfico II, apesar da região sudeste, local da nossa pesquisa, apresentar, junto com a região sul, números um pouco diferentes.

Pensando no Brasil, em seu desenvolvimento econômico e social, o grupo é privilegiado, pois tem uma faixa salarial em torno de dois mil reais, tem curso superior e, apesar das dificuldades, mantém seus filhos em escolas particulares.

O grupo é composto por mulheres separadas ou divorciadas. Na maior parte dos casos encontram-se ou encontravam-se na época da separação, na faixa compreendida entre vinte e cinco (25) e trinta e nove (39) anos de idade, justamente aquela que, segundo dados do IBGE, situa-se o maior número de divórcios e separações, como pode ser averiguado no gráfico VI.

Gráfico VI - DISSOLUÇÕES CONJUGAIS, POR PERCENTUAL DE DISSOLUÇÕES POR GRUPOS DE IDADE, SEGUNDO O GRUPO DE IDADE DAS MULHERES - 2000



Fonte: Estatísticas do registro civil 1998. Rio de Janeiro: IBGE, v. 25, 2001.

São mulheres que tiveram a chance de freqüentar o ensino superior e iniciar ou construir uma carreira profissional. Cabe observar que, ainda hoje, diante do nascimento dos filhos, um número significativo de mulheres reduz a carga de trabalho ou simplesmente abandona os espaços ganhos, para então, após o divórcio, voltar ao mercado.

Através do gráfico VII² podemos verificar que, correlativamente ao fato do rendimento das mulheres nas regiões sul, sudeste e centro-oeste (gráfico II),

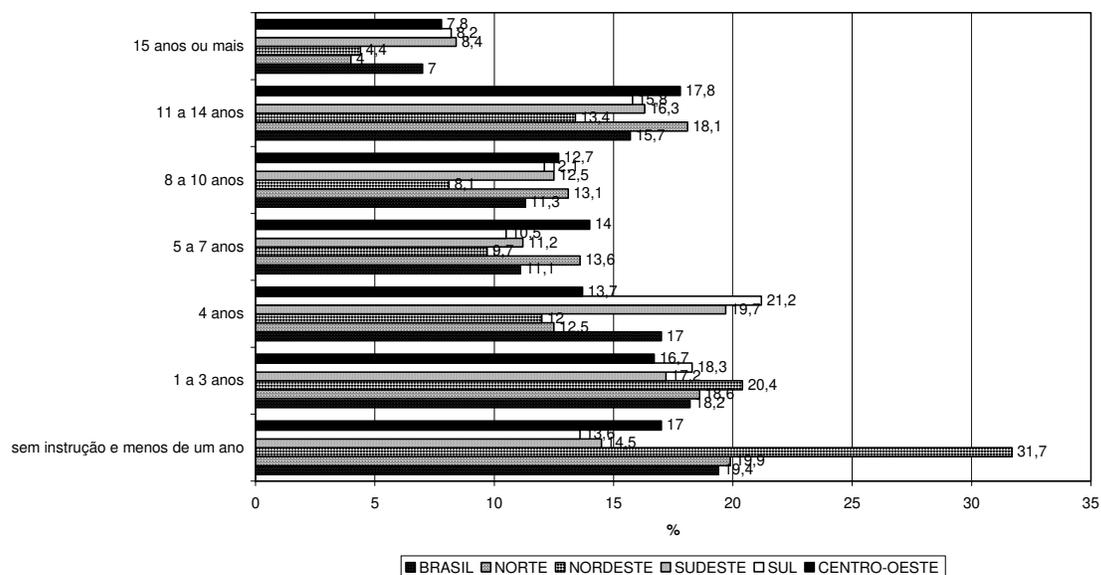
² “A classificação de anos de estudo foi estabelecida com o objetivo de compatibilizar os sistemas de ensino anteriores e atual. Essa classificação foi obtida em função da última série concluída com aprovação no nível ou grau mais elevado que a pessoa de 10 anos ou mais de idade, responsável pelo domicílio particular permanente, estava freqüentando ou havia freqüentado, sendo a correspondência feita do seguinte modo:
 - sem instrução e menos de 1 ano de estudo – para a pessoa que nunca freqüentou a escola ou, embora tenha freqüentado, não concluiu pelo menos a 1ª. série do ensino fundamental, 1º grau ou elementar;
 - 1 ano de estudo – para pessoa que concluiu: curso de alfabetização de adultos; ou a 1ª. série do ensino fundamental, 1º grau ou elementar;
 - 2 anos de estudo – para a pessoa que concluiu a 2ª. série do ensino fundamental, 1º grau ou elementar;
 - 3 anos de estudo – para a pessoa que concluiu a 3ª. série do ensino fundamental, 1º grau ou elementar;

serem os maiores, é também nestas regiões que elas têm maiores chances de permanecerem dentro das escolas. Isto equivale a dizer que a população que pesquisamos se encontra numa região em que a vida aparentemente apresenta maiores perspectivas, resultando numa menor dificuldade de estruturação financeira após a separação, em relação às regiões norte e nordeste. Por outro lado, não podemos deixar de levar em consideração o fato de que o custo de vida nas regiões sul e sudeste é mais elevado.

-
- 4 anos de estudo – para a pessoa que concluiu: a 4ª. série do ensino fundamental ou 1º. Grau; ou no mínimo, a 4ª. série e, no máximo, a 6ª. série do elementar;
 - 5 anos de estudo – para a pessoa que concluiu: a 5ª. série do ensino fundamental ou 1º grau; ou a 1ª. série do médio 1º ciclo;
 - 6 anos de estudo – para a pessoa que concluiu: a 6ª. série do ensino fundamental ou 1º grau; ou a 2ª. série do médio 1º ciclo;
 - 7 anos de estudo – para a pessoa que concluiu: a 7ª. série do ensino fundamental ou 1º grau; ou a 3ª. série do médio 1º ciclo;
 - 8 anos de estudo – para a pessoa que concluiu: a 8ª. série do ensino fundamental ou 1º grau; ou, no mínimo, a 4ª. série e, no máximo, a 5ª. série do médio 1º ciclo;

 - 9 anos de estudo – para a pessoa que concluiu a 1ª. série do ensino médio, 2º grau ou médio 2º ciclo;
 - 10 anos de estudo – para a pessoa que concluiu a 2ª. série do ensino médio, 2º grau ou médio 2º ciclo;
 - 11 anos de estudo – para a pessoa que concluiu, no mínimo, a 3ª. série e no máximo, a 4ª. série do ensino médio, 2º grau ou médio 2º ciclo;
 - 12 anos de estudo – para a pessoa que concluiu a 1ª. série do superior;
 - 13 anos de estudo – para a pessoa que concluiu a 2ª. série do superior;
 - 14 anos de estudo – para a pessoa que concluiu a 3ª. série do superior;
 - 15 anos de estudo – para a pessoa que concluiu a 4ª. série do superior;
 - 16 anos de estudo – para a pessoa que concluiu a 5ª. série do superior;
 - 17 anos de estudo ou mais – para a pessoa que concluiu a 6ª. série do superior ou mestrado ou doutorado”.
- (Perfil das Mulheres Responsáveis pelos Domicílios no Brasil, 2000)

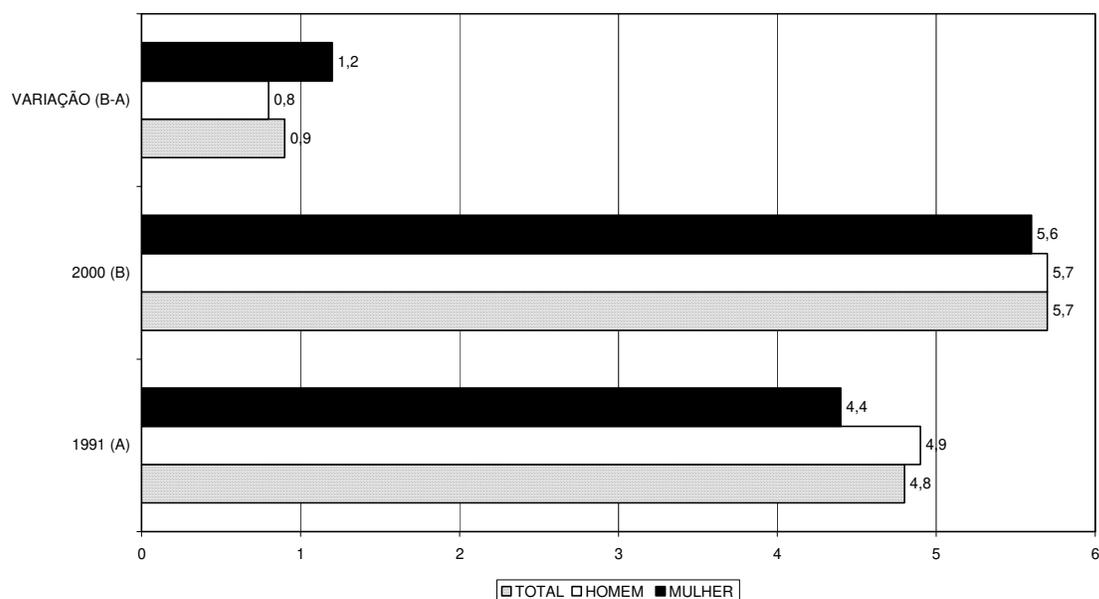
Gráfico VII - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DE MULHERES DE 10 ANOS OU MAIS DE IDADE, RESPONSÁVEIS PELOS DOMICÍLIOS, POR CLASSES DE ANOS DE ESTUDO, SEGUNDO AS GRANDES REGIÕES - 2000



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000. Nota: Domicílios particulares permanentes

Uma comparação com o Censo de 1991 sugere que as mulheres e os homens acabaram por se igualar na média de anos de estudo, que é de 5,7 (gráfico VIII). Também se observa que ocorre uma variação maior no que se refere à mulher, sugerindo um crescimento gradual do trabalho feminino qualificado no mercado em relação ao homem. Entretanto, não há dados de homens e mulheres com maior número de anos de estudo.

Gráfico VIII - MÉDIA DE ANOS DE ESTUDO DOS RESPONSÁVEIS PELOS DOMICÍLIOS, SEGUNDO O SEXO - 1991/2000

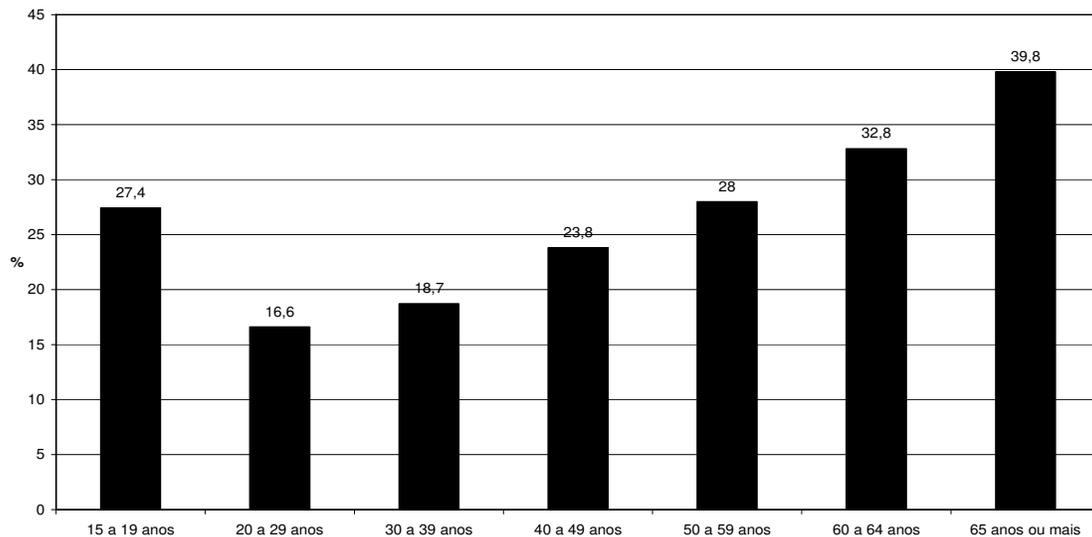


Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000. Nota: Domicílios particulares permanentes

Apesar das separações ocorrerem em maior número na faixa compreendida entre 25 a 39 anos de idade, de acordo com o gráfico V, o que se nota na atualidade é um aumento significativo de mulheres que a partir dos 50 anos se tornam chefes de família, sendo que este índice chega a 39,8% aos 65 anos ou mais. O contingente de mulheres acima de 50 anos pode indicar que, além das dissoluções conjugais, pode existir um número elevado de mulheres viúvas, pois é fato que a expectativa de vida feminina é maior que aquela masculina. Como se observa no gráfico XI, a proporção de domicílios por grupos de idade dos filhos indica que mulheres com filhos de 18 anos de idade ou mais chefiam lares em maior proporção que os homens.

Outro dado que merece atenção é o de que 27,4% de jovens mulheres — na faixa de 15 a 19 anos de idade — conhece a maternidade precoce. Parte considerável das adolescentes grávidas torna-se mãe solteira; isso não impede, contudo, a possibilidade de que estas jovens sejam arrimo de família, segundo se infere dos dados do IBGE.

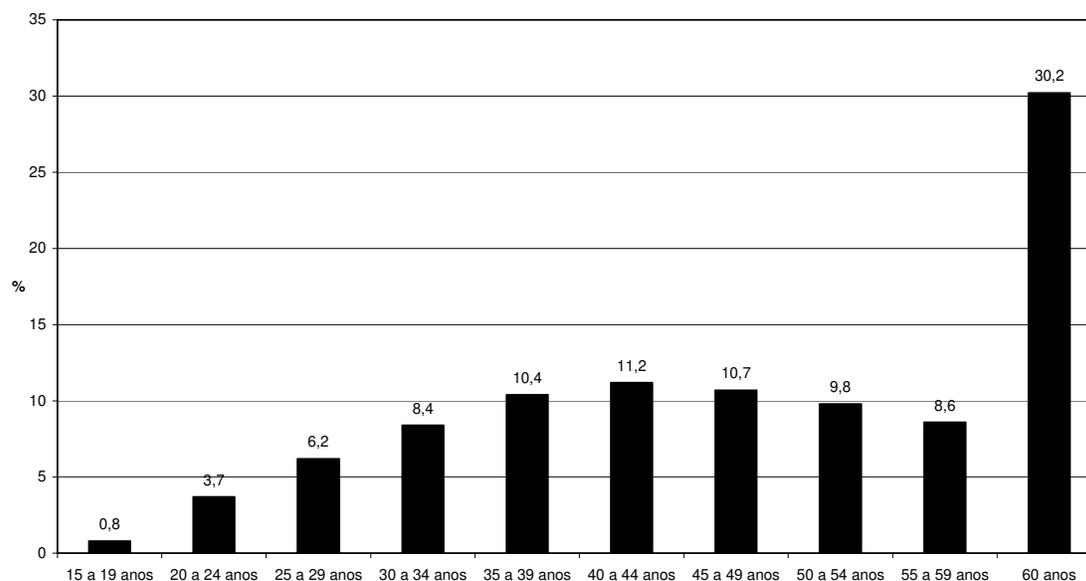
Gráfico IX - PROPORÇÃO DE MULHERES DE 15 ANOS OU MAIS DE IDADE , RESPONSÁVEIS PELOS DOMICÍLIOS, POR GRUPOS DE IDADE - 2000



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000. Nota: Domicílios particulares permanentes

No que concerne à chefia da família, constatam-se os extremos percentuais da responsabilidade feminina pela chefia da família. Assim, as mulheres acima de 60 anos representam 30,2% do total, verificando uma queda violenta na faixa etária mais baixa, que é de apenas 0,8%. Em segundo lugar encontram-se as mulheres na faixa de 35 a 49 anos de idade.

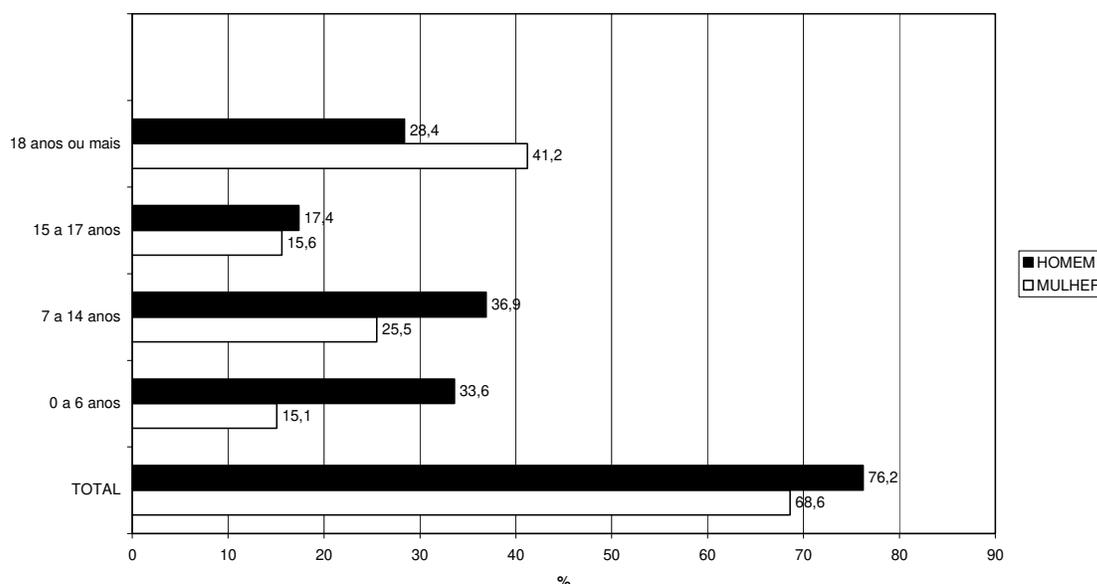
Gráfico X - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS MULHERES DE 15 ANOS OU MAIS DE IDADE, RESPONSÁVEIS PELOS DOMICÍLIOS, SEGUNDO OS GRUPOS DE IDADE - 2000



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000. Nota: Domicílios particulares permanentes

Outro fato evidenciado pelos dados do IBGE é a crescente presença de crianças ainda na primeira infância, ou seja, com a idade de 0 a 6 anos, vivendo em domicílio monoparental de chefia feminina, o que indica que as famílias ditas nucleares — constituídas pelo casal e seus filhos — estão se separando no início da trajetória familiar (**Perfil das Mulheres Responsáveis pelos Domicílios no Brasil, 2000**), como podemos verificar nos gráficos XI e XII. Essa incidência aumenta na faixa dos 7 aos 14 anos e amplia dos 18 anos ou mais. É somente nesta última que o papel do responsável pelo domicílio recai preponderantemente sobre a mulher.

Gráfico XI - PROPORÇÃO DE DOMICÍLIOS, POR GRUPOS DE IDADE DOS FILHOS, SEGUNDO O SEXO DO RESPONSÁVEL - 2000



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000. Nota: Domicílios particulares permanentes

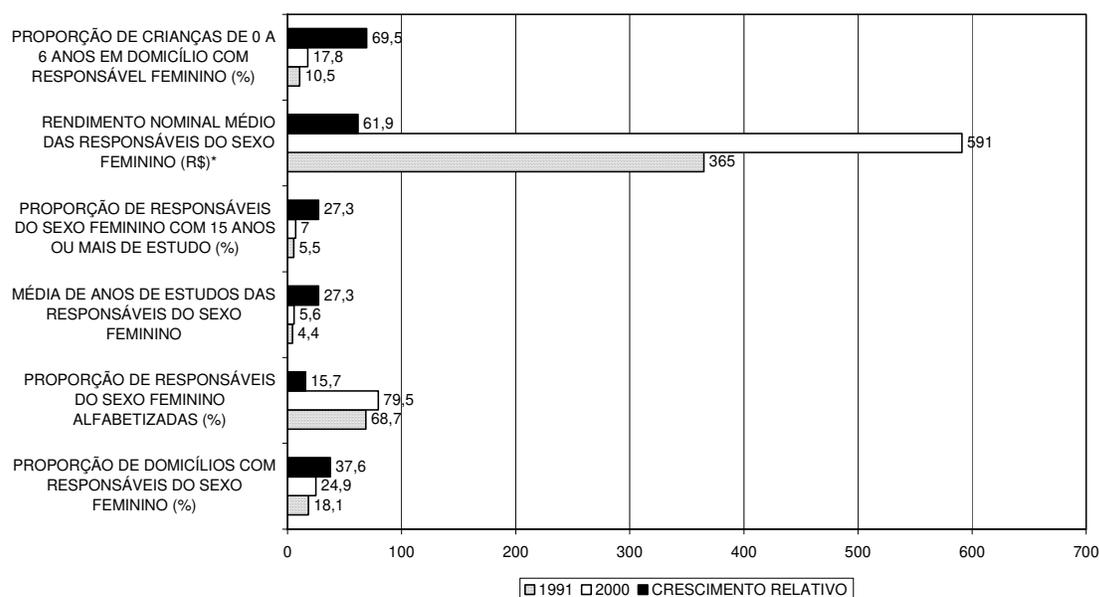
Para finalizar a apresentação dos dados, transformamos em gráfico uma tabela que o IBGE construiu na sua pesquisa **Perfil das Mulheres Responsáveis Pelos Domicílios no Brasil – 2000**. Ela agrupa indicadores importantes de mudanças ocorridas em lares chefiados por mulheres entre o Censo de 1991 e 2000.

Podemos verificar, através destes dados, que houve uma alteração quantitativa desses lares. Cresceu a proporção de lares que têm crianças de 0 a 6 anos nos quais as mulheres são responsáveis: ocorreu um crescimento de 69,5%, que pode indicar tanto a dissolução de casamentos em início de vida conjugal quanto o incremento do número de mulheres mães solteiras.

Por outro lado, temos o rendimento nominal médio com valor de 61,9%, o que pode indicar não só um aumento salarial do trabalho feminino como também o fato de que essas mulheres estão se qualificando cada vez mais e buscando novos espaços na sociedade. Por fim, fica evidenciada a proporção de domicílios

com responsáveis mulheres, que apresenta um crescimento de 37,6%, o que reforça os pressupostos da pesquisa.

Gráfico XII - MUDANÇAS OCORRIDAS ENTRE 1991 E 2000 - INDICADORES SELECIONADOS DE MULHERES RESPONSÁVEL POR DOMICÍLIO - 1991/2000



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000. Nota: Domicílios particulares permanentes

(*) Valores deflacionados pelo INPC com base em Julho de 2000.

A seguir examinaremos alguns autores que, ao longo das últimas décadas, vêm estudando e desenvolvendo pesquisas junto a essa população crescente, e justamente com o grupo de camada média.

II.2. A mulher de camada média no processo de transformação da sociedade brasileira.

A típica família moderna, que de fato não chegou a se estruturar por completo na nossa sociedade brasileira, em especial na camada média, sofre uma crise e se transforma. A modernização, a industrialização e a urbanização dão as

mulheres a possibilidade de redefinir seu papel na sociedade, abalando a divisão entre esfera pública e privada dantes marcada segundo o gênero.

A partir de meados dos anos 60, a expansão das classes médias urbanas e o aumento da participação feminina na esfera pública, em atividades educacionais, profissionais, científicas, políticas e culturais, começam a corroer as bases da família conjugal moderna, que mal havia se firmado em alguns segmentos da sociedade brasileira. Para as mulheres nascidas em torno dos anos 50, a participação no mundo público levaria à construção de identidades com critérios de auto-realização diferentes daqueles típicos da dona-de-casa de classe média da geração anterior. Socializadas nos anos 50 para desempenhar papéis similares aos de suas mães, já na adolescência inúmeras mulheres deste grupo desenvolveram aspirações que provocariam mudanças decisivas na estrutura de estratificação sexual, defrontando-se com um mundo repleto de possibilidades e estilos de vida. Quanto mais e mais mulheres construíram projetos de vida não mais vinculados exclusivamente a uma esfera expressiva, estavam criadas as condições para que as relações de gênero se redefinissem, estava selada a sorte da família conjugal moderna (VAITZMAN, 1994, p. 17-18).

Essa geração foi a mola condutora da transformação. Essas mulheres foram para a universidade ainda que para freqüentemente seguir “cursos para mulheres”, ligados à educação e aos cuidados. Encontraram um Brasil às voltas com o Golpe Militar, durante o qual a universidade se agitava como que em ebulição: respirava-se contestação, e mesmo quem não queria se envolver diretamente não podia ficar indiferente ao clima suscitado. Depois do movimento estudantil, adveio nos anos 70 o movimento *hippie*, que subverteu toda a moralidade pregada até então.

As mulheres, que já questionavam a forma de viver de suas mães, além da educação que recebiam, encontram uma brecha para transformar a realidade que a elas não mais parecia caber. A geração decompõe aquela sociedade: busca novos espaços, novas possibilidades e, é claro, vive as crises da mudança. Entre os fatores dessa crise estão os resquícios da estrutura passada, dado que muitas

dessas mulheres não deixaram de querer ter um companheiro e constituir família, o que instaura uma duplicidade antagônica em suas raízes: junto aos desejos arcaicos estavam os desejos de liberdade, instaurando assim o conflito.

A mulher passa por um momento de profunda mudança e reestruturação interna. Como é possível conciliar tudo? Como é possível ser mãe, esposa, companheira, trabalhar nos afazeres da casa e ainda encontrar tempo para o mundo lá fora, tão cheio de possibilidades, mas que toma um grande tempo se ela quiser se sentir realizada no trabalho? Como conciliar esse conjunto com um marido que não abre mão de suas conquistas prerrogativas? Estas e outras questões abalaram as uniões. Muitos casais não agüentaram a pressão e se separaram. Estava formada a geração de mães chefes de família.

A participação da mulher nas diferentes esferas sociais e sua constituição como indivíduo abalaram o individualismo patriarcal institucionalizado na família conjugal moderna.

Este processo de aprofundamento e extensão do individualismo, através do qual as mulheres passaram a ter aspirações e construir identidades não mais ligadas exclusivamente à esfera privada, estimula a instabilidade e a volatilidade nas relações íntimas, no casamento e na família. Favorece a reformulação permanente de projetos, vontades e aspirações individuais. O fim da rigidez do burguês moderno chega assim às relações no casamento e na família (VAITSMAN, 1994, p. 51).

A geração de transição e a nova geração: Família contemporânea brasileira.

A constituição e transformação da identidade da mulher brasileira, após as mudanças que a sociedade sofreu, fez com que ela passasse de “simplesmente esposas” para sujeito com vontade própria. A possibilidade de cursar uma universidade abriu um campo amplo para a criação de projetos pessoais e profissionais, modificando o curso da vida das mulheres, permitindo um destino diferente daquele vivido por suas mães. “A entrada para o mundo da universidade plantou bases para projetos de individuação que reconstruíram os significados do

feminino e masculino predominantes até então”. (VAITSMAN, 1994, p. 97). No fim dos anos 60 e início dos anos 70,

No momento em que a nova classe média se formava, os colégios secundários e a universidade configuravam-se como espaços privilegiados de reflexão, de questionamento, de discussão, de difusão de idéias autoritárias, igualitárias. A formação de valores de grande parte dos jovens desta geração foi orientada pelo contexto das lutas antiautoritárias. Era praticamente impossível não ser atingido, direta ou indiretamente, pelo que acontecia em vários centros urbanos do país e nos meios estudantis. Neste momento, esta geração forjada na ditadura militar cultivou seus sonhos e junto com eles uma visão de mundo libertária que alcançava os comportamentos pessoais e logo se difundiria entre as classes médias urbanas. E se, nos anos que se seguiram, o caminho da igualdade social foi obstruído, o da maior igualdade entre os gêneros estava aberto para este grupo (VAITSMAN, 1994, p. 107).

As filhas destas mulheres encontraram um mundo parcialmente diferente. Muitos espaços já estavam abertos, apesar de haver ainda um longo trajeto a ser percorrido. Como decorrência, a nova geração teve uma educação diferente: encontrou as mães inseridas no mercado profissional e desfrutando de uma vida fora de casa, o que veio fornecer a essas então crianças os modelos para sua própria existência. Para as jovens e adolescentes que cresceram vendo as conquistas de suas mães é quase impossível pensar em não estudar e buscar se colocar no mundo. A geração de que falamos se encontra atualmente na faixa dos trinta anos e constrói sua família, seus espaços e sua carreira.

O grupo sobre o qual foi feita a investigação que nos concerne é constituído, na sua maioria, por mulheres na faixa de 40 a 50 anos de idade, sendo que somente uma delas tem 30 anos e um filho pequeno. As outras entrevistadas viveram na época em que o mundo fervilhava, gritaram pelas diretas já, lutaram para mudar seus destinos, se separaram de seus maridos e recomeçaram a vida junto de seus filhos que, hoje, são jovens e adolescentes.

Isto posto, passaremos a traçar o perfil dessas mulheres e a apontar as estratégias através das quais obtivemos respostas para as nossas questões.

CAPÍTULO III – Entendendo a Pesquisa e seu Referencial Teórico.

“O amor é como a rosa num jardim
A gente cuida, a gente olha
A gente deixa o sol bater
Pra crescer, pra crescer” (GILBERTO
GIL – Amor Até o Fim)

III.1. A pesquisa.

Esta é uma pesquisa de ordem qualitativa, utilizando como recurso teórico-metodológico a Teoria das Representações Sociais. Como enfoque central, foram abordados a estrutura familiar, seu funcionamento e os atores desta rede social de suporte. A pesquisa de campo foi realizada por meio de entrevistas individuais constando de seis temas; ocorreu em local previamente escolhido pelas entrevistadas, sendo as declarações assim coligidas gravadas em fita cassete, com a autorização previa dos sujeitos da investigação.

Para tanto o grupo pesquisado foi definido através de seis pré-requisitos:

1. mães chefe de família;
2. separadas ou divorciadas;
3. maiores geradoras de renda da casa e administradoras da mesma;

4. terceiro grau completo;
5. não trabalharem formal ou informalmente no setor de suporte à criança, ao adolescente ou a família (excluindo aqui centros de saúde e hospitais públicos);
6. filhos estudando atualmente em escolas particulares. Para aquelas cujos filhos já concluíram a escolaridade, que eles freqüentassem a rede particular de ensino na época da separação.

Esses foram os critérios admitidos para configurar um grupo do qual se pudesse afirmar ser composto por “mães chefe de família de camada média”.

A questão da renda não foi estipulada, dados os percalços de acesso ao grupo, como pode se inferir a seguir. Entretanto, as mulheres entrevistadas tinham à época uma renda em torno de dois mil e quinhentos reais.

Para montar o grupo foi confeccionada uma carta-convite, que em seguida foi divulgada (no distrito de Barão Geraldo, em Campinas, SP) em cinco escolas particulares — do ensino infantil ao colegial. Ela convidava-se aquelas mães que satisfizessem os pré-requisitos para que participassem de um único encontro em grupo, no qual seria realizada a pesquisa. Para realizar tal grupo seria necessária a presença de pelo menos oito mães, porém conseguimos reunir somente duas delas. Posteriormente, através de contatos pessoais, mais duas mães se juntaram ao grupo, mas esse total ainda não seria suficiente. Resolvemos então fazer entrevistas individuais e desta forma a pesquisa de campo foi realizada.

Foram entrevistadas quatro mulheres:

- Uma professora universitária;
- Uma professora de escola particular;
- Uma orientadora pedagógica de escola particular; e

Uma psicóloga, funcionária da prefeitura em sistema de contrato temporário sem renovação após fim de mandato do prefeito e com consultório particular³.

Os temas foram elaborados a partir das questões centrais da dissertação. Organizou-se um roteiro de discussão com enfoque em temas que foram abordados na seguinte seqüência:

- (1) mudanças econômicas enfrentadas após a separação;
- (2) mudanças ocorridas após a separação na rotina de vida diária da criança/adolescente;
- (3) redes sociais de suporte (aqui entendidas como municipal, familiar, de amigos e privados);
- (4) sentimentos e atitudes que observa e observou nos filhos após a separação;
- (5) mercado de trabalho e;
- (6) alterações na vida social da mãe (o roteiro completo encontra-se em anexo).

Cada um dos temas foi abordado de maneira a se conseguir que todos os dados pudessem ser colhidos. Foi dada ênfase à questão da rede social de suporte, ponto-chave da nossa pesquisa. As outras questões serviram para traçar um esboço das mulheres que estavam sendo pesquisadas e permitir a elas um espaço para a fala livre.

³ Foram entrevistadas pessoas de nosso relacionamento, não só devido à dificuldade de conseguir que as pessoas participassem da investigação, mas por se acreditar que as questões abordadas não seriam influenciadas pelo fato de existir qualquer tipo de relação com as entrevistadas, pelo contrário, por ter havido um contato anterior, se sentiriam mais à vontade de expor suas experiências de vida. Fizeram parte da pesquisa também pessoas desconhecidas, que entraram em contato para participar ou indicadas por terceiros.

III.2. Definindo Representação Social.

É possível reconhecer a Representação Social por meio dos fenômenos psicossociais, a partir de uma dada localização histórica e cultural. Ela se faz através da comunicação social cotidiana e se diferencia a partir dos grupos sociais que as organiza (SÁ, 2002, p. 23).

Por representações sociais, entendemos um conjunto de conceitos, proposições e explicações originado na vida cotidiana no curso de comunicações interpessoais. Elas são o equivalente, em nossa sociedade, dos mitos e sistemas de crenças das sociedades tradicionais; podem também ser vistas como a versão contemporânea do senso comum (Moscovici Apud. Sá, 2002: 31).

Através do olhar do sujeito, investiga-se a realidade social na qual ele está inserido e as transformações que percebe do meio através de si. Uma das maneiras de estruturar este conceito é configurar a Representação Social “ao longo de três dimensões”, segundo texto de Sá (SÁ, 2002, p.31):

Informação: “se refere à organização dos conhecimentos que um grupo possui a respeito de um objeto social”.

Atitude: focaliza “a orientação global em relação ao objeto da representação social” e;

Campo de representação ou imagem: “remete a idéia de imagem, de modelo social, ao conteúdo concreto e limitado das proposições acerca de um aspecto preciso do objeto da representação”.

Faz ainda parte do conceito um conjunto de elementos formados pelos processos cognitivos; inserções sociais; fatores afetivos; sistemas de valores etc. Podemos entendê-la também como “uma forma de conhecimento” que é elaborada a partir dum conjunto social e partilhada por um determinado grupo, com o intuito de construir uma realidade comum, criando um ambiente de pertencimento e possibilitando a participação social e cultural dos sujeitos naquele ambiente inserido.

Podemos ainda caracterizá-la como um grupo ou uma categoria social específica como, por exemplo, a criança, a mulher e outros. Conforme sugere Sá, pode-se definir um problema e, a partir dele, caracterizar uma representação social, no nosso caso: a mulher chefe de família de camada média e a rede social (família e rede social).

Uma outra forma de caracterizar o estudo das representações sociais consiste no levantamento dos assuntos ou objetos de representação que têm sido investigados. (...) a saúde/doença, a doença mental, a justiça, a violência, o grupo e a amizade, o trabalho, o desemprego, os sistemas tecnológicos, os sistemas econômicos e as relações econômicas, os conflitos sociais e as relações intergrupais (...). (Sá, 2002: 36).

Embora Serge Moscovici (Apud. SÁ, 2002) restrinja a expressão representação social à função de elaboração de comportamentos e à comunicação entre os sujeitos na vida cotidiana — justamente por sua capacidade de produzir e determinar comportamentos e ao mesmo tempo ser promotora de estímulos e atribuidora de significação às respostas oferecidas—, Sá (Apud. SÁ, 2002, p. 44) amplia esse alcance e propõe para esse conceito quatro funções essenciais:

Funções de saber: “(...) *permitem compreender e explicar a realidade*. Saber prático do senso comum, (...) elas permitem aos atores sociais adquirir conhecimentos e integrá-los a um quadro assimilável e compreensível para eles, em coerência com seu funcionamento cognitivo e os valores aos quais aderem. Por outro lado, elas facilitam - e são mesmo condição necessária para – *a comunicação social*”.

Funções identitárias: “(...) *definem a identidade e permitem a salvaguarda da especificidade dos grupos* (...). As representações têm também por função situar os indivíduos e os grupos no campo social (permitindo) a elaboração de uma identidade social e pessoal gratificante, ou seja, compatível com sistemas de normas e de valores social e historicamente determinados (...)”.

Funções de orientação: “elas guiam os comportamentos e as práticas. A representação intervém diretamente na *definição da finalidade da situação*, determinando assim a priori o tipo de relações pertinentes para o sujeito (...). A representação produz igualmente *um sistema de antecipações e de expectativas*, constituindo portanto uma ação sobre a realidade: seleção e filtragem de informações, interpretações visando tornar essa realidade conforme a representação (...). Ela define o que é lícito, tolerável ou inaceitável em dado contexto social”.

Funções justificatórias: “(...) *permitem justificar a posteriori as tomadas de posição e os comportamentos* (...). A montante da ação as representações desempenham um papel. Mas elas intervêm também a jusante da ação, permitindo assim aos atores explicar e justificar suas condutas em uma situação ou em relação aos seus participantes”.

Considerando o aspecto multifacetado da representação social, entendemos que nossos dados são expressões das representações sociais das entrevistadas a respeito aos temas pesquisados.

III.3. Procedimentos metodológicos.

A pesquisa foi realizada em três momentos e obedeceu a seguinte ordem:

Coleta de Dados

Pesquisa bibliográfica

Uma vez definido o tema e os tópicos que seriam trabalhados, demos início a pesquisa bibliográfica e a identificação das disciplinas que poderiam vir a contribuir para a confecção da dissertação, tanto em seus aspectos teóricos quanto à discussão do projeto. Este último só conheceu os parâmetros finais em fase posterior ao término das disciplinas.

Pesquisa de campo

Os atores da pesquisa foram convidados a participar através de carta enviada a escolas particulares. Numa primeira etapa foram marcadas cinco entrevistas, das quais apenas três puderam ser realizadas.

As fitas contendo as entrevistas foram transcritas e um novo encontro foi programado com o fim de colher os dados da participante restante. A transcrição

foi então completada. Somente após seu término é que iniciou-se a análise dos dados.

Em seguida os temas foram separados e um quadro de categorias definidas foi elaborado.

A realização do campo

Como um primeiro passo, no ato de se marcar as entrevistas, explicitou-se por escrito os procedimentos adotados: modo de coleta das respostas, enfoque da investigação, composição do grupo participante, além de duas questões, cujas respostas oferecessem subsídios para os temas abordados. Juntamente, em anexo, se encontrava a autorização de consentimento livre e esclarecimento para participação em pesquisa. Como complemento havia um questionário informal por meio do qual se colheriam dados: data de nascimento da mãe e de seus filhos, e idade de ambos no momento da separação; além disso, havia um espaço em branco no qual as mães poderiam expressar suas necessidades quanto à pesquisa e quanto às suas vidas.

Todas as entrevistas foram realizadas em locais escolhidos pelas próprias participantes (a maioria escolheu a própria casa). Os colóquios foram gravados em fita cassete, com o consentimento das entrevistadas. Ficou determinado que não seria obrigatória à discussão de todos temas, se assim elas preferissem. O processo repetiu-se no início de cada entrevista, que em seguida correu livremente.

A análise.

A análise do material foi efetuada a partir do procedimento visto em *Análise de Conteúdo*, de Bardin (1976). Para tanto foi feita uma pré-análise das entrevistas, uma exploração do material e por fim a categorização dos conteúdos.

Partimos de três categorias maiores: a renda, a rede social de suporte e o processo de separação. Através destas três categorias iniciais foi possível realizar uma subdivisão e formar desta maneira os quatorze pontos abordados na análise do conteúdo.

Esse conteúdo foi separado em dois capítulos, entendendo que houve dois momentos distintos no processo vivido por estas famílias. No primeiro capítulo foram abordadas as conseqüências da separação e no capítulo seguinte as redes de suporte. Partindo destes pontos, os depoimentos das entrevistadas foram expostos e analisadas com a finalidade de maximizar seu conteúdo. A introdução dos resultados segue abaixo.

III.4. Apresentando o grupo pesquisado.

Foram realizadas quatro entrevistas com quatro mulheres em diferentes faixas etárias e formações acadêmicas distintas. Três das entrevistadas estavam ligadas, na época da entrevista à educação escolar. Para preservar sua privacidade, conforme o compromisso assumido, manteremos sigilo sobre seus nomes e dos seus filhos. Serão chamadas de Joana, Sílvia, Elena e Rose.

A número de filhos variou de um a três, sendo que a queda gradual aconteceu pela idade. Elena e Rose, as mais velhas do grupo, com 57 anos e 50 anos respectivamente, têm três filhos. Suas separações ocorreram em momentos

distintos: Elena tinha 40 anos e Rose, 48 anos. As idades de seus filhos regulavam na época da separação de cada uma delas. Silvia tem dois filhos; quando se separou tinha 42 anos e seus filhos eram adolescentes.

Joana é a mais nova do grupo, hoje tem 27 anos. Sua história se difere daquelas do resto do grupo. Joana ficou grávida de um ex-namorado quando ainda cursava a graduação. Reataram em razão da gravidez, e pouco antes de seu filho nascer, decidiram morar juntos. O casamento durou pouco mais de dois anos e todo o processo vivido não foi nada fácil. A história de Joana representa uma parcela da população brasileira que é cada vez mais representativa e preocupante. São as jovens que engravidam sem contar com a estabilidade de uma estrutura prévia e elas o fazem num momento em que deveriam estar vivendo outras coisas. Ficam marcadas pela ambivalência da imaturidade *versus* a necessidade de crescer a qualquer custo para enfrentar a nova realidade que enfrentarão pela frente: um filho. Contudo, Joana julga que o tempo foi importante para que pai e filho desenvolvessem um vínculo real e presente, criando uma ligação profunda e definitiva entre os dois.

O fator comum a todos os casos é que apesar da relação do casal não mais existir, os filhos representam um outro tipo de ligação. O vínculo se mantém, sem que seja necessária a presença parental plena e simultânea.

Apresentando os sujeitos da pesquisa.

Silvia, 48 anos, dois filhos homens, de 18 e 19 anos respectivamente. A guarda dos filhos é compartilhada — uma semana seus filhos ficam com ela e uma semana com os pais. Formada em Letras, trabalha em uma universidade estadual e dá aulas particulares. Silvia é uma pessoa muito reservada, introspectiva. Apesar de não ser natural de Campinas - SP mora na cidade há algum tempo.

Joana, 27 anos, um filho de sete anos. A guarda do menino é sua; entretanto o pai se encontra com o filho todos os finais de semana, de sexta a domingo, com exceção do dia das mães. O pai de seu filho mora atualmente em São Paulo. Formada em Engenharia de Alimentos, dá aulas na área de Exatas em uma escola particular que também é uma rede de cursinho pré-vestibular. Reingressou no programa de mestrado em Engenharia de Alimentos, após ter expirado o tempo para a integralização. Joana nasceu no interior de Pernambuco. Seus pais exilaram-se em Angola, onde passou parte da infância. Ao voltar para o Brasil radicou-se em Campinas – SP.

Elena, 57 anos, três filhos, um homem e duas mulheres, de 34, 33 e 24 anos respectivamente. A guarda dos filhos é sua. Quando eles eram crianças, viam o pai a cada quinze dias, nos finais de semana, dado que após a separação retornou a cidade de origem, São Paulo. Formada em Ciências Sociais e tendo feito magistério, na época da entrevista era orientadora pedagógica em uma escola particular de ensino fundamental. Atualmente está desempregada. Retomou os estudos, ingressou no mestrado e recebe bolsa para cursá-lo. Para complementar a renda faz correção e revisão de trabalhos de graduação e pós-graduação. Elena é natural de São Paulo e veio para Campinas - SP após o nascimento da filha caçula, em busca de tranqüilidade para criar sua prole.

Rose, 50 anos, três filhos homens, de 18, 15 e 12 anos respectivamente, sendo o mais velho deficiente. A guarda dos filhos não está definida. Formada em Psicologia, na época da entrevista trabalhava como assessora em uma empresa do governo (emprego político) e atendia pacientes particulares, além de realizar testes psicológicos em pilotos. Atualmente esta desligada do emprego formal, continua com os atendimentos particulares e iniciou um curso de manicura e depiladora na expectativa de completar a renda. Quando se casou morou em Sorocaba – SP; São Paulo – SP. Há seis anos em Ribeirão Preto - SP.

Quatro mulheres, quatro histórias diferentes. Em comum, o fato de serem mães chefes de família. Cada uma seguiu adiante e reestruturou a vida com os recursos que tinha ao seu alcance, buscando seu próprio caminho. Fizeram mágica? A história já acabou? Não, apenas seguem com suas vidas, vivendo um dia de cada vez.

TABELA II - Entrevistadas

| | Joana | Silvia | Elena | Rose |
|------------------------------|---------------------------------|--|---|--|
| Nascimento | 04/06/1977 27 anos | 17/09/1956 48 anos | 15/11/1947 57 anos *casou-se com 21 anos | 07/10/1954 50 anos |
| Separação | 02/02/2000 23 anos | 1998 41 anos | 08/1988 40 anos | 2002 48 anos |
| Filhos No. | um | dois | três | três |
| nascimento Filhos | G – 26/10/1997 7 anos | N – 02/09/1985 19 anos E – 28/09/1986 18 anos | G – 12/1970 34 anos C – 01/1972 33 anos H – 04/1981 24 anos | A – 09/11/1986 18 anos H – 22/05/1989 15 anos R – 03/11/1992 12 anos |
| separação Filhos | G – 2 anos | N – 13 anos E – 12 anos | G – 17 anos C – 16 anos H – 7 anos | A – 16 anos H – 13 anos R – 10 anos |

| | | | | | |
|----------------------|-----------------------|---|--|---|--|
| pós-graduação | Graduação e | Graduação em Engenharia de Alimentos e mestranda em Engenharia de Alimentos | Graduação em Letras em português / francês. Mestra em letras | Graduação em Ciências Sociais, especialização em psico-pedagogia e mestranda em Educação Matemática. * fez magistério | Graduação em Psicologia |
| | Trabalho atual | Professora em escolar particular de 1º e 2º grau e cursinho pré-vestibular. Na época da entrevista trabalhava em duas escolas, hoje trabalha em apenas um e com melhores condições de trabalho. | Professora universitária, aulas particulares e da aula em escolas de idiomas periodicamente. Envolvida em uma série de projetos sociais. | Atualmente esta desempregada do mercado formal, recebe bolsa de mestrado e faz revisões de texto para auxiliar na renda. Na época da entrevista trabalhava em uma escola de ensino fundamental a qual se refere o tempo todo na entrevista. | Atualmente esta desempregada e procurando emprego. Iniciou curso de manicura e depilação para tentar alguma coisa na área e tem planos de passar três meses fora do país, na casa da irmã. |

A partir destes dados iniciamos a apresentação, nos capítulos seguintes, do resultado da nossa pesquisa.

CAPÍTULO IV – As histórias de Joana, Silvia, Elena e Rose: Diferentes e ao mesmo tempo iguais às de tantas outras mulheres mães chefes de família – as conseqüências da separação.

“A rosa do amor tem sempre
que crescer
A rosa do amor não vai
despetalar
Pra quem cuida bem da rosa
Pra quem sabe cultivar”
(Gilberto Gil – Amor Até o Fim).

Observaremos de que maneira essas mulheres oferecem material para a reflexão sobre a condição da família hoje; analisaremos o que cada história tem em comum com as outras e quais são suas peculiaridades.

Sabemos que cada ser humano é uma singularidade. Que cada história e vida vividas são únicas, que a verdade é aquela que o sujeito enxerga, percebe, sente, constrói para si. Contudo, apontaremos o que de comum podemos entender no ambiente destas famílias e assim pressupor as necessidades que viveram e/ou vivem, sugerindo então os caminhos passíveis a serem seguidos.

O factível da presente pesquisa é um fazer um esboço, traçar o perfil desta população eleita. Esse fato é tomado como positivo: o material coletado e as análises podem servir de base para futuros trabalhos voltados a esse segmento da população que cresce com velocidade e só agora passa a ser estudado.

A seguir faremos uma análise a partir de categorias e assuntos discutidos nas entrevistas, para tal separamos os dados colhidos em dois momentos. Aqui discorreremos e apresentaremos como primeiro momento à questão do processo vivido por estas famílias no momento da separação.

É importante, antes de tudo, observar que a família deve ser lembrada como primeira e principal referência na vida da criança. É ela a responsável pelo desenvolvimento humano. Segundo Duarte, a “função primária da família reside em ‘educar’ e ‘criar’ as crianças” (Duarte: 02).

IV.1. Vivendo o processo da separação – O reflexo nos filhos e suas perdas.

Joana, Elena e Silvia percebem hoje o que a separação representou para os filhos, mas durante o processo não conseguiram avaliar a extensão do evento. Para Elena, os bastidores eram velados, e em sua ótica as crianças não percebiam. Pode ser que, para Rose, o fato de não ter conseguido dar o ponto final no casamento, devido às pendências legais, não tenha permitido a ela refletir sobre esse quesito. Silvia e Joana perceberam mudanças significativas e positivas em seus filhos. Para Joana aconteceu assim:

(...) ele foi uma criança que mudou bastante. (...) a gente sempre imagina milhares de coisas, não é? Então eu penso assim, talvez porque a gente brigava muito tal, o G. era uma criança muito mais retraída.

(...) ele era uma criança mais fechada, era uma criança mais quieta. Ele nunca foi uma criança infeliz, então assim, ele não era uma criança que chorava, ele nunca foi uma criança de fazer birra, mas ele era bem mais retraído, principalmente com estranhos assim e uma coisa que ele tinha, é que, talvez porque o pai dele brigasse muito comigo, ele não suportava e não suporta até hoje é que alguém leve o tom de voz. É uma coisa assim,

alguém eleva o tom de voz comigo, ele começa a chorar. Quando a gente separou, isso aliviou pra ele, porque bem o mal, o ambiente daqui de casa, da casa da minha mãe, quando eu voltei, é mais tranquilo do que era nosso ambiente familiar. Então ele ficou uma criança mais calma, ficou uma criança mais acessível. Sabe? Apesar do drama de ter se separado do pai. Então ele ficou mais extrovertido, ele ficou mais alegre.

Silvia percebeu que o fato do ambiente ficar sempre tenso toda vez que ela e o ex-marido tinham que conversar acabava refletindo diretamente sobre as crianças e o ambiente da casa.

Eu acho que ficou mais solta, porque o único problema que eu tinha com o meu ex-marido era o problema do relacionamento, do relacionamento...

Entrevistadora: Seu com ele?

É. Então eu notava que se criava uma tensão muito grande quando a gente estava junto e ia conversar qualquer coisa, e agora não temo mais essa tensão então eu vejo que, o meu filho mais novo, o E., ele relaxou mais. Não que ele fosse muito preocupado, mas ele odiava briga então. Ai ele ficou mais solto.

Como avalia Elena, o sofrimento maior foi para os mais velhos; segundo ela, H. era muito pequena e não pôde sentir tanto o processo e as perdas.

(...) [A separação] Foi um processo demorado, depois de vinte anos, né? As coisas demoram para se romper, né? Não são eles tão frágeis assim. Então houve uma mudança muito importante na minha vida, na qualidade da minha vida e da vida dos meus filhos. Principalmente dos mais velhos. (...) os mais velhos estavam na adolescência e sentiram, sofreram muito com todo esse processo. Durante esses anos eles foram muito abalados.

(...) o processo de separação, teve toda a situação traumática: briga, conversa ríspida, falta de afeto. Tudo aquilo que qualquer casal em vias de separação apresenta pros filhos e não percebe, não se apercebe. E você só vai saber disso, quando teus filhos, mais tarde, depois que tudo passou falam: 'olha, era, ta muito melhor agora do que tava antes, né? Embora vocês estivessem juntos a situação era insuportável, vocês brigavam o tempo todo'.

E gozado, porque a gente não se dá conta disso. Eu não me dava conta, eu achava que disfarçava muito bem, e disfarçava nada, que eles percebiam.

(...) Enquanto a gente ta com esse, com esse nó ali, você não olha para os lados, não olha ao redor, não se apercebe do que você esta fazendo inclusive. É uma coisa muito neurótica, esquisita. (...) foi interessante isso: os meus filhos me deram a dimensão, depois do que eu vivia, pela, pelo olhar deles em cima daquilo que eu fazia e falava. Então foi interessante, mas a minha memória, é a memória deles porque (...) eu não tenho essa memória. Eu tenho a memória do sofrimento, mas não tenho a memória da ação.

Ela continua a falar sobre filhos:

(...) para eles foi muito difícil, este processo. Foi porque, eles estavam adolescente, adolescendo; eles tinham outros interesses; eles se preocupavam com a gente; comigo principalmente porque era eu que ficava mais tempo com eles.

O processo de dor vivido por Elena refletiu diretamente nos filhos maiores. Eles tiveram que assumir muitas responsabilidades para ajudá-la a passar pelo processo. O primogênito, ocupando então o lugar de único homem da casa achou que devia assumir outros papéis...

(...) depois da separação, não é, eu tive uma fase assim, de...fiquei meio “perdidaça” né? Deprimida. Ai tive que ter ajuda psicológica e chorava muito, saia muito de casa. E eles eram adolescentes e eles tinham que tomar conta de uma criança pequena, que era a H.. Então eles se embuiram de uma responsabilidade que até então eles. Eles tinham. Mais assim, tinham porque eles gostavam da H., eles cuidavam dela e

gostavam de cuidar, mais ai, eles ficaram responsáveis. Eu lembro que o G. assumiu um papel de pai, ele...Eu tive que dizer para ele uma determinada época, que ele não era o pai da H., que a H. tinha pai, que ele era irmão, (...) que ele tinha que brigar com ela se ela fizesse alguma coisa que ele não gostasse, porque ele era o irmão dela, não era pai. Porque isso mistura na cabeça dos meninos. Ele era o único homem de casa, aquele monte de mulher em casa, o único homem era ele.

Elena avalia o processo de separação na visão filial. Não atribui ao processo um caráter positivo, mas também acha que não foi ruim. Vê as perdas sofridas como apenas materiais, uma vez que a relação da prole com a mãe e o pai se manteve intacta. As experiências vividas fizeram desses filhos adultos conscientes.

(...) Não sei se foi positivo. Eu sei que, que não foi ruim. Quer dizer, não, não... Vamos dizer que eles tenham melhorado, né? Eu acho até isso, que as dificuldades pelas quais a gente passou depois da separação, né? E depois da, não só da separação, mas da perda de poder aquisitivo que a gente teve nos anos seguintes, que foi muito grande. Não foi uma perda, foi uma (...) 'despencação' né? Porque foi uma queda abrupta. Isso fortaleceu os espíritos de todo mundo né? Todos eles aprenderam a se virar, e como todos saíram de casa nesta época, na época de sair né? Ninguém ficou em casa estudando. Nenhum dos três.

Foram todos estudar fora, e estudar com pouco, porque, era uma vidinha assim muito regulada. Então eles aprenderam muito. Se eles, talvez, não tivessem passado por tudo isso, eles fossem hoje adultos, legais, tranquilos, mais sem a... A força que eles adquiriram tendo passado por todas essas perdas. Que foram perdas materiais. Só. Felizmente (risos).

Rose não consegue avaliar as mudanças, apesar de ter enfrentado problemas na rotina diária com seu filho do meio. Atitudes estas que a deixaram muito triste. Seus filhos são adolescentes, e ela diz não conseguir identificar a

origem dos problemas com precisão, isto é, se vê impossibilitada de separar claramente se a rebeldia deles se deve à fase que vivem ou se ela advém da separação. Ela acha que a relação do pai com os filhos pode ser o responsável por essa dificuldade de perceber.

(...) Não sei se eles ficaram mais rebeldes. É difícil afirmar isso porque eles estão numa idade da adolescência, então você fica sem saber assim, quer dizer, tem haver com os hormônios, com a fase que ele tá vivendo? Tem haver com a saída do pai? Provavelmente é um conjunto de coisas. Até porque, o meu ex-marido era uma pessoa muito ausente, no sentido de atenção, de carinho, de preocupação com o filho. Isso tudo foi responsabilidade minha, a vida inteira. Mas, ele era presente em casa. Ele ficava fisicamente em casa.

Rose relata:

O meu filho do meio, este de quinze anos, estava muito rebelde, quer dizer, não com as pessoas, mas comigo. Com as pessoas de fora ele é tido como um menino educado, calmo, tal, mas comigo ele ficou muito agressivo. Isto talvez tenha haver com a separação. (...) há uns três meses atrás eu tomei a decisão de mandar ele morar com o pai. E isso foi uma coisa extremamente dolorida pra mim e ainda é porque, eu não aceito isso, mas eu me vi acuada. Primeiro por não conseguir lidar com essa, com essa violência dele, não consegui por limite, ser firme. Segundo, porque também tinha a questão financeira. São três meninos que comem, homem come muito, adolescente come muito, então se põem às coisas na geladeira, se vira às costas, já acabou, então é um é um gasto muito grande. E o que, o que meu marido dava, que dizer dá, não dá pra pagar supermercado, pra pagar de comida pra eles. Então foi uma coisa que eu me vi obrigada, acuada a fazer, a tomar esta decisão. E ele atualmente esta morando com o pai dele.

V.2. Vivendo o processo da separação – A questão da guarda

Todas elas viveram situações muito pessoais e únicas. O processo vivido por essas famílias refletiu de maneiras diferentes sobre seus componentes, configurando singularidade a cada caso. Entretanto, pudemos perceber que à relação do pai com os filhos foi evidentemente mantida. A questão da guarda, na maioria das famílias, foi resolvida de maneira civilizada e sempre pensando em todos os envolvidos.

Cada família resolveu a questão da guarda de maneira singular. Elena, a primeira a se separar, teve a guarda acertada segundo os moldes da época, um pouco mais rígidos. As crianças viam o pai a cada quinze dias, quando viajavam para São Paulo a fim de encontrá-lo.

Meus filhos viajavam de quinze em quinze dias para ficar com ele [o pai]. Só no fim de semana. (...) Eram encontros assim... de quinze em quinze dias, que eles iam para São Paulo, passavam o fim de semana e vinham.

(...) a comunicação com os filhos nunca foi interrompida, ele era um pai presente, sempre foi, até hoje.

Joana resolveu da seguinte maneira: de segunda-feira a quinta-feira o filho fica com ela. Na sexta-feira, depois da escola, ele vai para São Paulo para ficar com o pai. Lá permanece até domingo à noite.

(...) na semana, ele fica comigo segunda, terça, quarta e quinta e na sexta ele vai para São Paulo. Ai ele fica sexta, sábado e domingo. Domingo à noite, dormindo já, ele volta. E todos os finais de semana são assim. Então ele vê bastante o pai.

(...) na rotina normal, ele assim, mata a saudade pelo telefone, porque ele sabe que na sexta-feira é dia de ver o papai. Então foi uma coisa que ele encarou assim, muito bem. Eu tinha muito

medo, do que seria a separação e tal, mas o B. é muito presente mesmo estando em São Paulo. Ele liga bastante, ele conversa, sabe? Ele é bem próximo assim.

Silvia compartilha a guarda com seu ex-marido. Os filhos ficam uma semana com cada um e têm tudo o que precisam nas duas casas, além, é claro, da liberdade de ir e vir em qualquer uma delas.

(...) por um aspecto interessante da nossa separação que é, os meninos ficam uma semana comigo uma semana com o pai (...). Por incrível que pareça, é uma forma muito positiva. No nosso caso, deu super certo. Eles são muitos 'cools', são meninos assim que não são encanados com nada e...E tiraram isto de letra. Isto não é o menor problema na vida deles. E até a rotina diária deles, porque quando a gente fala isto pras outras pessoas, elas pensam: 'Meus Deus mais que complicação. Como? Mudar toda semana de casa'. Não nos estruturamos de forma, as duas casas eles tem tudo nas duas casas, eles só carregam o material didático.

Silvia acha que essa foi uma forma muito positiva de resolver a questão, pois não conseguia pensar em se separar e privar o pai da convivência com os filhos. Ela afirma que, quando surgiu essa proposta por parte do marido, avaliou as benesses e tomou a decisão de se separar. Ela acha que seus filhos não perdem com isso.

(...) Isso é muito bom para nós. Tanto para mim como pro pai, porque a gente fica com saudade deles. Eles ficam com saudade da gente. Então no dia que eles chegam é uma festa, a gente fica muito feliz mesmo de revê-los e, morando a quatro quilômetros de distancia e, quer dizer, se eu estiver mesmo com saudade eu vou lá e vejo. Eles às vezes passam aqui sem avisar, passam aqui em casa, eles tem chave da casa, não é problema nenhum (...). (...) eu não pensava nunca na idéia de me separar, porque eu não tinha coragem, porque eu falava como que o pai vai se privar da companhia dos filhos. Isto pra mim era impensável. Eu acho que ele tem tanto direito quando eu, de ter a companhia dos filhos. E

daí que quando ele colocou isso, a possibilidade da gente dividir, que ele queria, era a única condição que ele impunha para nós nos separarmos, que as crianças ficassem em igual tempo com ele e comigo.

Rose não tem a guarda dos filhos definida. Seu marido briga na justiça para ficar com eles, o que parece vir ao encontro do que desejam as crianças. O filho do meio já mora com o pai há alguns meses.

(...) se eu perguntar pra qualquer um dos três se eles querem morar com o pai, eles querem morar com o pai. Qualquer um dos três, né? Por que... é... Quem sempre deu a educação fui eu, sempre cuidei dessa parte da educação, dos limites. Então eu sou uma pessoa enérgica, sou uma pessoa assim, de pulso firme, eu fiscalizo muito né? Eu cobro muito, então eu não sou uma pessoa simpática, sou uma pessoa realmente chata, como eles dizem. O legal é o pai deles. O pai deles não fala, não briga. O pai deles não chama a atenção, então o pai é legal. Então acho que é assim, eles se pudessem eles morariam com o pai.

Rose alega que esse pai já não se fazia presente enquanto estavam casados, e que isto não mudou. A história de Rose ainda não acabou: seu processo de separação há mais de dois anos tramita na justiça. É uma separação litigiosa, no qual filhos e bens estão em jogo. Ambos querem a guarda dos filhos e a casa. A visão que temos da história é apenas de Rose, para quem o ex-marido é o vilão.

IV.3. Vivendo o processo da separação - As perdas e os ganhos

Todo o processo vivido tanto pelas mães quanto pelos filhos parece ter tido perdas e ganhos. Se houve perdas, foram perdas materiais, visto que seus ex-

maridos se mantiveram presente nas vidas dos filhos. Apesar das acomodações e reduções de expectativas, no caso de Joana e Silvia os filhos não tiveram que abrir mão de nada do que tinham antes da separação. O mesmo não ocorreu com Elena, que teve uma queda acentuada do padrão de vida; sob sua ótica, contudo, essa transformação foi benéfica para os filhos. Rose ainda vive o processo e avalia que as perdas foram intensas desde antes da separação. Recebe ajuda financeira da irmã e teve que fazer diversas renúncias para que a família continuasse a funcionar.

Joana nos coloca um fator interessante que considera uma perda: com a separação precisou, num momento inicial, voltar para a casa dos pais. Ocorre que estes enfrentavam, naquela época, o fim da própria união. Por ocasião da entrevista, ela dividia o tempo entre sua própria casa e aquela da mãe, para onde voltou em definitivo em dezembro de 2004, acompanhada do filho, por não conseguir manter financeiramente uma casa.

(...) A mudança que eu senti foi de que eu tinha minha casa, meu canto, meu quarto, estas coisas e de repente eu voltei a morar na casa da minha mãe, dividir um quarto com ela e tal (...).

Rose, ao falar em perdas, assim como Elena, evoca a questão financeira, mas não fala da perda que seus filhos tiveram. Tudo gira em torno de sua própria pessoa. Ela fala em escolhas e o porquê de algumas escolhas, mas sempre a partir de suas dificuldades pessoais, nada diretamente da rotina da casa.

(...) tive que tirar filho de escola particular para colocar em escola pública. (...) Meu padrão de vida caiu muito. (...) Minha casa precisa de reforma e eu não tenho condições. É uma casa antiga, tem um monte de coisa de manutenção, quebra, quebra, quebra, casa velha. Eu concerto algumas coisas mais essenciais, outras vai ficando. (...) não dá pra pagar mão de obra; é pedreiro, é eletricitista, é encanador, estas coisas.

Elena, quando questionada sobre perdas financeiras significativas sofridas pelos filhos, faz um apanhado sobre a vida deles, desde a separação até hoje. Ela consegue ver pontos positivos e acha que as dificuldades aprimoraram o caráter de todos.

Ichi. Nossa senhora (risos). Perderam muito. A que menos perdeu foi a H. né? Porque já não tinha (risos) as boas coisas, embora, a gente tenha até feito algumas viagens depois, (...), mas todos eles perderam muito, mas perderam assim bonito. (...) a queda, do padrão de vida, não dá. Foi assim, gritante, foi muito, muito grande. Depois de, não logo depois da separação, mais depois de cinco seis anos, foi uma coisa assim, absurda. Tanto é que o G. morava em Florianópolis, passava apertado, porque, ele vivia assim, com muito pouco, muito pouco mesmo. Era uma vidinha ultra-apertada. Ele fazia faculdade federal, não pagava a faculdade, mas vivia em pensão, pensionato, em republica, mais aquelas assim, super simples(...). (...) foi barra. Eu lembro que uma vez eu fui visitai-lo, ele morava num lugar tão horroroso, tão horroroso, que eu fiquei com tanta pena, porque era um horror. Fora o que era úmido e ele morre de alergia, porque ele é super alérgico, tem bronquite. Aquilo era um mofo. Assim, nas paredes, aquelas paredes verdes, úmidas, né? Entrava umidade pelo chão. Falei 'gente do céu'.
(...) sobreviveu. Ta sobrevivendo. Todos nós estamos. E isso fez bem. Eu acho que o caráter também se aprimorou. Caráter de todo mundo se aprimorou com as carências, foi bom.

Avaliando todas as trajetórias, os ganhos e as perdas, percebe-se que a retomada da vida social pelos sujeitos pesquisados foi um ponto importante, seja porque ela tenha significado a volta à vida agitada e de saídas, seja o sentido de reapropriação de um espaço pessoal, a liberdade.

IV.4. Vivendo o processo da separação - A vida social

A questão da retomada da vida social ocorre para algumas mulheres. O que conta não é o fato de terem estado casadas ou não, mas com quem estavam e como caminhavam diante do problema. Silvia sempre gostou de eventos culturais e de arte; nunca teve a companhia do marido para freqüentá-los, mas o fato não a prendeu em casa. Após a separação passou a sair mais e a se dedicar a outras coisas.

(...) Por não ter, não estar mais casada. Ai que eu sai muito mais de casa. Eu já tinha mil compromissos. Mas agora então, desde que me separei me dedico a várias causas assim, e sem preocupação nenhuma. Não tenho que me reportar a ninguém.

Elena é uma mulher muito sociável e transformava a vida do casal. Diante da separação manteve sua vida social.

Ah ficou melhor viu (risos). Não posso me queixar.

(...) não ficou melhor, ficou igual talvez. Melhor porque, ela mudou e mudou para melhor, vamos dizer assim. Mas eu também não posso dizer que tenha mudado para melhor porque eu não posso dizer como seria se eu tivesse continuado casada. Que na realidade a minha vida social sempre foi ditada por mim. Eu que sou uma pessoa extremamente sociável. Eu lembro disso, todas as coisas em casa, todas as festas... Toda a, a receptividade que eu tinha, dos amigos, da família, até da família dele, era eu que promovia.

A minha vida continuou aqui: com os meus amigos, minhas coisas. A minha vida social não teve alteração.

Joana viveu atritos diante do fato de estar casada e não poder sair, pois isso gerava conflitos na relação do casal. Depois da separação retomou a sua vida social. Ela se sentia uma pessoa bem mais velha por viver reclusa, apesar de ter pouco mais de vinte anos na época. Esse fato gerou um peso muito grande na relação do casal.

Ai, melhorou muito (risos), depois da separação. Vários motivos, primeiro porque o B. era um velho. Chato. Programa de sábado a noite era assistir Zorra Total, eu queria morrer!! Ai credo, que horror! Então eu comecei a sair mais por mim [depois da separação], e como o G. ta sempre em São Paulo nos finais de semana, então na verdade, ficou pra mim muito mais fácil. Então eu voltei a vida social depois da separação. (...) Minha vida social é cem por cento.

Entrevistadora: Só teve ganhos?

Só ganhos (risos). Nem uma perda. Mas não porque eu era casada. Porque eu era casada com ele. Acho que cada relacionamento é um relacionamento. Porque ele era assim: não gostava de sair, não gostava de passear, não gostava de fazer nada, só ficar em casa assistindo tv, ponto.

Questionada sobre sua reação por ter sido casada com alguém tão diferente dela, Joana respondeu:

É. Eu tentei questionar muito, mas eu não tinha esta abertura com ele, de questionar e tal. É uma coisa que não acontecia muito. As poucas vezes que eu tentei foi tipo assim: 'Vamos sair, eu quero'. Foram brigas homéricas. Então eu fui me condicionando de que eu não podia fazer aquilo e foi um dos motivos pelos quais a relação acabou né? Eu tinha vinte e dois anos e me sentia uma velha de quarenta. Não pode. Não dá. Não faz bem isso.

Rose percebe que obteve ganhos em sua vida social, atribuindo-lhe os valores da retomada da liberdade e do sossego. Acha que o fato de o ex-marido

não estar mais fisicamente presente em casa lhe deu quietude, o que é positivo. A contrapartida é não poder sair por não ter com quem deixar os filhos.

(...) Boas, que eu acho que não tem preço. Que eu acho que não abro mão, é realmente a minha liberdade. É o meu sossego. Não estar do lado de uma pessoa que você não quer ficar, entendeu? Você não suporta mais. Então, essa liberdade, de poder dormir a hora que você quer, de poder, entre aspas, porque você tem compromissos, mas assim, que não tem uma pessoa te perturbando. Isso pra mim é coisa que é assim, é fundamental. Sabe? É... então foi muito bom.

(...) antes de me separar, às vezes, por exemplo, eu ia mais ao cinema. Não só por uma questão financeira, porque apesar do meu marido não colaborar, mas ele estava em casa e a responsabilidade era dele. (...) agora, eu parei, eu saia menos ainda depois que eu me separei, porque eu não podia. Não tinha com quem deixar filho. (...) Por exemplo, se eu vou numa festa, vou deixar os meninos em casa sozinhos? Se ele tava em casa, pelo menos tinha um guarda lá, alguém em casa. Agora não dá. (...) eu não saíu muito. Não tenho uma vida social assim. (...) dentro do possível, eu vou com os meninos, assim né? Mas sem grandes agitos. Não arrumei outro parceiro, nunca tive, nunca encontrei nem um namorado. Nada. Ah, e também acho que é uma coisa, é, difícil. Acho que hoje não tem mesmo homem na praça. A verdade é essa. Acho que tem muito mais mulher do que homem, né? Não tem qualidade, né? Tem quantidade de homem, mas qualidade a gente não tem. Então, nunca, nunca apareceu nem um relacionamento, nada. E vivo minha vida assim, pros filhos, pra casa, trabalho. Minha vida é essa. Eu não paro. Eu vou dormir à uma hora da manhã todo dia e acordo às seis horas da manhã todo dia. É no mínimo uma hora da manhã. É porque é muita responsabilidade, é muito detalhe, é muita coisa. Eu sou muito assim, controladora. Tudo eu tenho que ver, então é muito cansativo.

Nem tenho tempo de sair também. Nem tenho dinheiro. Nem tenho condições. Nem tenho tempo, nem nada. Então é isso.

IV.5. Vivendo o processo da separação – A religião

Apesar das particularidades de cada caso, a ruptura causou em comum a dor de se separar, de pôr um ponto final em um casamento, numa relação a dois

com a presença de filhos. Retomar a vida é sempre doloroso. O recomeço é árduo. Para algumas a religião poderia ter sido um suporte, mas nem sempre ela representa um ponto acolhedor, como no caso de Silvia. Católica praticante se viu acuada diante da escolha de se separar.

Posso te colocar a minha ansiedade por ser católica praticante, aí em relação à instituição Igreja né? Logo quando eu me separei isso parecia uma coisa pesada. Sabia que todo mundo estava olhando para mim, sendo que eu e C. freqüentávamos juntos à Igreja, sabia que todo mundo estava olhando e dizendo, ‘mas como?’

Como eles vão se separar? A gente ouviu isso muitas vezes. Então isto era pesado.

Entrevistadora: Dentro de onde era o seu canto espiritual, que era o seu suporte, você na verdade não teve suporte?

É.

Entrevistadora: Você foi criticada por ter se separado?

É. Não uma critica tão aberta né? Mas assim, um pesar muito grande, uma incompreensão também. ‘Por que? Duas pessoas que se entendiam tanto’. As pessoas não sabem da sua vida particular. Só porque nós estávamos juntos...

A reação de Silvia foi a de mudar de paróquia. Mudou-se para uma mais perto da casa em que vivia, mas acabou abrindo novos caminhos dentro da religião. Hoje pode-se dizer que não é mais “absurdamente católica”.

(...) na verdade, quando eu mudei para cá, eu freqüento mais o Guará, aqui pertinho. E ele continua na Santa Izabel, ou lá na matriz, então a gente não se encontra muito mais.

(...) Agora que eu tenho um envolvimento muito grande com varias religiões. Eu freqüento alguns grupos de dialogo ecumênico, inter-religioso, mas antes era assim, uma coisa muito rígida.

Elena fala justamente do oposto. Lamenta-se pelo fato de não ter uma religião, no momento em que precisou se apegar a algo que a ajuda-se no processo de reestruturação interna, após a separação.

(...) Após o casamento, foi de uma maneira muito informal [que buscou para se reestruturar], porque num, num existe nada, nem eu, não sou ligada à igreja, não sei como é que são, há pessoas que até, tem outra vivência.

Mas como eu sou uma atéia de carteirinha (risos), então não tinha nem isso. Mais mesmo assim eu parti para as coisas alternativas; tomei passe, fui no terreiro de umbanda, fiz um monte de coisa alternativa. Fiz o meu mapa astral. Tudo que eu vi pela frente. Eu busquei todos os caminhos possíveis. Ai foram todos muito validos, porque tudo isso é, eu acho que é auto conhecimento. Quando você faz isso, você ta querendo se conhecer, não é? Você não ta fazendo mais nada do que isso, querendo se conhecer. E isso é importante.

O processo vivido por Elena, por mais duro que tenha sido, representou um crescimento interno muito grande. Ela aprendeu a lidar com as dificuldades. Mas terminou a entrevista com a seguinte frase:

(...) Tem ai apoio para alcoólicos, tem apoio pra psicótico, tem apoio pra neurótico, tem apoio pra drogado, tem apoio pra tudo, agora, mulher e família...

CAPÍTULO V - Analisando o processo vivido pelas mulheres e as redes sociais de suporte.

**“Amor não tem que se acabar
Até o fim da minha vida eu vou te
amar
Eu sei que o amor não tem
Não tem que se apagar” (GILBERTO
GIL – Amor Até o Fim).**

Podemos iniciar este capítulo justamente retomando a última fala de Elena. Ela nos introduz neste novo tópico, no qual o enfoque central será colocado nas redes sociais de suporte.

(...) Tem ai apoio para alcoólicos, tem apoio pra psicótico, tem apoio pra neurótico, tem apoio pra drogado, tem apoio pra tudo, agora, mulher e família...

Tal afirmação nos encaminha para o exame das redes sociais de suporte, do movimento da reestruturação e da questão da renda. Será a realização de um enfoque macro, dentro de uma realidade micro — uma vez que apenas quatro indivíduos fizeram parte da pesquisa — no esforço de esboçar um perfil dessa população a qual a pesquisa se propõe a estudar.

As categorias gerais a serem discutidas serão as redes sociais de suporte, como ponto central da nossa discussão; a reestruturação e a renda, que

apareceu, no decorrer da pesquisa como um ponto importante apontado pelos sujeitos entrevistados.

Faz-se então necessária à explicitação do conceito de rede social que tomamos como pressuposto:

O termo rede social descreve uma estrutura de indivíduos com uma relação designada para a pessoa focal, bem como uma frequência média de contatos e uma específica proximidade geográfica. A rede social é uma forma de capital social com potencial para influenciar a troca de apoios de várias naturezas (...). É fonte de ajuda em tempos difíceis, de informação em tempos de necessidade e fonte de conforto em tempos de aflição (NOGUEIRA, 2001, p.17).

Marteleto (2001, p. 71) acrescenta que nas redes sociais é possível uma valorização dos elos, tanto os informais como o de relações, sendo as redes uma “forma de organização humana” inserida no nosso cotidiano.

A apresentação das categorias é iniciada através da questão da renda. Em seguida abordamos uma ampla gama de redes sociais, apresentados aqui em sete pontos distintos. Por fim examinamos a reestruturação destas famílias.

V. 1. A renda.

A renda da casa, motivo de desgaste para muitas famílias na classe média, separadas ou não, torna-se um fator de grande importância no momento da separação. É comum que marido e mulher trabalhem fora e somem suas rendas para o pagamento de despesas da família. Também é usual que os homens

recebam um salário maior do que a mulher, apesar de haver indícios de mudança nesse panorama.

Com a quebra do relacionamento conjugal, a renda total é segmentada, e as mudanças no orçamento doméstico se fazem sentir. O maior ônus recai, via de regra, sobre a mulher, pois também usualmente, esta não costuma ser a maior provedora do lar, o que traz, além das perdas emocionais, muitas perturbações de gerenciamento financeiro. Podemos apontar esse traço como sendo comum a todas as mulheres que participaram da pesquisa.

Embora tivessem algum tipo de trabalho ou fonte de renda no momento da separação, elas nunca haviam sido a principal fonte de renda na casa. Só Joana, que ainda se encontrava cursando a graduação na época do casamento, se deparou com uma realidade diferente das outras mulheres. Para fazer frente às suas despesas, vivia da mesada que seu pai lhe dava:

Pra mim, mudou muito pouco [mudanças econômicas], porque enquanto eu tava casada, apesar do B ter um nível social muito mais alto, da família dele ter um poder aquisitivo muito grande, um patrimônio muito grande, tal, não era uma coisa que a gente usufruísse muito. Então, mesmo quando a gente era casado, eu vivia com uma grana que meu pai me dava. Ele tinha salário, tudo, mas a gente tinha uma vida normal.

Silvia enfrentou uma realidade um pouco diferente: dado que compartilha com o ex-marido a guarda de seus filhos, não teve que assumir a casa 'toda'. A relação doméstica, antes da separação, era alicerçada na soma de renda e divisão de gastos; contudo, vale lembrar que Silvia nunca recebeu um salário alto suficiente para manter uma casa e dois filhos.

(...) o meu salário sempre foi baixo. Não daria pra viver do meu salário do meu emprego principal que é a Unicamp, porque eu sou tempo parcial na Unicamp.

Silvia buscou outros caminhos:

Eu tenho que buscar outras formas: alunos particulares ou dar de vez em quando aulas em escolas particulares de línguas para poder me sustentar. Isto eu não tinha antes. Obrigatoriamente não tinha porque nós dividíamos as nossas despesas.

Elena sempre trabalhou, assim como Rose; apesar disso, a renda principal vinha de seus maridos, e era brutal a diferença de salário. Garantia à família uma vida mais financeiramente mais tranqüila.

(...) meu ex-marido era gerente de uma multinacional. Ele, na época que a gente veio para Campinas, ele era gerente. Alguns anos depois ele se tornou diretor de uma poderosa multinacional. Então você imagina: um padrão de vida razoável. A gente construiu uma bela casa, num lugar privilegiado da cidade universitária [bairro classe média do município de Barão Geraldo, na cidade de Campinas]. Hoje é um condomínio fechado, que é um dos maiores aqui da região. (...) Tínhamos uma vida extremamente confortável. Os filhos viajavam para os Estados Unidos. (...) Eu já tava trabalhando, mas o meu trabalho era aquela história. Meu trabalho de professora sempre foi muito alfinetes da casa né? Porque o salário era muito menor.

“Alfinetes da casa”. Veja a comparação que Elena utiliza para quantificar as diferenças entre os salários do casal. Vale lembrar, na história de Elena, que o período a que ela se refere é após o nascimento da filha caçula, e que, diferentemente do marido, mudou de emprego, no qual ainda se encontrava à época da entrevista.

O traço problemático é a queda brusca de padrão de vida, dado que o mesmo patamar não poderia ser mantido com o salário pessoal. Ela fez um acordo pacífico com o ex-cônjuge — como se depreende das palavras da advogada de Elena, que “*nunca viu um acordo de separação tão favorável à mulher como o seu*”. Ele nada contestou. Por sua vez, Elena abriu mão da pensão própria, dado que aquela dos filhos lhes garantia tranquilidade.

Teoricamente a gente não teria que perder nada com a separação. Ele continuava com a vida dele fora dali e eu com a casa, os filhos e mantendo aquilo que a gente tinha desde então. Isto durou uns dois anos. Só.

Ai a coisa começou a ficar complicada, né? Porque a pensão começou a diminuir. As coisas, ele também perdeu, ele foi perdendo isso. O emprego, a vida dele começou a tomar outro rumo. Ele resolveu abrir sua empresa, ou seja, embora a gente não tivesse mais nada haver com as escolhas da vida dele, nós fomos diretamente influenciados por estas escolhas.

Podemos perceber através dessa declaração que Elena não estava efetivamente separada do marido, uma vez que dependia financeiramente dele para a manutenção do nível socioeconômico ao qual estava acostumada. Mesmo diante das perdas, Elena insistiu naquele caminho e só depois de alguns anos é que resolveu mudar aquela situação.

Quatro anos depois da minha separação. Acho que três quatro anos, eu resolvi que ia ser independente, que não podia mais ficar dependendo desta... pensão maravilhosa né? E do esquema de vida que eu tinha. Ai, eu coloquei o único bem que eu tinha disponível, que era a minha casa. Então eu aluguei a casa, mudei e comecei a morar em espaços menores, mais baratos, para poder com esta sobra de dinheiro... reestruturar a família, junto com o meu salário, que eu trabalhava e tudo mais; aumentar um pouquinho à renda. Com a diferença de aluguel continuar bancando os meus filhos em escolas particulares, como eles iam vindo.

Então até a formação deles, dos mais velhos pelo menos até o cursinho e bábábá, isso eles fizeram sempre em escola particular.

Nunca precisaram abrir mão disso. E a H. estudava no Sítio, e eu era professora do Sítio...

A realidade naquele instante mudou bruscamente. A vida daquela família teve que ser reestruturada, e suas perdas econômicas foram grandes e intensas.

(...) economicamente foi um baque, né? Foi uma coisa assim muito decrescente. Nós fomos perdendo, né? (...) A vida começou a ficar dura.

O que podemos perceber com o depoimento de Elena e, a seguir, mas não de maneira tão brutal, naquele de Rose, é que quanto maior o poder aquisitivo do marido, da família, maior é a queda no padrão de consumo. Correlativamente, também maiores são as dificuldades de adaptação e aceitação da perda dos privilégios dantes desfrutados.

Rose viveu uma situação diferente, mais agressiva, mais estressante, uma vez que enfrenta até hoje a separação. Um divórcio litigioso, sem acordos, com muita dor e confrontos. Rose, desde os tempos em que ainda vivia com o ex-marido na mesma casa, começou a sentir o baque financeiro que vinha pela frente:

Ah, a nível assim, financeiro, econômico, ah...A coisa foi assim. Foi muito agora de economia, porque enquanto meu marido tava em casa é... ele assumia esta responsabilidade financeira, embora eu nunca deixei de trabalhar totalmente, sempre tinha algum ganho (...). E aí, depois que ele saiu. Antes de ele sair ele já não queria mais dar dinheiro em casa, então eu fui pedindo dinheiro emprestado para minha irmã e depois que ele saiu eu tive que pedir mais ainda, né? Porque daí até que o juiz determina quando vem a pensão. E a pensão é pouca porque ele é aposentado com um valor muito pequeno. Ele aposentou parcial com um valor muito baixo e ele tem terras: então ele mexe com

gado, plantações, tal e isso não tem como comprovar renda. Então, a minha pensão é um valor muito baixo.

A vida de Rose modificou-se inteiramente. As dificuldades foram ainda maiores do que as enfrentadas por Elena — embora a queda de padrão tenha sido um pouco mais suave — porque Rose não estava de fato inserida no mercado de trabalho. Durante todos os anos de casamento não conseguiu construir uma carreira sólida como psicóloga. Sempre teve consultórios, mas esse fato jamais garantiu uma mínima tranquilidade.

Podemos dizer que Rose representa uma parcela da população feminina que tem uma graduação, mas de fato não exerce a profissão. Ela nunca abandonou por completo a profissão, mas também não foi em busca de novos espaços, não procurou se aprimorar e hoje enfrenta um mercado de trabalho extremamente concorrido. Quais são as chances de uma mulher de cinquenta anos que clinicou a vida toda sem nunca ter se inserido realmente no mercado?

A realidade de Rose é a realidade de muitas mulheres separadas. Mulheres que viveram a juventude num momento de transição de costumes, que cursaram uma faculdade, depois se casaram e assumiram o lar. Elas não viveram a entrada efetiva no mercado de trabalho e hoje, diante da necessidade, vêem suas chances profissionais bastante reduzidas.

(...) eu tenho currículo espalhado pra muitos lugares e, falo com muita gente. Peço pra um, peço pra outro, enfim, estou sempre tentando. Mas os lugares que eu tentei dizem que assim: que não tem vaga. Porque psicólogo é uma coisa realmente muito restrita. Empresa nenhuma tem e tal. E tem o fator da idade, né? Eu tenho 50 anos e isso pesa contra. Pesa contra o fato de eu ter três filhos; o fato de eu ter 50 anos; o fato de eu estar afastada do mercado de trabalho formal (...).

Independente da vida que tiveram, podemos perceber que as histórias se repetem. Wall, José & Correia (WALL, JOSÉ & CORREIA, 2005, p. 2), em **Mães Sós e Cuidados às Crianças**, separam a condição da família, além do papel do homem e da mulher, em três modelos básicos:

O marido “ganha pão” e a mulher doméstica;

O duplo emprego “em que a relação com a vida profissional é sobretudo instrumental, para se ganhar mais, e o papel profissional da mulher é secundário em relação a carreira profissional do marido e as necessidades da família”, e

O da dupla profissão, onde as coisas funcionam de maneira mais igualitária seja economicamente seja profissionalmente.

Não é possível enquadrá-las inteiramente em uma das três categorias acima descritas; entretanto, podemos tomá-las por base: apesar dessas mulheres terem uma formação e trabalharem, as profissões dos maridos sobressaíram e eles buscaram qualificações aprimoradas, enquanto que as esposas só almejavam fazer o mesmo após a separação, na tentativa de providenciar um aumento da fonte de renda.

Essa reflexão nos aponta uma questão: como seria a vida da família monoparental se quem ficasse com os filhos fosse o pai, ao invés da mãe? Essa reflexão nos aponta uma questão: como seria a vida da família monoparental se quem ficasse com os filhos fosse o pai, ao invés da mãe? A indagação é pertinente e poderá ser abordada num trabalho posterior que espelhe e complemente as investigações aqui propostas.

V.2. A rede social de suporte.

Entremos agora na questão da rede social de suporte e desde já fica a questão retomada: como se estruturaria a família monoparental e quais redes usariam se o homem fosse a referência principal dos cuidados com os filhos? Será que buscaria mais recursos particulares? Teria ele condições de bancá-los? Será que lutaria pelos espaços públicos para os seus filhos? E a mulher, como utilizou e utiliza as redes sociais de suporte?

O mercado de trabalho

Como o mercado de trabalho recebe essas mulheres? Será que são tratadas diferentemente por serem mães chefes de família? Joana, que está iniciando a vida profissional, relata um episódio bastante interessante que vive:.

(...) quando eu me formei, fazendo dinâmicas de grupos, estas coisas, volta e meia à gente batia assim, com textos que a empresa dizia que lugar de mãe solteira não era naquela empresa. Que as mulheres que eram mães não deveriam trabalhar fora, sabe? Coisa do gênero. Super legal, ano dois mil, né? Se esbarrar com uma coisa dessas.

Joana conseguiu um trabalho em uma empresa na área de sua formação, que é engenharia de alimentos, mas teve que mudar de trabalho em virtude das situações que teve de enfrentar.

A empresa que eu trabalhei, na área de alimentos, eu sai por causa do meu filho. Então assim, o meu chefe não admitia que eu tivesse um filho e ele achava que essa era uma coisa que diminuía meu trabalho, porque eu era, apesar de nunca ter faltado

na empresa por causa do G., ter me esforçado ao máximo pra isso. Nunca ter faltado, não comentar dele, não ficar me queixando de nada do gênero, a empresa era machista. (...) ela via como algo ruim que eu não fosse casada e tivesse um filho.

Acabou buscando trabalho fora de sua área de formação e hoje é professora no campo das ciências exatas. Dá aulas em colégios particulares de manhã, à tarde e, principalmente à noite:

Atualmente, no ramo que eu to, que é dando aula, isso não faz muita diferença. Quer dizer, a princípio né? Não sofri nenhum tipo de preconceito por causa disso. O que eu acho ruim é que assim, por ser mãe, por estar sozinha, quando fica doente, quando ta com algum problema a gente tem que se virar. E no meu ramo eu não posso faltar, então assim, eu não tenho a tranquilidade pra falar: 'Olha, hoje meu filho ta com febre, mesmo com atestado médico e tal e eu não vou poder trabalhar'. Eu não posso fazer este tipo de coisa. Então essa é uma coisa que eu acho ruim assim, sabe? Porque, o homem nunca falta. Mesmo que eu fosse casada não faria muita diferença, né?

Parece que Joana nos trás uma história comum ao gênero feminino. No pensamento dela não faz diferença estar casada ou não, uma vez que em nenhuma situação poderia abrir mão de um dia de trabalho para cuidar de seu filho doente. Nenhuma empresa quer um funcionário que falte, pois isso significa mudanças organizacionais e prejuízos.

O que é num primeiro momento tomado como crueldade institucional pode ser avaliado mais de perto se estendido para o âmbito doméstico, quando então tem sua apreciação alterada. As empregadas, contratadas para obturar uma ausência — aquela deixada pela dona de casa que abriu mão de seus afazeres para fazer parte do mercado institucionalizado —, causam um abalo quando não comparecem ao trabalho, instaurando o caos nas lides rotineiras: falta a infra-

estrutura compreendida pela limpeza, alimentação, supervisão de crianças, em suma, um papel fica sem cumprimento e a família padece.

De fato, o mercado de trabalho não foi pensado para o ser humano de um modo geral, visto que visa à produção e muito pouco se importa com a saúde daqueles que trabalham, o que dirá de sua família então. Apesar desta realidade, tanto Silvia como Elena puderam encontrar um equilíbrio profissional. Silvia trabalha em uma universidade estadual que exige a presença dela apenas nos horários em que tem que dar aulas. Num lugar em que se privilegia a pesquisa, são poucas as horas em sala de aula.

Eu sempre fui muito independente, né? Comecei a trabalhar com dezessete anos e sempre fui muito responsável com os meus compromissos. E, bom, na função de professora [universitária] a gente tem muita liberdade de horário né? Você cumpre... Se você quiser só cumprir as aulas e fazer o resto em casa, você pode. Então isso facilita bastante. (...) Eu também posso dar aulas em casa, em vários horários.

Silvia consegue perceber a diferença que existe entre seu trabalho e outras situações enfrentadas pelas mães:

(...) Eu fico pensando em quem se separa com filho pequena e que tem um horário muito rígido e muito longo, aí estas coisas se dificultam.

Freqüentemente ela aponta esse tipo de questionamento e percebe o que há de benéfico em sua própria situação.

Elena trabalhava meio período em uma escola. Os filhos também estavam em suas respectivas escolas no mesmo período de atividades da mãe. H., até

completar a oitava série, estudava na mesma escola em que sua mãe trabalhava. Elena enxerga os benefícios de estar inserido num local privilegiado:

(...) A escola pra mim. O trabalho na escola pra mim, foi um, foi um meio de sobrevivência. A escola era o meu meio de sobrevivência, era minha profissão. Eu trabalhava e, num lugar... fantástico. Era um meio de sobrevivência, mas um meio especial. O lugar onde eu me sentia bem. O lugar onde as pessoas (...) os colegas, os pais, partilhavam de uma visão de mundo que eu tinha. Então eu não precisei, ah... eu não precisei me violentar para fazer uma coisa em termos de, de sobrevivência.

Semelhantemente Rose, apesar de estar em um trabalho provisório, com prazo fixo para acabar, percebe os benefício:

Porque nessa [empresa] como é um cargo, eu sou assessora, é um cargo que eu não tenho que assinar ponto, eu não tenho, eu não tenho que dar satisfação nenhuma a chefe, nada. Então, eu trabalho período integral, mas se eu preciso ir numa reunião na escola. Estes dias, por exemplo, meu filho do meio ta de recuperação, eu tive que conversar na escola, eu tive que resolver uns problemas e acabei ficando quase que a manhã inteira na escola. Eu acho que esta empresa me dá essa condição por ser uma empresa de economia mista, se fosse uma empresa particular, com certeza eu estaria na rua.

O dia a dia

Como, então, estas famílias resolvem as particularidades da situação? Como se organizam para viver o dia a dia? Nenhuma das mulheres entrevistadas tinha empregada trabalhando em casa. A quem recorreram diante da necessidade?

No momento da separação de Silvia, seus filhos tinham 13 e 14 anos de idade respectivamente, idades em que cada um podia cuidar de si. Além disso, são amigos, companheiros; para ajudar, Silvia tem horários mais maleáveis, o que fez com que não precisasse de ajuda para o dia a dia da casa.

Rose não teve apoio para sua rotina, mas contou com a ajuda financeira de sua irmã. O ex-marido, enquanto estava em casa, auxiliava no deslocamento operacional dos filhos e ficava fisicamente em casa:

(...) ele [o ex-marido] era presente em casa. Ele ficava fisicamente em casa. Então, assistindo televisão, no mundo dele, mais ele tava lá né?

(...) ele servia de motorista. Eu falava que ele carregava e descarregava carga. Porque ele levava filho na escola, buscava. Nunca conversou com professor, nunca foi a nenhuma reunião, mas ele era o motorista que levava e carregava. Depois que ele saiu de casa, eu tive que fazer isso tudo sozinha né? Então isso me sobrecarregou também, que eu fiquei sem o motorista pra carregar a carga né? (risos).

A família

Para Joana e Elena, a família foi o ponto de suporte. A família de Joana mora nas proximidades, e nossa entrevistada usufrui desse fato. Sua rede básica é sua família.

(...) O suporte para ficar com ele mesmo, foi à família. Quem ajuda é a família. Ai no caso é minha mãe e meus irmãos.

O auxílio que Joana recebe de sua família garante tranquilidade para o seu trabalho:

(...) minha mãe e meu irmão, 100% os dois. O T. é um tio que não tem igual. Ele leva na escola, ele pega na escola, ele dá almoço, ele dá banho, ele nunca questionou, assim. Ele só reclama se for segunda-feira, que é dia dele ficar com a A. [namorada], então ele enche um pouquinho o saco, mas se não for na segunda, não tem stress e a minha mãe, sempre à tarde não tem stress. Agora, por exemplo, quando eu dependo das minhas irmãs, gera um conflito forte. No caso a E. e a B. ficam assim, uma horinha, duas horinhas. Uma tarde inteira nem pensar. Nunca. Mas sei lá, perto das outras famílias, é uma ajuda muito grande assim. Realmente eu não tenho o que falar. Minha mãe disponibiliza os dias em função dos meus horários. É tudo pra ficar com o G., sabe?

Elena, na época da separação, pôde contar com ajuda variada. Seus filhos maiores já eram adolescentes, de 17 e 15 anos, e se dispunham a cuidar da caçula. Além disso, a mãe dela morava próximo a eles e era presente. Além disso, Elena contou com uma presença um pouco incomum em casa. Sua ex-sogra foi morar com ela por um período. Os amigos também estavam por perto.

(...) Minha mãe era viva. Sempre me deu muito apoio. Morava em Campinas. Construímos inclusive a casa dela perto da minha casa. Ela me deu muito suporte. A minha sogra, ex-sogra, morou comigo. Então foi uma situação inclusive muito, interessante (risos), porque, quando nós viemos para Campinas nós trouxemos a mãe do, ela veio junto. Ela era uma mulher muito independente, mas era muito amiga da minha mãe. Então as duas tinham um bom relacionamento (...). Então eram bem companheiras e ela, para não ficar sozinha em São Paulo, ela mudou-se para Campinas e vivia perto da gente. Com os netos e tranquilo.

Ah, quando eu me separei ela continuou aqui né? E num determinado momento ela veio morar comigo. Por dois motivos: primeiro porque eu precisava de um suporte financeiro e ela podia me ajudar, e segundo, que ela precisava de um suporte afetivo e não tinha né? Porque meu ex-marido foi embora, voltou para São Paulo e ela foi despejada do apartamento onde ela tava e, ou voltava para São Paulo ou ficava aqui. Então eu fiz a proposta e

ela morou comigo durante alguns anos. Foi bom, porque nestes anos ela me deu... uma força. Me deu suporte. Cuidava da H., dos meus filhos. (...) Enfim, eu tinha um suporte familiar muito bom, inclusive com todos os amigos que sobraram do casamento.

A ajuda recebida economicamente

Retomando um pouco a questão da renda familiar, reencontramos aqui, na questão do suporte por parte da família, uma questão financeira. Elena, num determinado momento, convidou sua ex-sogra para morar com ela e colaborar na renda da casa. Silvia abraçou novos trabalhos, mas também contou com a ajuda financeira do seu pai nos momentos de maior crise financeira.

(...) eu estou me lembrando agora que eu não mencionei um fato que é importante, quer dizer, se por um lado eu consegui sobreviver com este salário [Silvia recebia um salário de 1.500 reais e no mês da entrevista seria reajustado para 1.700 reais] que é muito baixo, com pouquíssimas outras ajudas; esqueci de dizer, que de vez em quando, quando eu estou na pior mesmo, eu recorro ao meu pai.

Joana, na época da entrevista — quando então morava numa casa com o filho e não com sua mãe — recebia ajuda financeira de seus pais. A mãe lhe dava o dinheiro do supermercado e o pai, uma mesada. Os pais de Rose moravam perto, mas não pôde contar com ajuda e nem apoio deles num primeiro momento:

Do meu pai e da minha mãe, assim, especificamente, eu acho que eu não tive muita ajuda não. (...) eles não me ajudaram financeiramente, nem, por exemplo, minha mãe ficar em casa. Nunca. Nunca dormiu uma noite na minha casa. Nada.

A ajuda que veio a receber da família foi financeira e ela veio de uma irmã que mora fora do país.

Essa minha irmã, é uma irmã que mora fora do Brasil e essa irmã me ajudou muito. E assim, mandando roupas... usadas; todas... Praticamente toda roupa de cama, toalha de banho. Roupas das crianças, minhas roupas todas. Tudo é ela que me dá. Roupa usada né? Roupas dela lá. E dinheiro, que ela me emprestou. Então, eu devo muito a esta irmã.

Os amigos

No momento em que Joana enfrentava a separação, seus pais não haviam ainda retornado à cidade de Campinas. Durante a maior parte da duração do casamento a família de Joana esteve ausente da cidade. Num primeiro momento foram morar fora do país e no retorno foram para Recife, cidade de origem da família de Joana. Este foi uma das razões da manutenção da relação de Joana com o ex-marido. Ela não tinha para onde ir caso resolvesse sair de casa com o filho. Ao se separar e mudar para a casa de seus pais, que ainda estavam em Recife, Joana contou com a ajuda de amigos.

Ah! Amigos! No começo tive muita ajuda da M.. Logo que eu me separei, não tinha ninguém aqui. A família toda tava em Recife. A M. veio morar comigo. Então ela veio. Ela e o R. de mala e cuia, os dois pra cá. Ficamos nós quatro morando aqui né? Eu, o G.[seu filho], ela e o R.. Foi um mês assim, para eu não me sentir sozinha, que foi a vez que eu precisei dela mesmo (...).

Silvia diz que não buscou apoio dos amigos, uma vez que uma amiga, que já lhe era próxima, incumbiu-se de ser seu 'anjo da guarda':

(...) teve uma amiga que já era muito minha amiga, que ficou cada vez mais próxima por causa da separação. Ela se achou na obrigação de ser meu anjo da guarda. (...) ficamos com uma amizade mesmo muito próxima.

Elena se define como uma pessoa muito sociável, de maneira que os amigos são parte de sua rotina. Ela pode contar com eles e seus filhos também:

(...) os amigos que eu fiz em Campinas, estes eu mantive né? Estes foram amigos meus mesmo, não eram amigos do casal. Na realidade eram amigos meus. Eu percebi muito isso. Que eram pessoas que eu tinha. Era um circuito de amigos que eu tinha conquistado, e que se mantiveram né? Pessoal da Escola do Sítio que eu conheci, colegas que eu tive, amigos... ah, pais e professores, professores e pais de colegas da H..

Entrevistadora: Na hora da separação como é que eles funcionaram pra você? Eles deram suporte pra você? Para os filhos?

Pra mim, pros filhos. Pra mim. Quer dizer, não foi muito diferente porque eu fiquei, quem saiu, inclusive especialmente do local, foi meu marido, então os amigos ficaram próximos. Eu já tava em Barão Geraldo [sub distrito de Campinas], quer dizer: Barão Geraldo é uma província.

Mais uma vez a vida Rose não caminha como as demais. Ela encontra dificuldades em conseguir apoio emocional. Ela fala em amigos, pessoas a quem recorre, mas sente que fato de ser separada e não ter um companheiro pesa. O emprego que Rose tinha na época da entrevista foi conseguido através de uma amiga, que é política. O apoio é financeiro, a ajuda é financeira, mas no que diz respeito ao amparo afetivo a configuração é outra. Quando a entrevistadora lhe perguntou se achava que existia um preconceito pelo fato de ser separada, respondeu:

(...) Eu vejo que tem sim [preconceito] ainda, em pleno século XX. É... não é uma coisa explícita. Não é. É uma coisa meio velada,

meio assim. Mas eu vejo que tem. (...) Eu já tenho cinquenta anos, então você vai e são os casais. Então, como eu não tenho nenhum companheiro. Talvez se eu tivesse um companheiro, mesmo sendo descasada, a coisa ficava mais 'light'. O fato de eu ter, ser sozinha, eu sinto às vezes. Não que me discriminam, mas... é... é diferente. Tem um certo preconceito assim, uma certa barreira.

A saúde

Todas as entrevistadas fazem uso de um plano de saúde particular. Qualquer ajuda referente à saúde de seus filhos ou da sua foi feita através de plano. Joana não usa e nunca usou nada do meio público, entretanto vale informar que sua mãe é médica pediatra do Centro de Saúde de Barão Geraldo.

Plano de saúde particular, escola particular. Tudo particular.

Silvia também faz uso de plano de saúde:

(...) eu tenho um plano de saúde privado, que é a Unimed. Então, quanto a isso a gente tinha e continua tendo. Então, não há problema neste sentido. Precisou tem...

Elena e Rose têm outras histórias pra contar. Elena, após a separação, percebeu que necessitava de algumas coisas que até aquele momento não havia pensado. Lutou então pelo direito ao plano de saúde através do trabalho.

(...) Eu era uma pessoa ah... ativa e atuante dentro da escola, tanto que eu me lembro, quando eu voltei, depois destes anos todos, eu comecei a mexer numas coisas que ninguém falava lá na escola né? Por exemplo, de seguro saúde, de seguro em

grupo e outras benesses todas, porque eu tava perdendo isso, não é? E parecia que ninguém tava preocupado com isso (...). Eu comecei a pensar nisso do ponto de vista individual, mas pensando também no coletivo, porque outras pessoas podiam estar precisando disso e estavam né?

Depois da separação, Elena passou por um momento de profunda depressão e foi buscar auxílio na saúde pública, mas nada encontrou. Isso gerou um grande conflito interno, uma vez que precisava de ajuda especializada para vencer aquele momento⁴.

Fases de depressão fortes, em que eu busquei ajuda. Não havia no sistema de saúde nada que pudesse me ajudar. Sabe...

Entrevistadora: Você foi atrás do municipal e eles não tinham nada a te oferecer?

Fui atrás do municipal e não tinha. Sabe? Terapia custava caro. Eu negociava com a psicanalista lá quando eu ia pagar, mas mesmo assim, eu não podia, porque aquele dinheiro fazia falta em casa. E eu me sentia mal porque estava gastando (risos) o dinheiro que eu podia tá né? Investindo noutras coisas.

Entrevistadora: Era uma briga com você?

Era uma briga comigo. Era. Isso me angustiava muito porque eu sabia que precisava de ajuda. E eu fui buscar ajuda nos, nos amigos mesmo, na rede informal. Nos amigos que eu tinha que eram médicos, que eram psicólogos, que eram, vamos dizer assim, chegados.

Rose tinha um plano de saúde; lançou mão dele o quanto pôde. Uma vez homologada a separação ela perderá o privilégio, sendo que uma parte dos direitos ela já não tem mais.

(...) meu ex-marido tem um convênio. Então, é porque, durante este período eu recorri a médico um milhão de vezes. Teve ene

⁴ As frases seguintes ficaram truncadas em razão de terem acontecido após o término da entrevista formal. De fato esta foi uma coisa que aconteceu bastante. Após o término da gravação as mulheres puderam conversar mais livremente. Joana permitiu que algumas coisas fossem anotadas e Elena que a entrevistadora retomasse a gravação.

ocorrências. Até eu, por conta de stress e acho que da idade, começou a aparecer muita coisa que eu não tinha antes. Então hoje eu tenho tendinite. Eu fiz cirurgia do túnel do carpo. Eu tenho problema de coluna. Eu tive anemia, várias vezes. Tenho problema no útero. Coisas que eu acho que tem muito haver com uma somatização mesmo. Um stress que a gente vai acumulando coisa né?

Tomei antidepressivo, fui num psiquiatra, mas tudo através do convênio.

Apesar do convênio, ela teve que buscar recursos na saúde pública. O seu filho mais velho é deficiente e toma tegretol, remédio que não tem mais condições de comprar. Viu-se forçada a fazer recurso ao centro de saúde. O dentista foi cortado dentro de casa. Tanto ela quanto o filho do meio precisaram passar por um processo cirúrgico dentário: ela buscou ajuda na odontologia da USP. Para conseguir esses e outros recursos, Rose contou com amigos nos lugares em que foi atendida. Ela questiona muito o fato de não poder fazer uso de outros programas de saúde. Sem dúvida, foi a que mais procurou, mas sempre com uma visão assistencialista. Quando questionada sobre serviços de apoio na rede, respondeu da seguinte maneira:

(...) eu não cheguei a procurar, porque as informações que a gente tem é que assim, você não consegue. É isso, é essa visão que a gente tem. Então eu não cheguei a procurar. Que é sempre muito difícil. São filas de espera muito grandes; que dizer: quando você é atendida. A história do defunto já morreu, já passou a missa de sétimo dia, tudo né? E, além disso, eu tenho também que não é um serviço assim... eficiente, porque você fica. Por exemplo, a psicóloga, você tem acho, menos de meia hora de atendimento e férias e não sei o que. Quer dizer, é uma coisa bem fragmentada. Então eu não cheguei a procurar, não. Nem pra mim, nem pros meus filhos. Não posso nem te dizer que de fato é isso porque eu não procurei. É essa a imagem que eu tenho do que é passado, do que é falado.

O uso de outros meios públicos

Rose teve que optar e tirar um dos três filhos da escola particular. Para colocá-lo em outra, desta vez pública, precisou da ajuda de amigos, uma vez que não encontrou vaga disponível:

Com relação à escola, eu consegui escola pública porque eu tinha conhecimento na secretária e eu consegui a vaga. Porque também não tinha vaga. Ai eu tive que falar com amigos, tal. Insistir. E ai eu consegui uma vaga para este caçula.

Rose tentou inserir seu filho do meio — que sempre lhe deu mais trabalho — no programa de Educação para e pelo Trabalho da prefeitura. Entretanto, encontrou uma barreira que foi intransponível: tinha casa própria e um carro.

(...) Em termos de setor público, por exemplo: eu tentei arrumar trabalho para este meu filho de quinze anos. Eu sei que a prefeitura tem uns programas que atende é... como chama? Eu só sei. É uma iniciação ao trabalho. Eles recebem treinamento aqui no SENAC.

Eu só sei que depois eles trabalham nestas repartições públicas, meio período e eles ganham um salário, meio salário, eu não lembro. É tipo uma bolsa. Tentei colocá-lo de todas as formas. Falei com várias pessoas e o que eu encontrei é que é assim: eu não morava na periferia, eu tinha casa própria. (...) isso é uma briga grande porque é, eu acredito, acreditava e acredito, que se ele tivesse uma atividade, ele não ia ficar em casa o dia inteiro assistindo televisão. Um homem de dois metros de altura. Apesar da idade ele é um homem grande e talvez. Bom, enfim, eu acho que o trabalho é um caminho melhor. E eu queria muito que ele fizesse este tipo de atividade para ter algum dinheiro e para poder iniciar. Não consegui. (...) Não tive a menor chance.

Silvia, uma pessoa envolvida com o social tem uma visão bem menos assistencialista. Quando questionada sobre o uso da rede social de suporte na área pública falou sobre os meios culturais e o uso da cultura.

(...) Como eu gosto demais de cultura e arte, sou ligada a isso, sempre procuro levá-los a estas coisas, mas sempre fiz isso.

Podemos perceber que as redes sociais dessas mulheres estão centradas na rede informal de suporte, principalmente a família. É possível enxergar, através dos olhos de Rose, a visão assistencialista que muitas pessoas ainda têm do meio público. Sabe-se que a classe que detém maior poder de mobilização, que tem mais força para lutar por mudanças, ainda é a média. Entretanto, a visão que tem do meio público e a necessidade de manter o padrão de vida, faz com que continuem a buscar os serviços privados de saúde e auxílio.

É possível verificar esse dado pela pesquisa: houve inicialmente a proposta de realizar um grupo focal e de abrir espaço para a troca de vivências, mas a recusa foi visível. Se, se tem plano de saúde, busca-se então um atendimento particular; individual e privado. Como então estas mulheres se reestruturaram?

V.3. A reestruturação – colhendo os frutos.

Cada uma delas buscou reestruturar a vida de acordo com os recursos que tinha à disposição. Quem precisou, buscou ajuda. Hoje, pelo menos Elena, Silvia e Joana encontraram um equilíbrio saudável para seguir com suas vidas. Viveram e cresceram com as perdas e tristezas. Não deixaram que a tristeza tomasse conta de suas vidas. Seguiram com afinco, lutando e estão todas por aí, vivendo cada uma a sua vida e suas novas necessidades. Para terminar, gostaria de enfatizar

um fato importante: como Elena se organizou diante da dificuldade financeira e como chamou seus filhos para viver com ela essa nova realidade:

(...) A família, que éramos nós né? A H., o G., a C. e eu entramos num equilíbrio.

Entrevistadora: Vocês se reestruturaram?

Nós nos reestruturamos assim: (...). 'Olha, tem esse dinheiro'. Eu lembro que a coisa financeira chegou a um ponto que eu dizia assim: 'Olha, é esse o dinheiro que eu tenho, isso é pra casa, isso é para isso, isso é pra aquilo, isso é pra aquilo, eu posso dar...'. Eu comecei a dar dinheiro para eles. 'Eu posso dar isso para vocês, para vocês comparem o que vocês quiserem, os discos, uma mesadinha, mas tomem conta porque, é só isso'. Então a nossa contabilidade doméstica era feita junto.

Entrevistadora: Participavam mesmo da rotina?

Eles participavam. Tinham que participar. Ai, se eu saísse, tinham que tomar conta da H., não é? Se eu tivesse que dar aula, eles vinham fazer o lanche, fazer o café, fazer o almoço. Participavam mesmo né? Quando a gente teve que mudar, todo mundo ajudou na mudança, todo mundo foi fazer as coisas que tinham que fazer (...).

As mulheres aqui entrevistadas têm cada uma, uma visão particular sobre a vida. Silvia também deixou sua visão sobre a vida:

(...) Eu vou fazendo assim. Vou vivendo o dia-a-dia e vamos mandando bala.

Entrevistadora: Não fica remoendo nada?

Não. E nem com medo do futuro. Eu nem penso muito no futuro não. Vamos fazendo, vamos fazendo. E a vida é tão agitada que você não tem muito tempo para projetar para o futuro. Também, o que adianta você projetar para o futuro se você não sabe quanto tempo você vai viver? As condições de vida podem mudar de um dia para o outro, não é?

Rose ainda não conseguiu botar um ponto final nesse casamento que já acabou há muito tempo e esta cansada:

(...) Fico pensando o que fazer. Mas confesso que eu ando cansada. Sabe? Muito cansada. Não tenho mais a mesma energia. Eu comecei a trabalhar com quatorze anos. Com quinze anos eu soldava lata em metalúrgica e eu tive, eu sempre tive muita disposição, muito assim, pique. Sou filha mais velha, sempre fui assim, desbravadora. Porque eu que arrumei emprego pra família inteira, levei, tal. E hoje, fico me vendo assim, cansada. Eu to cansada. Os filhos... é uma coisa muito estressante. Muito estressante sabe? E essa separação, que não acaba nunca. Muita guerra. Muita. Muita pressão. Então, eu to cansada. Então, eu já não tenho mais o mesmo pique. Em outra época eu falava: 'eu faço faxina, eu vendo cachorro quente, eu...'. Hoje, parece que o prevalece é um desânimo. É um desacreditar, é um, sabe? É uma coisa assim. Que eu luto contra, mas. Inclusive, uma das razões que eu procurei psiquiatra, pra ver, pra tomar uns remédios. Já busquei muito isso. É: em coisas alternativas, em floral, em remédio da alopatia. Mas sempre querendo ver se eu ganho gás. Sabe? Pra ver se eu recarrego a pilha. Porque comparando com o que eu era eu me vejo muito assim: muito acabada. Sabe? Muito sem, sem pique. Ah, ai eu tenho idéias né? Assim, eu fico pensando no que eu vou fazer no ano que vem. Eu posso fazer isso, mas isso não dá certo. Então tudo parece que tudo que você pensa, ce não vê muita perspectiva porque, Ribeirão é um mercado. Tudo tem muito, tudo ta muito explorado, tudo... E quer dizer, tem que ser coisa que não exige investimento. Então eu fico cansada. Sabe? Não sei, não sei o que eu vou fazer não. Então eu vou assim, meio por etapa. Quando chegar a hora, eu vejo o que eu faço. Entendeu?

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

A família é, sem sombra de dúvida, um ponto crucial para o desenvolvimento da criança e do adolescente; ela fará parte de suas vidas para sempre, tendo uma influência positiva ou não. Como pudemos perceber, a família é base de apoio sempre para aqueles que podem contar com ela, estando longe ou perto, participando do dia a dia ou não.

A família entra como um ponto de apoio emocional, social e financeiro, pois existe a preocupação na manutenção saudável da vida cotidiana. Sempre, de alguma maneira, uma pessoa de fora da família nuclear se fez presente, seja em forma de companhia, cuidado ou apoio financeiro. É importante lembrar que os próprios filhos, em alguns casos, auxiliaram na retomada da rotina, no cuidado com a casa e com as pessoas que ali estavam habitando.

Nogueira (2001, p. 13) afirma que:

A dinâmica do grupo familiar é muito poderosa no desenvolvimento da criança, sendo sua casa o ambiente onde irá apresentar quase todos os seus repertórios básicos. Além de promover os bens, o sustento dos filhos, a educação informal e a preparação para a educação formal, o papel dos pais consiste em transmitir valores culturais de diversas naturezas (religiosa, moral, intelectual). Eles também influenciam o senso de cooperação e de reciprocidade das crianças. Pais sensíveis, responsivos e pró-sociais deixam transparecer o sentimento de pertencer, de amar e de ser amada, o que reforça as expectativas da criança de que suas necessidades serão atendidas e fortalecem as ligações com os outros.

O que vale salientar aqui é justamente a importância dos pais no desenvolvimento da criança. Como pudemos observar ao longo do trabalho, nos casos apresentados o fato dos pais estarem separados, não os fez ausentarem da vida dos filhos. Além disso, a família teve a preocupação de deixar claro para as crianças que eles nada tinham haver com a separação. Aparentemente os filhos não apresentaram problemas devidos à separação; pelo contrário, evidenciaram melhoras, possivelmente em razão ao fim do ambiente angustiante que viviam em suas casas.

A vida de Rose talvez nos traga dados um pouco diferentes. Pela sua fala, podemos perceber que o seu ambiente familiar sempre pareceu confuso, as emoções sempre em conflito. Até mesmo a sua relação com os filhos difere daquela de outras mães entrevistadas.

Este ponto nos faz refletir sobre a questão da guarda de seus filhos. Cada família entrevistada pareceu procurar e estabelecer um meio próprio para a organização da guarda dos filhos do casal. Silvia, juntamente com o ex-marido, encontrou uma solução que a eles pareceu a melhor, não impedindo que nenhum dos pais deixasse de fazer parte do cotidiano e do crescimento dos filhos — diferentemente das outras soluções encontradas, que não possibilitavam um convívio tão fisicamente presente no cotidiano. Vale lembrar o que Silvia disse na entrevista: essa opção deu muito certo para eles, mas de fato a criança passa a residir em duas casas e nem sempre, dependendo da relação familiar estabelecida, esta é a melhor resposta.

O interessante é que quatro famílias se organizaram diferentemente quanto a essa questão; aparentemente a solução encontrada deu certo para cada uma delas.

Rose, ainda não tem a situação toda acertada. Pelo que auferimos durante a entrevista e num contato feito posteriormente, tudo indica que seu ex-marido

ficará com a guarda dos dois filhos menores, uma vez que o do meio já estava residindo com ele. Ao que tudo indica, ela cuida do filho mais velho, que é deficiente.

As famílias pareceram ter sofrido muitas perdas, mas o que prevalece nos discursos foi às perdas materiais. Elena relata que efetivamente as perdas sofridas foram somente materiais, mas que deram a possibilidade de crescimento a seus filhos: “(...) *eles aprenderam muito. Se eles, talvez, não tivessem passado por tudo isso, eles fossem hoje adultos, legais, tranquilos, mais sem a... A força que eles adquiriram tendo passado por todas essas perdas. (...)*”.

A maneira como cada família se organizou permitiu a estas mulheres manterem ou construírem uma nova vida social. Ficou patente em seus discursos que não desfrutavam — ou desfrutavam pouco — da companhia dos maridos em suas atividades socioculturais, o que evidencia a não coincidência de interesses. Este fato foi levado com uma certa suavidade pela maior parte das mulheres, com exceção de Joana, a mais nova do grupo, que pareceu não ter construído com o ex-companheiro uma história muito profunda e de respeito entre ambos. Não é possível inferir se isso ocorreu pelo fato da relação ter durado pouco mais de dois anos ou por que realmente escolheram o motivo errado para ficar junto.

Joana nos faz refletir sobre os jovens de hoje: mesmo com toda a informação disponível, acabam engravidando; precipitam-se num casamento que acaba durando pouco e a separação muitas vezes não permite que o pai se envolva futuramente na criação da criança nascida dessa relação. Não foi o caso de Joana, mas podemos supor que ela faz parte de uma estatística que vem crescendo assustadoramente: cada vez mais jovens estas meninas e meninos têm se tornados pais. São crianças brincando de casinha e de boneca com bebês de verdade, o que configura um problema muito sério.

Não podemos afirmar aqui que de fato as famílias precisariam de outros serviços de apoio, uma vez que aquelas entrevistadas nos trouxeram recortes quase sempre positivos, marcados continuamente pela cooperação entre as pessoas envolvidas. Não temos o depoimento dos ex-maridos e nem dos filhos. A parcialidade dos depoimentos, todavia, não deixa de constituir uma apreciação do problema, pois a verdade presente é aquela vivida, sentida e sofrida por essas mulheres.

Nogueira (2001) ensina que:

(...) Ao longo do desenvolvimento, família e amigos intercalam papéis de importância na vida da pessoa, sempre relacionados à manutenção do bem estar e da saúde. Eventos normativos e não normativos, experienciados com o apoio emocional da família e das amizades, assumem um papel relevante no desenvolvimento sócioemocional de seus integrantes e na construção da rede de apoio social de cada um (NOGUEIRA, 2001, p. 13).

A formação da rede social e sua importância ficaram evidentes. Ficou claro que as famílias tiveram que se reestruturar e buscar apoios para que encontrassem um caminho tranquilo a ser seguido.

Quando falamos de família monoparental a questão da sua organização após o divórcio se faz necessária para o entendimento do funcionamento da mesma. Para tanto, é necessário levar em consideração diversos aspectos, tais como dificuldades econômicas, sociais e psicológicas enfrentadas, além, é claro das negociações familiares de reorganização e a presença do pai na vida das crianças (WALL, JOSÉ & CORREIA, 2005, p. 02). A pesquisa teve esta preocupação quando da montagem dos temas para as entrevistas.

Através da investigação foi possível constatar a importância que as famílias dão à questão da renda e o quanto às perdas materiais podem influenciar no dia-

a-dia. Mostrou-se, dessa forma, o impacto causado pelo declínio do poder aquisitivo e seu reflexo sobre os membros do grupo concernido. Famílias que viviam com menos souberam se adaptar melhor e mais rapidamente, enquanto que aquelas que usufruíam uma vida “mais tranqüila” tiveram dificuldades de abrir mão daquilo que dantes possuíam.

Rose relatou que gostaria de alugar a casa onde morava e dividir com o ex-marido o valor do aluguel. Com uma parte de sua renda, mais a parcela do aluguel recebido pela casa, desejaria alugar um espaço menor para viver com seus filhos. Quando questionada se não seria mais sensato mudar para um bairro mais simples, no qual pudesse residir apenas com o valor recebido do aluguel, a resposta imediata foi de que não abriria mão do bairro onde vive.

Ela demonstra uma atitude comum na classe média. Mudar de bairro representaria um retrocesso no que teoricamente havia ganhado até então. Seria abrir mão de muita coisa. Naquele momento não estava preparada. Podemos lembrar do depoimento de Elena, que relutou quatro anos em mudar o padrão de vida — que vinha mantendo às custas da pensão de seus filhos — e enxergar a realidade como de fato ela se apresentava. Definitivamente, estava separada do marido: agora, ele só fazia parte da vida de seus filhos.

Cada pergunta e cada resposta dada por essas mulheres nos faz pensar no quanto é importante conhecermos as realidades das famílias para permitir que trabalhem com elas em suas reais necessidades. Ficou evidente a necessidade de aprofundarmos mais a questão da rede social de suporte — além da coleta de mais dados com um público mais amplo — para o traçado de um perfil abrangente que possibilitasse a elaboração de trabalhos de atenção à mulher, à família, à criança e ao adolescente.

Fica aqui a idéia e a proposta de um novo trabalho que, com base nesta pesquisa, amplie a questão das redes sociais de suporte para auxiliar no

desenvolvimento futuro de programas de apoio e atenção à família de camada média.

Referências Bibliográficas

Anotações de Aula - ED724A. Professora Letícia Bicalho Canedo.

ARIÈS, Philippe. 1975. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1981.

BARDIN, Lourence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BILAC, Elisabete Dória. “Família: algumas inquietações”. In: CARVALHO, Maria do Carmo Brant de (org.). **A Família Contemporânea em Debate**. São Paulo: EDUC: Cortez, 2000.

BOURDIEU, Pierre. “Espíritos de Estado – gênese e estrutura do campo burocrático”. In: **Razões Práticas – sobre a teoria da ação**. Tradução: Mariza Corrêa. 1ª. reimpressão – Campinas, SP: Papyrus, 1997

BOURDIEU, Pierre. “O Espírito da Família”. In: **Razões Práticas – sobre a teoria da ação**. Tradução: Mariza Corrêa. 1ª. reimpressão – Campinas, SP: Papyrus, 1997

CARVALHO, Maria do Carmo Brant de. “O lugar da família na política social”. In: CARVALHO, Maria do Carmo Brant de (org.). **A Família Contemporânea em Debate**. São Paulo: EDUC: Cortez, 2000.

CRUZ, Helena Maffei. “Segredos, silenciamentos e apagamentos: família – mitos e conceitos”. In: FUKUI, Lia (org.). **Segredos de Família**. São Paulo: Annablume: Nemge/USP: Fapesp, 2002.

DEL PRIORE, Mary. “O Corpo Feminino e o Amor: um olhar (Século XVIII, São Paulo)”. In: D’INCAO, Maria Ângela (org.). **Amor e família no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1989.

ENGELS, Friedrich. (1973). “A família monogâmica”. In: CAVANECCI, Massimo (org). **Dialética da Família – gênese, estrutura e dinâmica de uma instituição repressiva por: Engels, Freud, Reich, Marcuse, Fromm, Levi-Strauss, Adorno, Horkheimer, Habermas. Lang, e outros.** São Paulo: Ed. Brasiliense, 1984 (1ª. Ed. 1981) – 3ª. Edição.

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. Lei no. 8.069, de 13/07/1990 (8ª. Edição).

FLANDRIN, Jean-Luis (1984). **Famílias: parentesco, casa e sexualidade na sociedade antiga.** Editorial Estampa, 1995 (1a. Ed. 1991) – 2a. Edição.

IBGE. PNAD: **Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios.** 2002.

IBGE. **Perfil das mulheres responsáveis pelos domicílios no Brasil – 2000.** *Série Estudos e Pesquisas Informações Demográficas e Socioeconômicas, no. 8.* Rio de Janeiro: IBGE, 2002.

JELIN, Elizabeth. “familia y Género: notas para el debate” In: **Revista de Estudos Feministas**, vol. 3, no. 2/1995 : IFCH/UFRJ – PPCIS/UERJ.

KOERNER, Andrei. “Posições doutrinárias sobre o direito de família no Brasil pós-1988. Uma análise política”. In: FUKUI, Lia (org.). **Segredos de Família.** São Paulo: Annablume: Nemge/USP: Fapesp, 2002.

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. “Aspectos do segredo: Maria Lacerda de Moura”. In: FUKUI, Lia (org.). **Segredos de Família.** São Paulo: Annablume: Nemge/USP: Fapesp, 2002.

MALUF, Marina & MOTT, Maria Lucia. “Recônditos do mundo feminino”. In: SEVCENKO, Nicolau (organizador do volume). **História da Vida Privada no Brasil – Republica: da Belle Époque à Era do Rádio.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MARTELETO, Regina M. “Análise de redes sociais – aplicação nos estudos de transferência de informação”. In: Ci. Inf., Brasília, v.30, n. 1, p.71-81, jan./abr. 2001.

MORGAN, L. H. (1970). “A família antiga”. In: CAVANECCI, Massimo (org). **Dialética da Família – gênese, estrutura e dinâmica de uma instituição repressiva por: Engels, Freud, Reich, Marcuse, Fromm, Levi-Strauss,**

Adorno, Horkheimer, Habermas. Lang, e outros. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1984 (1ª. Ed. 1981) – 3ª. Edição.

NOGUEIRA, E.J. Rede de relações sociais: um estudo transversal com homens e mulheres pertencentes a três grupos etários. Tese de Doutorado. Capinas, Sp: Faculdade de Educação UNICAMP, 2001.

SÁ, Celso Pereira de. Núcleo Central das Representações Sociais. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

SARTI, Cynthia A. (1993). “Família e individualidade: um problema moderno”. In: CARVALHO, Maria do Carmo Brant de (org.). A Família Contemporânea em Debate. São Paulo: EDUC: Cortez, 2000.

VAITSMAN, Jeni. Flexíveis e Plurais – Identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1994.

WALL, K., JOSÉ, J. S. & CORREIA S. V. Mães Sós e Cuidados às Crianças. Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa. Mimeo 2005. [Maes_sos.pdf].

WOORTMANN, Klaas & WOORTMANN, Ellen. Monoparentalidade e chefia feminina. Conceitos, contextos e circunstâncias. Série Antropológica, no. 357, Brasília, 2004.

ANEXOS

ANEXO I – questionários e formulários

PESQUISA A SER REALIZADA EM HORÁRIO PRÉ-AGENDADO COM A PESQUISADORA, EM LOCAL DEFINIDO PELO ENTREVISTADO.

| |
|------------------------------|
| ENTREVISTA INDIVIDUAL |
|------------------------------|

COMPOSIÇÃO DO GRUPO PESQUISADO:

- ❑ Mães chefe de família;
- ❑ Separadas ou divorciadas;
- ❑ Maior geradora de renda da casa e administradoras da casa;

PRÉ-REQUISITO:

- ❑ Ter terceiro grau completo;
- ❑ Filhos estudando em escola particular.

ENFOQUE CENTRAL:

Pensando a família contemporânea brasileira através do olhar feminino, na relação criança/família em lares chefiados por mulheres/mães. Enfocando dois momentos: a criança antes e após a separação. Entendendo a rede social.

PLANO HORIZONTAL DA PESQUISA:

Social ↔ emocional ↔ econômico

PARA FACILITAR O ENTENDIMENTO E O RESGATE DAS QUESTÕES:

- ❑ Dificuldades enfrentadas, observadas, sentidas e que teve que lidar → seus filhos/seu olhar.
- ❑ Pense no concreto: ajudas de concreto que recebeu; dificuldades maiores enfrentadas; atitudes concretas que tomou.

CONDUÇÃO DA ENTREVISTA:

- ❑ A entrevista será individual e conduzida pela pesquisadora
- ❑ A discussão será gravada em fita cassete, administrada pela pesquisadora;
- ❑ A análise se dará através dos conteúdos das fitas, do diário de campo e observações extra da pesquisadora.

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

Instituição: Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP
Faculdade de Educação – FE
Grupo de Políticas Públicas e Educação - GPPE

Pesquisa: A Família Contemporânea Brasileira – Mães Chefe de Família de Camadas Médias.

Responsável: Carolina Figueiredo Fonseca Ribeiro

Orientador: Prof. Dr. Salvador Antonio Mireles Sandoval.

Objetivo: Pesquisa de ordem qualitativa, baseada num estudo sobre o papel da família contemporânea no Brasil, focalizando as mães de camada média, chefes de família, com o objetivo de compreender a realidade deste conjunto social, a função da família na vida da criança e verificar se a mesma tem conseguido cumprir com seu papel.

À

Sra.

Data: ___/___/___

Solicitamos sua participação na pesquisa para a concessão de uma entrevista individual. Contudo, ressaltamos seu direito de recusa à participação sem que haja qualquer transtorno.

Destacamos que este trabalho é desenvolvido dentro dos princípios éticos que regem a atividade de pesquisa. Assim garantimos o sigilo sobre sua identidade.

Também garantimos ao pesquisado o direito de receber esclarecimentos sobre eventuais dúvidas, antes, durante e após o desenvolvimento deste trabalho.

Concordo em conceder a entrevista e aceito os termos éticos que regem a pesquisa:

Carolina Figueiredo Fonseca Ribeiro

ANEXO II – roteiro de discussão

ROTEIRO DE DISCUSSÃO

Tema 1 – MUDANÇAS ECONÔMICAS ENFRENTADAS APÓS A SEPARAÇÃO.

Que mudança econômica enfrentou após a separação?

- Mudança de casa e/ou de cidade;
- Mudança de condição socioeconômica;
- Perdas significativas para os filhos.

Tema 2 – MUDANÇAS OCORRIDAS APÓS A SEPARAÇÃO NA ROTINA DE VIDA DIÁRIA DA CRIANÇA.

Pense como se fossem duas fotografias: antes e depois da separação.

- Questões emocionais;
 - Questões socioeconômicas.
1. Quais necessidades novas seu filho começou a apresentar?

Tema 3 – REDES SOCIAIS DE SUPORTE.

Dificuldades e suportes. Como repercutiu nas atividades e comportamentos dos seus filhos.

- Municipal: creche, centro de saúde, hospital público, centro de convivência, igreja, escola entre outros.
- Familiar: apoio da família; pai dos filhos funcionando como rede de suporte ou não (parceiros na criação dos filhos);
- De amigos: todo tipo de suporte dado a você e a seus filhos por seus amigos;

- Privados: escola: o que espera dela neste momento (mudanças de perspectivas após a separação?).

Tema 4 – SENTIMENTOS E ATITUDES QUE OBSERVA E OBSERVOU NOS FILHOS APÓS A SEPARAÇÃO.

- Como vocês acham que ficou a vida de filhos dentro de casa após a separação?

Tema 5 – MERCADO DE TRABALHO.

- Quais as dificuldades e suportes que enfrenta no mercado por ser mãe chefe de família? – Sua relação no trabalho.

Tema 6 – ALTERAÇÕES NA VIDA SOCIAL DA MÃE.

ANEXO III – entrevistas

Entrevistada: Elena

Data: 19/06/2003.

Entrevistadora: *Você quer falar primeiro de mudanças econômicas? Que seguir? Quer ir falando? Fica a seu critério.*

Elena: Olha. Eu fui casada durante vinte anos, me casei muito nova. Vou até fazer uma coisa cronológica, acho que fica mais fácil de entender. A cronologia né? Até pela minha idade.

Então, na época em que me casei, o Brasil estava passando por uma convulsão social. Estávamos em plena época de ditadura, em 1968 e eu era bastante jovem, eu me casei muito cedo e o meu marido, na época era um cara de esquerda, muito engajado, mas que tinha uma carreira pela frente, né? Engenheiro; com uma carreira brilhante, administrativa.

Entrevistadora: Na época em que as engenharias, medicina davam futuro?

Elena: Isso. Então ele seguiu esta carreira e eu meio vim a reboque, com minha pedagogia por trás. Quer dizer, eu era uma socióloga que nunca tinha atuado, estava terminando. Comecei. Estava fazendo faculdade quando me casei. Tava no segundo ano de faculdade. Não. No primeiro ano de faculdade, primeiro ano. Então no segundo ano tudo bem, e no terceiro ano fiquei grávida do primeiro filho, no quarto ano fiquei grávida da segunda filha (risos). Então, terminei a faculdade com dois filhos. E aí viveu a vida. Ele já tava, lógico, ele já tava com a carreira dele consolidada e a minha não tava nem começando. Minha carreira de mãe tava começando a de profissional ainda não. Então claro, nos primeiros anos, a prioridade era a carreira dele e foi isso que aconteceu. Ele tornou-se um executivo bem sucedido, de empresa multinacional e eu acabei entrando na pedagogia, na, na escola, comecei a dar aula, abandonei a sociologia.

Entrevistadora: Mas você fez pedagogia e sociologia?

Elena: Não, eu não fiz pedagogia. Não, eu fiz sociologia. É que eu tinha feito magistério antes. Então eu dava aulas para crianças, eu era professora de crianças, com curso de sociologia. Isto lá em São Paulo.

Depois de um determinado tempo, eu já tava com os meus dois filhos bem crescidos, quando eu tive; fiquei grávida da terceira, que tinha uma diferença de nove anos em relação ao mais velho. Ai a gente repensou: Vamos para um lugar mais tranqüilo. Foi quando viemos para Campinas. Vamos para um lugar mais tranqüilo onde a gente possa criar os filhos com maior tranqüilidade. Ai nós viemos para Campinas, meu ex-marido era gerente de uma multinacional. Ele, na época que a gente veio para Campinas, ele era gerente. Alguns anos depois ele se tornou diretor de uma poderosa multinacional. Então você imagina: um padrão de vida razoável. A gente construiu uma bela casa, num lugar privilegiado da cidade universitária [bairro classe média do município de Barão Geraldo, na cidade de Campinas]. Hoje é um condomínio fechado; que é um dos maiores condomínios daqui da região. Então, construímos a casa, fizemos um monte de coisa. Tínhamos uma vida extremamente confortável. Os filhos viajavam para os Estados Unidos. O G., meu filho mais velho passou um ano fazendo...

Entrevistadora: Intercambio?

Elena: Intercambio. Não era bem intercambio, foi na casa da minha irmã que morava lá, mas, nós bancamos um ano da vida dele nos Estados Unidos, ou seja, era uma vida extremamente confortável. Eu já tava trabalhando, mas o meu trabalho era aquela história. Meu trabalho de professora sempre foi muito os alfinetes da casa né? Porque o salário era muito menor. Na época, para você ter idéia da relação de salário, eu ganhava, eu acho que era...Quase um décimo, quando eu era professora chegou entre um quinto e um décimo do salário dele, ou seja, era...

Entrevistadora: Nada?

Elena: Não era nada, mas era dava para fazer um supermercado! Mas, realmente o provedor da casa era ele, com certeza. Bom. Nós nos separamos em, formalmente em 1988, mas, o processo de separação começou muito antes. Claro, como toda separação começa muito antes. Então nestas idas e vindas, nestes anos que esse processo se desencadeou e teve continuidade ai. Acho que foram dois, três anos. Foi um processo demorado, depois de vinte anos, né? As coisas demoram a se romper, né? Não são elos tão frágeis assim. Então houve uma mudança muito importante na minha vida, na qualidade da minha vida e da vida dos meus filhos. Principalmente dos mais velhos. O G. tinha, no início desse processo ele tinha o que? Dezesesseis anos! Ele é de setenta; é, dezesesseis anos. A C. tinha quinze e a H. era muito pequenininha, tinha três, quatro anos, então ela era, ainda não percebia muito as coisas. Mas, os mais velhos estavam na adolescência e sentiram, sofreram muito com todo esse processo. Durante esses anos eles foram muito abalados.

Bom. Me separei em 88, segundo minha advogada, aliás isso deve constar numa pesquisa, porque, se você perguntar para minha advogada, que é uma grande advogada de Campinas, que faz todas as separações de mulheres (risos). Dum monte de mulher que eu conheço, pelo menos, a O. disse que nunca viu um acordo de separação tão favorável a mulher como o meu. Então, foi um belo acordo. Meu ex-marido não uh...Não contestou nada, a casa ficou para mim, no meu nome pessoal, eu abri mão da minha pensão, mas a pensão dos filhos era tranqüila, não era nem porcentagem de salário, que crescia à medida que os índices iam aumentando, enfim, era um belo acordo. Teoricamente a gente não teria que perder nada com a separação. Ele continuava com a vida dele fora dali e eu com a casa, os filhos e mantendo aquilo que a gente tinha desde então. Isso durou uns dois anos. Só.

Entrevistadora: Só?

Elena: Só. Ai a coisa começou a ficar complicada, né? Porque a pensão começou a diminuir. As coisas, ele também perdeu, ele foi perdendo isso.

O emprego, a vida dele começou a tomar outro rumo. Ele resolveu abrir sua empresa, ou seja, embora a gente não tivesse mais nada haver com as escolhas da vida dele, nós fomos diretamente influenciados por estas escolhas. Quatro anos depois da minha separação. Acho que três quatro anos, eu resolvi que eu ia ser independente, que eu não podia mais ficar dependendo desta...

Entrevistadora: Pensão?

Elena: Pensão maravilhosa né! E do esquema de vida que eu tinha. Ai, eu coloquei o único bem que eu tinha disponível, que era a minha casa. Então aluguei a casa, mudei e comecei a morar em espaços menores, mais baratos, para poder com esta sobra de dinheiro...

Entrevistadora: Reestruturar?

Elena: Reestruturar a família, junto com o meu salário, que eu trabalhava e tudo mais, aumentar um pouquinho à renda. Com a diferença de aluguel continuar bancando os meus filhos em escolas particulares, como eles iam vindo.

Então até a formação deles, dos mais velhos pelo menos até o cursinho e bábábá, isso eles fizeram sempre em escola particular. Nunca precisaram abrir mão disso. E a H. estudava no Sitio, e eu era professora do Sitio...

Entrevistadora: *Tinha bolsa?*

Elena: Tinha bolsa. Então ela não me preocupava. Até a oitava série ela não me preocupou. Quanto a isso, tranquilo. Mas, economicamente foi um baque, né? Foi uma coisa assim muito decrescente. Nós fomos perdendo né?

Entrevistadora: *Gradualmente?*

Elena: Gradualmente. Gradualmente. Gradualmente, aquelas coisas as quais a gente estava acostumada. A vida começou a ficar dura. Ai você tem umas perguntas que dizem nessa época, quais os suportes que eu tinha.

Entrevistadora: *Isso.*

Elena: Bom. Minha família. Minha mãe era viva. Sempre me deu muito apoio. Morava em Campinas. Construímos inclusive a casa dela perto da

minha casa. Ela me deu muito suporte. A minha sogra, ex-sogra, morou comigo. Então foi uma situação inclusive muito interessante (risos), porque, quando nós viemos para Campinas nós trouxemos a mãe do. Ela veio junto. Ela era uma mulher muito independente, mas era muito amiga da minha mãe. Então as duas tinham um bom relacionamento, viajavam juntas, para os Estados Unidos, iam muitas vezes para casa da minha irmã. Não é? Juntas, faziam viagens, tinham levado meus filhos numa determinada época. Então eram bem companheiras e ela, para não ficar sozinha em São Paulo, ela mudou-se para Campinas e vivia perto da gente. Com os netos e tranqüilo.

Ah, quando eu me separei ela continuou aqui né? E num determinado momento ela veio morar comigo. Por dois motivos: primeiro porque eu precisava de um suporte financeiro e ela podia me ajudar, e segundo, que ela precisava de um suporte afetivo e não tinha né? Porque meu ex-marido foi embora, voltou para São Paulo e ela foi despejada do apartamento onde ela tava e, ou ela voltava para São Paulo ou ficava aqui. Então eu fiz a proposta e ela morou comigo durante alguns anos. Foi bom, porque nestes anos ela me deu... uma força. Me deu um suporte. Cuidava da H., dos meus filhos. Minha mãe vivia viajando para a casa da minha irmã, que tava tendo criança também nessa época, cuidava de gente pequena e minha mãe de vez em quando tinha que viajar. Enfim, eu tinha um suporte familiar muito bom, inclusive com todos os amigos que sobraram do casamento.

Entrevistadora: E o seu ex-marido nesta história? Como é que era? Ele simplesmente foi embora?

Elena: Foi. Ele foi embora. Foi embora para São Paulo. Constituiu uma outra família. Quer dizer, provisória, porque depois não teve mais. Mais nessa época, durante um ou dois anos, ele teve esta família. Meus filhos viajavam de quinze em quinze dias para ficar com ele [o pai]. Só no fim de semana. Então era uma, era um...Eram encontros assim... de quinze em

quinze dias, que eles iam para São Paulo, passavam o fim de semana e vinham.

Entrevistadora: Você não discutia com ele as decisões que tomava em relação aos seus filhos?

Elena: Não. Não. O máximo que podia acontecer era ele ligar na véspera do natal, na semana anterior ao natal para perguntar assim: o que eles estavam querendo de presente de natal (risos). E, mais ficava por ai. Ou aquele telefonema mensal para dizer: você não vai mandar a grana deste mês?

Entrevistadora: Mais ai quem fazia isso era você e não ele?

Elena: Era eu. Não, não era ele.

O. E a comunicação não, a comunicação com os filhos nunca foi interrompida, ele era um pai presente, sempre foi, até hoje. Ele tem a presença dele, mas não passa por mim, quer dizer, esta comunicação...

Entrevistadora: A relação de vocês acabou?

Elena: A relação nossa certamente ela acabou. No início, ainda tinha algumas coisas mais conversadas né? Eu lembro que, mesmo quando eu mudei de casa, que eu resolvi assumir a minha... né? A minha condição de mulher independente, porque isso foi um tempo né, porque eu ainda era dependente do dinheiro dele. Quando eu assumi que não podia mais ter essa dependência, que esta dependência era uma dependência exclusiva dos meus filhos, e que embora eles não pudessem, vamos dizer, lutar por isso, eu teria que provê-los quando eles não tivessem, quando isso faltasse. Isso foi, sabe? Isso pra mim, foi uma novidade. Pra mim foi difícil aceitar. Foi difícil assumir. Mas a hora que eu assumi, então eu passei a lidar com a minha vida de uma forma bem mais independente, sem contar muito com ele, embora cobrasse aquilo que ele, vamos dizer, devia para os meninos, em termos de escola e tudo o mais... E ficamos ai durante: Eu to separada há bastante tempo, desde 88...Ah...E as coisas foram se afastando cada vez mais, né. A comunicação que a gente tinha, ainda, naquela época, era grande e esta comunicação foi diminuindo.

Diminuindo, diminuindo, hoje... ela retorna, mais numa outra base, né? Porque agora nós temos netos. De vez em quando a gente se encontra, por conta de netos, né? Então é bem diferente.

Entrevistadora: E os amigos?

Elena: Amigos. Amigos é interessante porque...Eu fiz muitos amigos em Campinas. Quando eu vim de São Paulo, eu tinha meus amigos em São Paulo, eu passei. Eu fiz uma casa grande, e eventualmente eu convidava um monte de gente para vir, e os amigos vinham. Estes amigos, os mais chegados, eu tenho até hoje, embora eu veja pouco, porque eles estão em São Paulo. Viajaram, mudaram, mas, estão espalhados por ai. Mas de vez em quando eu telefono, eu vou visitar. Estes amigos ficaram distantes, mas eu acho que eu mantive um relacionamento com estes amigos muito bom, muito presente. Eu. Quando nós nos encontramos é um... é, sabe, são momentos muito bons.

E os amigos que eu fiz em Campinas, estes eu mantive né? Estes foram amigos meus mesmo, não eram amigos do casal. Na realidade eram amigos meus. Eu percebi muito isso. Que eram pessoas que eu tinha. Era um circulo de amigos que eu tinha conquistado, e que se mantiveram né? Pessoal da Escola do Sitio que eu conheci, colegas que eu tive, amigos... ah, pais e professores, professores e pais de colegas da H..

Entrevistadora: Na hora da separação como é que eles funcionaram para você? Eles deram suporte para você? Para os filhos?

Elena: Pra mim, pros filhos. Pra mim. Quer dizer, não foi muito diferente porque eu fiquei, quem saiu, inclusive espacialmente do local, foi meu marido, então os amigos ficaram próximos. Eu já tava em Barão Geraldo [sub distrito de Campinas], quer dizer: Barão Geraldo é uma província.

Entrevistadora: Uma pequena comunidade!

Elena: É.

Entrevistadora: Você acha que seus filhos começaram a apresentar alguma necessidade nova depois que vocês se separaram?

Elena: Nossa. Eles mudaram muito porque: primeiro, pelas carências, pela, pelas carências, pela falta primeiro. Faltou. Faltou um monte de coisa durante a fase, o processo de separação, teve toda a situação traumática: briga, conversa ríspida, falta de afeto. Tudo aquilo que qualquer casal em vias de separação apresenta pros filhos e não percebe, não se apercebe. E você só vai saber disso, quando teus filhos, mais tarde, depois que tudo passou falam: olha, era, ta muito melhor agora do que tava antes, né? Embora vocês estivessem juntos a situação era insuportável, vocês brigavam o tempo todo.

E gozado, porque a gente não se dá conta disso. Eu não me dava conta, eu achava que disfarçava muito bem, e disfarçava nada, que eles percebiam.

Entrevistadora: O processo é muito do casal e depois que separa, que vive o processo, é que você vai olhar para os seus filhos, ou até eles, virão até vocês.

Elena: Exatamente. Enquanto a gente ta com esse, com esse nó ali, você não olha para os lados, não olha ao redor, não se apercebe do que você esta fazendo inclusive. É uma coisa muito neurótica. Esquisita. É... eles me deram, foi interessante isso: os meus filhos me deram a dimensão, depois do que eu vivia, pela, pelo olhar deles em cima daquilo que eu fazia e falava. Então foi interessante, mas a minha memória, é a memória deles porque uma memória, eu não tenho essa memória. Eu tenho a memória do sofrimento, mas não tenho a memória da ação.

Entrevistadora: É mais o sentimento?

Elena: É o sentimento que fica e não a ação. Então para eles foi muito difícil, este processo. Foi porque, eles estavam adolescente, adolescendo; eles tinham outros interesses; eles se preocupavam com a gente; comigo principalmente porque era eu que ficava mais tempo com eles. Nesta

época, o H. já ia para São Paulo, já ficava lá a semana toda, só voltava no final de semana. E depois da separação, não é, eu tive uma fase assim, de...fiquei meio “perdidança” né? Deprimida. Ai tive que ter ajuda psicológica e chorava muito, saia muito de casa. E eles eram adolescentes e eles tinham que tomar conta de uma criança pequena, que era a H.. Então eles se embuíram de uma responsabilidade que até então eles. Eles tinham. Mais, assim, tinham porque eles gostavam da H., eles cuidavam dela e gostavam de cuidar, mais ai, eles ficaram responsáveis. Eu lembro que o G. assumiu um papel de pai, ele...Eu tive que dizer para ele uma determinada época, que ele não era o pai da H., que a H. tinha pai, que ele era irmão, que ele tinha. Que ele tinha que brigar com ela se ela fizesse alguma coisa que ele não gostasse, porque ele era o irmão dela, não era pai. Porque isso mistura na cabeça dos meninos. Ele era o único homem de casa, aquele monte de mulher em casa, o único homem era ele.

Entrevistadora: Ele achou que deveria assumir o papel...

Elena: Que deveria assumir o papel. Então isso foi muito complicado. Eu me lembro que eu saia à noite. Eu tive uma fase assim de galinhagem muito grande (risos), né? Ele ficava esperando eu chegar. Preocupado... Não chegava.

Entrevistadora: Ele assumiu o papel de pai pra você também?

Elena: Pois é, ele assumiu um papel assim de responsável. Era complicado isso, porque eu me sentia super bem com esse carinho, com essa atenção, mais, também não era justo, não tava certo, não era justo. Enfim, essa foi uma mudança grande. A C. também foi muito legal, porque ela sempre foi muito extrovertida, sempre saiu muito, sempre teve um monte de amigos e, e nesta fase as meninas costumam pisar na bola, né? Às vezes, de sair sem avisar, voltar não sei depois das quantas e, em alguns episódios ai eu estressei demais. Porque eu fiquei muito insegura, fiquei muito nervosa porque, eu não sabia onde ela tava, ela não tinha dito para onde ia e...E

eu...E ai nós tivemos algumas conversas deste tipo: “Olha, eu não quero te reprimir, você pode fazer o que você quiser, mas tem que me dizer com quem, onde ce ta, eu preciso saber disto”.

Nisso ai, nós entramos num equilíbrio. A família, que éramos nós né? A H., o G., a C. e eu entramos num equilíbrio.

Entrevistadora: Vocês se reestruturaram?

Elena: Nós nos reestruturamos assim: Vamos. “Olha, tem esse dinheiro”. Eu lembro que a coisa financeira chegou a um ponto que eu dizia assim: “Olha, é esse o dinheiro que eu tenho, isso é pra casa, isso é para isso, isso é pra aquilo, isso é pra aquilo, eu posso dar...”.

Eu comecei a dar dinheiro para eles. “Eu posso dar isso para vocês, para vocês comparem o que vocês quiserem, os discos, uma mesadinha, mas tomem conta porque, é só isso”. Então a nossa contabilidade doméstica era feito junto.

Entrevistadora: Participavam mesmo da rotina?

Elena: Eles participavam. Tinham que participar. Ai, se eu saísse, tinham que tomar conta da H., não é? Se eu tivesse que dar aula, eles vinham fazer o lanche, fazer o café, fazer o almoço. Participavam mesmo né? Quando a gente teve que mudar, todo mundo ajudou na mudança, todo mundo foi fazer as coisas que tinham que fazer, enfim, era um...

Entrevistadora: Você acha que a mudança acabou sendo positiva para eles? Pensando no que era esse processo da separação, para o que eles enfrentaram depois?

Elena: Olha, positivo? Será?

Entrevistadora: Não, por que perderam o pai?

Elena: Não, eles não perderam. Não sei se foi positivo. Eu sei que, que não foi ruim. Quer dizer, não, não...Vamos dizer que eles tenham melhorado, né? Eu acho até isso, que as dificuldades pelas quais a gente passou

depois da separação, né? E depois da, não só da separação, mas da perda de poder aquisitivo que a gente teve nos anos seguintes, que foi muito grande. Não foi uma perda, foi uma, uma, uma “despencação”, né? Porque foi uma queda abrupta. Isso fortaleceu os espíritos de todo mundo né? Todos eles aprenderam a se virar, e como todos saíram de casa nesta época, na época de sair né? Ninguém ficou em casa estudando. Nenhum dos três.

Entrevistadora: Foram todos estudar fora?

Elena: Foram todos estudar fora, e estudar com pouco, porque, era uma vidinha assim muito regulada. Então eles aprenderam muito. Se eles, talvez, não tivessem passado por tudo isso, eles fossem hoje adultos, legais, tranqüilos, mais sem a... A força que eles adquiriram tendo passado por todas essas perdas. Que foram perdas materiais. Só. Felizmente (risos).

Entrevistadora: E você? O mercado de trabalho como é que foi?

Elena: Olha, eu já tinha o meu trabalho. Eu trabalhava no Sitio. Na época da separação, eu tava querendo antes. Eu tava querendo montar um negócio meu, tinha uma amiga que, nós resolvemos montar uma empresa de projetos culturais, mas tudo isso, eu lembro, que tava amarrado ao meu casamento inclusive, porque tinha haver com a empresa onde o meu ex-marido trabalhava, que fazia financiamento de projeto cultural, eu tava meio que...

Entrevistadora: Na rabeira dele?

Elena: Na rabeira né? Não na rabeira, mas aproveitando a circunstancia dele estar trabalhando numa empresa que tinha essa preocupação cultural, dentro da cidade de Campinas. A gente achava que o projeto de cultura de Campinas era uma coisa muito elitista, que precisava ampliar. A gente tava pensando em cultura popular. Eu já tava na Escola do Sitio, já tava conhecendo um monte de gente legal. Enfim, montamos essa

empresa e foi quando tudo começou a, a degradingolar né? Então a empresa foi junto. Ainda fizemos algumas coisas, continuamos. (respira fundo) No ano seguinte ainda montei uma outra empresa (risos).

Entrevistadora: Você tentou?

Elena: Eu tentei. Foram dois três anos de. Foi na. Justamente na época da separação. Eu não tava separada ainda, foi nesse processo eu tive duas empresas, uma delas era uma fabrica de tijolo, solo, cimento (risos); que era uma coisa absolutamente alternativa, junto com um arquiteto. Montamos uma empresa super legal, que deu muito certo, mais que...Morreu por falta de financiamento, e porque eu também não ia empatar a minha... O único patrimônio que eu tinha, que era a casa, na empresa né? Foi à hora que eu me separei. Que eu falei: “eu não posso. Agora eu não tenho mais dinheiro, agora eu tenho que pensar na família. Vou arrumar um emprego”. E o emprego era o trabalho de professora na escola que eu já tinha, ai eu voltei para ele e continuei nele.

Entrevistadora: Você chegou a sair da escola e depois voltar?

Elena: Sai e voltei. Então foi isso. Sai, experimentei umas coisas lá fora e voltei.

Entrevistadora: Você acha que o fato de ter se separado e agora ser uma mãe que tem três filhos para cuidar, a escola foi receptiva a isso tudo? Ela te ajudou? Ou não?

Elena: Não. Não. Não foi um...A escola para mim. O trabalho na escola pra mim, foi um, foi um meio de sobrevivência. A escola era o meu meio de sobrevivência, era minha profissão. Eu trabalhava e, num lugar... fantástico. Era um meio de sobrevivência, mas um meio especial. O lugar onde eu me sentia bem.O lugar onde as pessoas, né? os colegas, os pais, partilhavam de uma visão de mundo que eu tinha. Então eu não precisei, ah... eu não precisei me violentar para fazer uma coisa em termos de, de sobrevivência, né? Que eu não pudesse...

Entrevistadora: Questões como assim: Sua filha ficou doente e você tem que faltar. Isso era um problema para o seu trabalho ou não?

Elena: Não. Não.

Entrevistadora: Então a empresa te dava um suporte na verdade? Então a escola te dava um suporte? Porque você podia faltar nestas circunstâncias. Ou não podia faltar? Isso que eu queria saber. Ou você não se lembra?

Elena: Não, isso pra mim era tão tranquilo. Esse tipo de suporte sempre houve ta.

Entrevistadora: Porque você tinha o suporte da sua casa na verdade?

Elena: Exatamente. Eu tinha mãe, tinha avó, eu nunca faltava. Eu não lembro de ter que faltar na escola. Porque eu não precisava faltar. Eu levava filho. Quando tinha febre ou ficava doente sempre tinha alguém em casa para cuidar deles, não é? E era alguém de confiança, porque tinha minha mãe, tinha minha sogra, que morava junto. Ou tinha os mais velhos, que cuidavam da mais nova, que eles já estavam grandes o suficiente para tomar conta, não é? Então, este tipo de suporte do lugar de trabalho eu nunca precisei, mas, obviamente se eu precisasse ele estaria lá. Tanto é que na época que eu precisei, foi na época que minha mãe ficou muito doente nos Estados Unidos, que ela ia morrer e a minha irmã ligou e falou: “Olha, mamãe esta nas ultimas, venha pra cá”. Era Junho, Junho. Eu pedi uma licença e fiquei quinze dias fora. Então foi um... Nunca me questionaram nada. Fiquei fora os quinze dias, voltei, continuei o meu trabalho (pausa) tranquilamente. Enfim, o suporte da escola eu sempre tive. Do lugar de trabalho, este tipo de suporte eu sempre tive. Quando eu tive neto, que foi complicado, que eu tive que ficar fora uma semana, foi em época de trabalho, eu tive que acompanhar minha filha quando ela teve neném né? Foi um caso meio complicado, o neném precisou de uma cirurgia quando nasceu, então, também, fiquei fora. Então esta questão,

de apoio logístico, nos momentos de necessidade a escola nunca colocou empecilho.

Entrevistadora: E como ficou sua vida social depois da separação?

Elena: Ah ficou melhor viu (risos). Não posso me queixar.

Entrevistadora: É o mesmo depoimento de todas!

Elena: É gozado né? Não que, não ficou melhor, ficou igual talvez. Melhor porque, ela mudou e mudou para melhor, vamos dizer assim. Mas eu também não posso dizer que tenha mudado para melhor porque eu não posso dizer como seria se eu tivesse continuado casada. Que na realidade a minha vida social sempre foi ditada por mim. Eu que sou uma pessoa extremamente sociável. Eu lembro disso, todas as coisas em casa, todas as festas... Toda a, a receptividade que eu tinha, dos amigos, da família, até da família dele, era eu que promovia. Tanto é que quando a família dele foi embora, a mãe foi embora para São Paulo e nánaná, acabou essa, esse elo se; meio que se rompeu.

Entrevistadora: A sua vida continuou...

Elena: A minha vida continuou aqui: com os meus amigos, minhas coisas. A minha vida social não teve alteração.

Entrevistadora: O fato de você ter uma criança pequena não dificultou? Por exemplo, você querer sair e não poder? Não porque você tinha os meninos para cuidar?

Elena: Não, porque eu tinha os mais velhos. Você sabe muito bem o que é isso né bem (risos)?

Entrevistadora: Sei.

Elena: Mais sem trauma viu, sem trauma. Foi super normal, super tranqüilo.

Entrevistadora: Da escola. Você acha que buscou a escola para ela dar mais aos seus filhos do que ela dava ou não? O fato de você ter uma rede forte de família e amigos?

Elena: Não. A escola foi muito importante nesta época, tanto é que eu tinha a empresa, tive duas neste período; começou a chegar num ponto que eu vi que a situação financeira tava periclitante e eu precisei de um, de uma, ah... Eu precisava. Eu sempre tive isso muito claro. De ter um trabalho que me garantisse coisas assim: básicas, né? Eu nunca fui. Eu nunca fui muito ousada. Mesmo as empresas que eu tive e tudo mais, tinham que ter um determinado chão, eu não ia até o fim do poço. Nenhuma delas deu prejuízo, porque quando chegava próximo do prejuízo eu já...

Eu dizia: “Olha, não ta dando certo. Vamos repensar. Vamos ver como é que tão as nossas né”. Não fui de vender a casa pra enfiar na empresa e depois ver tudo isso cair no buraco. Então nesse momento pelo menos, eu tive essa, essa visão. Não dá, nós estamos vivendo numa época... É tem todo contesto político, econômico, né? Foi na época do cruzado, teve uma alteração grande, uma desvalorização muito grande cambial e as coisas começaram a ficar... Subiu muito o juro, imposto, as coisas começaram a ficar muito cara e, os empréstimos que a gente iria precisar né? para capital de giro, começaram a ficar inviáveis. Eu falei: “Olha, não dá, eu não tenho, eu não vou hipotecar a casa pra cuidar disso, né? Então, vamos encerrar por aqui enquanto a gente tem o que tirar da empresa”. Neste ponto, a escola foi meu porto seguro.

Entrevistadora: Mais financeiramente pra você e não de suporte para os seus filhos?

Elena: Não. Não. Financeiramente pra mim porque o meu lugar de trabalho era... A H. estudava lá e eu dava aula, não é? Mas era um salário. Era o lugar onde eu tinha uma função, determinada e específica. Era um

lugar que me dava satisfação, porque eu trabalhava numa coisa que eu realmente gostava, não é? E o lugar onde eu também podia também ter a minha ingerência né? Eu era uma pessoa, ah... ativa e atuante dentro da escola. Tanto é, que eu lembro, quando eu voltei, depois destes anos todos, eu comecei a mexer numas coisas que ninguém falava lá na escola, né? Por exemplo, de seguro saúde, de seguro em grupo e outras benesses todas, porque eu tava perdendo isso, não é? E parecia que ninguém tava preocupado com isso, né? E é muito mais barato você fazer um seguro desse, uma Unimed em grupo, do que fazer individualmente. Então tudo isso, a escola fez, não pelos meus induzórios, porque era, eram questões trabalhistas que foram colocadas lá, depois que eu inclusive estava (risos) perdendo isso do outro lado. Então foi uma via. Uma via de mão dupla. Eu comecei a pensar nisso do ponto de vista individual mais pensando também no coletivo, porque outras pessoas podiam estar precisando disso e estavam, né?

Entrevistadora: Acho que do que eu queria mais assim eu já falei. Agora fica livre se você quiser dizer uma outra coisa. De perdas significativas para os seus filhos, financeiramente?

Elena: Ichi. Nossa senhora (risos). Perderam muito. A que menos perdeu foi a H., né? Porque já não tinha (risos) as boas coisas, embora, a gente tenha até feito algumas viagens depois. Eu ainda fui, ela era pequenininha, que eu levei para os Estados Unidos, duas vezes, para visitar a tia, minha mãe que morava lá na época e, mas todos eles perderam muito, mas perderam assim bonito. A, a queda, do padrão de vida, não dá. Foi assim, gritante, foi muito, muito grande. Depois de, não logo depois da separação, mais depois de cinco, seis anos, foi uma coisa assim, absurda. Tanto é que o G. morava em Florianópolis, passava apertado, porque, ele vivia assim, com muito pouco, muito pouco mesmo. Era uma vidinha ultra-apertada. Ele fazia faculdade federal, não pagava a faculdade, mas vivia em pensão, pensionato, em republica, mais aquelas

assim, super simples, nada de lugares _____. Foi, foi barra. Eu lembro que uma vez eu fui visitá-lo, ele morava num lugar tão horroroso, tão horroroso, que eu fiquei com tanta pena, porque era um horror. Fora o que era úmido e ele morre de alergia, porque ele é super alérgico, tem bronquite. Aquilo era um mofo. Assim, nas paredes, aquelas paredes verdes, úmidas, né? Entrava umidade pelo chão. Falei: “gente do céu”. Enfim, foi...

Entrevistadora: Sobreviveu...

Elena: É sobreviveu. Ta sobrevivendo. Todos nós estamos. E isso fez bem. Eu acho que o caráter também se aprimorou. Caráter de todo mundo se aprimorou com as carências, foi bom.

Entrevistadora: Tem alguma coisa que você gostaria de falar que a gente não discutiu, que você acha que é importante?

Elena: Não sei. O que? Talvez uma coisa que tem me incomodado muito ultimamente, vendo o funcionamento das crianças e das famílias ultimamente, é essa preocupação que eu tenho com o... Com esse lado muito, muito duro né, das mulheres. Desse lado que, desse lado prático né? Que faz com que as mulheres dêem conta de muitas coisas ao mesmo tempo como, que dispensando os homens das tarefas. Ah... Isso não ta fazendo bem pra ninguém, muito menos pros meninos né? Porque, hoje ta muito, faz um tempo que eu tenho observado que meninos e meninas têm um tratamento diferenciado dentro das famílias.

Entrevistadora: Você acha que esta voltando aos primórdios? Alguma coisa do tipo?

Elena: Não é voltando não. Eu acho que nunca, nunca foi diferente. Continua igual. Os meninos são muito; de certa maneira são muito paparicados e as meninas são muito cobradas. Elas são muito mais cobradas do que os homens. Então elas acabam amadurecendo mais cedo ou ficando duras. Amadurecendo não digo, mas ficando duras (risos) mais

cedo, não é? E os homens num, num acompanham esse. Não conseguem acompanhar.

Entrevistadora: Eles estão imaturos ou a mulher assumiu o papel de gerenciar?

Elena: Não. As duas coisas, não é? As duas coisas. Você promove com isso uma imaturidade, uma falta de compromisso e de responsabilidade com as coisas praticas da vida, porque homem não tem mesmo. Quer dizer, não tem mesmo por que? Porque quem cria homem, quem educa homem são as mulheres (risos). E é isso, os homens nunca educam ninguém, os homens são educados, mas nunca educam ninguém.

Entrevistadora: Você acha que o papel de educar é muito mais da mulher do que do homem?

Elena: É muito mais da mulher, e teria que ser um papel dividido mesmo. O homem tem... [Fim da fita]

Elena: É. É importante que perca.

Entrevistadora: Que é fundamental que ela ajude?

Elena: Que ela ajude, mas que o homem também eduque, e que o menino seja educado pelos dois, e da mesma forma que a menina. Senão não vai dar certo. Senão, nós vamos ter cada vez mais as “meninas super poderosas”, porque tá assim. E os homens absolutamente irresponsáveis e cativantes né, porque imagina; eles nunca, tão de bem com a vida né?

Entrevistadora: É a tal da mulher assumindo a tripla jornada, que é estudar, trabalhar e...

Elena: É. Cuidar disso, daquilo, daquilo, daquilo. E as meninas fazem. As meninas da escola cuidam da sala de aula, do professor, das fofocas internas, dos meninos, dos...(risos)

Entrevistadora: Cuidam de tudo né? Abraçam...

Elena: É. As galinhonas né? Abraçam tudo. Um barato. Então eu acho que... Mais a gente precisa começar a mudar a educação dos homens.

Entrevistadora: Você acha que esse é um papel da escola ou da família?

Elena: É um papel de todo mundo. Da família, da escola. Mais da família, né? Todo mundo que educa.

Entrevistadora: Mas você não acha que uma família, aonde isso vem de geração em geração, quem consegue quebrar isso é um pouco a escola? Mas ao mesmo tempo a mãe vai colocar, o pai vai colocar a criança numa escola, que seja coerente com o pensamento deles, não é?

Elena: Com certeza. O que é que a escola pode fazer?

Entrevistadora: Pra mim é difícil enxergar.

Elena: Mais é difícil a escola fazer alguma coisa se os parâmetros familiares ainda são machistas ou sexistas, ou tradicionais, ou, seja lá o que. É difícil a escola mexer nisso, não é? Não é impossível, mas pra escola mexer nisso, ela também tem que ser muito coerente com ela mesma e muito, muito verdadeira, né? Há trinta anos você tinha as escolas comprometidas com um tipo de educação alternativa que dizia: “Nós somos contra isso que esta aí”. Hoje você não tem mais isso. Qualquer escola se diz construtivista. Qualquer escola se diz a favor das liberdades. Qualquer escola se diz antisexista, antimachista, mas mexer nisso mesmo...

Entrevistadora: A estrutura continua a mesma.

Elena: Exatamente. Ai é diferente. Isso é um. Isso é uma coisa complicada.

Entrevistadora: Até porque as escolas se modificaram por uma exigência do governo, né?

Elena: Ahah...

Entrevistadora: Que na verdade só mudaram no papel...

Elena: É, e não dá. A escola ainda é, sei lá. A escola ainda esta a reboque, não é? Não é a escola que promove a mudança. Infelizmente. Infelizmente. Algumas até se propuseram a isso, mas normalmente ela vem a reboque destas transformações né? e ela tem que se adaptar ao mercado e etc, etc, etc...(risos).

Entrevistadora: Crescem as preocupações e as necessidades?

Elena: Eu acho que tem um. É. Eu confio num. É, mesmo aqui, moramos numa, nesse lugar, moramos num espaço, construído por nós. Há oito anos que nós nos conhecemos. Nós compramos juntos e fizemos este espaço, e mesmo assim, a gente tem divergências. Imagina uma escola, que vem cada um de um lado. É complicado. As regras têm que ser muito claras, as pessoas tem que saber exatamente o que vão fazer. E não é tudo que você pode mexer na escola. Agora, do ponto de vista pessoal, os meus filhos, ganharam muito com a vida que eles tiveram, de perdas. Eu tenho que dizer isso. Perderam muita coisa material, mais muito mesmo, muito, muito, muito. Mas ganharam em...

Entrevistadora: Valores?

Elena: Em valores, em estruturação de vida, em independência, em autonomia. É impressionante. Hoje eu não me preocupo com, vamos dizer, o futuro dos meus filhos, porque eu sei que eles vão dar conta.

Entrevistadora: Você deita tranqüila?

Elena: Super tranqüila.

Entrevistadora: Cumpriu com o seu papel...

Elena: E eles também, né? (risos). E eles também, eu acho que eles são pessoas que me deixam orgulhosa né? De ser mãe deles. Eu não fico orgulhosa por mim, eu fico por eles. Porque eles são pessoas maravilhosas. Eu adoro os meus filhos. Se eu não os tivesse eu queria tê-los (risos).

Iguaisinhos. Estes mesmos. E um é diferente do outro, a coisa mais importante. Cada um é um.

Entrevistadora: É o que a gente chama de resiliênte. Passou por uma dificuldade, cresceu com isso e cada um pegou alguma coisa pra crescer.

Elena: Exatamente. E são assim, fantásticos nisso. Fizeram direitinho; sem queixas, sem choro.

Entrevistadora: Foram crianças na hora de ser, adolescentes na hora de ser e adultos estão sendo agora...

Elena: É. Ficaram adolescentes durante muito tempo, mas isso é coisa normal. Hoje em dia a adolescência se prolonga.

Entrevistadora: É. Até os vinte e...

Elena: E e e e e e...

Entrevistadora: Até que casa e tem filhos e ai tem que olhar a casa e os filhos.

Elena: Exatamente.

[fim da gravação da entrevista formal]

Entrevistadora: Após ter finalizado a entrevista discutimos o meu projeto e o porquê de minha pesquisa se centrar na camada média, por conta disso, existiu um acréscimo da parte da entrevistada.

Elena: Fases de depressão fortes, em que eu busquei ajuda. Não havia no sistema de saúde, nada que pudesse me ajudar. Sabe...

Entrevistadora: Você foi atrás do municipal e eles não tinham nada a te oferecer?

Elena: Fui atrás do municipal e não tinha. Sabe? Terapia custava caro. Eu negociava com a psicanalista lá quanto eu ia pagar, mas mesmo assim, eu não podia, porque aquele dinheiro fazia falta em casa. E eu me sentia mal porque estava gastando (risos) o dinheiro que eu podia tá né? Investindo noutras outras coisas.

Entrevistadora: Era uma briga com você?

Elena: Era uma briga comigo. Era. Isso me angustiava muito porque eu sabia que precisava de ajuda. E eu fui buscar ajuda nos, nos amigos mesmos, na rede informal. Nos amigos que eu tinha que eram médicos, que eram psicólogos, que eram, vamos dizer assim, chegados. E conversava. E foi muito isso.

A minha estruturação, ela aconteceu de uma maneira muito informal. A reestruturação né? Após o casamento, foi de uma maneira muito informal [que buscou para se reestruturar], porque num, num existe nada, nem eu, não sou ligada à igreja, não sei como é que são, há pessoas que até, tem outra vivência.

Entrevistadora: É, a gente colocou a igreja como suporte, dependendo da religião.

Elena: Mas como eu sou uma atéia de carteirinha (risos), então não tinha nem isso. Mais mesmo assim eu parti para as coisas alternativas; tomei passe, fui no terreiro de umbanda, fiz um monte de coisa alternativa. Fiz o meu mapa astral. Tudo que eu vi pela frente. Eu busquei todos os caminhos possíveis. Ai foram todos muito validos, porque tudo isso é, eu acho que é auto conhecimento. Quando você faz isso, você tá querendo se conhecer, não é? Você não tá fazendo mais nada do que isso, querendo se conhecer. E isso é importante.

Entrevistadora: Mesmo quando você vai à terapia. É essa a função?

Elena: Exatamente. É essa a função

Entrevistadora: Ela não vai te dar as respostas. Você vai ter que buscar as suas respostas.

Elena: Você vai ter que buscar as suas respostas e se conhecer. Então, foi interessante este processo. Agora, institucionalmente, rede de saúde e tudo mais é o que você disse, né? Tem ai apoio para alcoólicos, tem apoio pra psicótico, tem apoio pra neurótico, tem apoio pra drogado, tem apoio pra tudo, agora, mulher e família...

Entrevistadora: Falta.

Elena: Falta mesmo. E é legal, porque esse apoio, eu acho que é fundamental, porque as mulheres, têm uma identidade muito grande, tem problemas muito semelhantes.

Entrevistadora: É. Vinte e cinco por cento das mulheres são chefes de família, hoje no Brasil.

Elena: Pois é.

Entrevistadora: A idéia, até do inicio, era de que se fizesse um grupo de discussão até para vocês poderem trocar.

Elena: Trocar. Eu acho fantástico isso.

Entrevistadora: Mas, mesmo assim, as pessoas não se dispuseram a fazer isso. A conversar em grupo.

Elena: Jura. Não acredito. Não, porque é muito legal. Eu acho que, esse, essa dinâmica de grupo, pra mulheres que tem esse...

Entrevistadora: Essa realidade...

Elena: Essa realidade. Não, e essa realidade de serem chefes de família, né. Fantástico. Trocar as figurinhas ai. Aqui nesse condomínio tem um monte (risos) e a gente troca porque, estamos aqui. Então a gente faz isso que você viu a gente fazendo.

Entrevistadora: Vocês são na verdade uma cooperativa?

Elena: Uma cooperativa, mas tem muitas mulheres descasadas, com filho, que mora aqui sozinha.

Entrevistadora: Dando conta da vida.

Elena: Dando conta da vida. Isso aqui. Você pode fazer a pesquisa aqui (risos). Sem sair daqui.

Entrevistada: Joana

Data: 17/06/2003

Entrevistadora: O que você não quiser responder fica a seu critério. Mudanças econômicas após a separação.

Joana: É. Mudanças econômicas? Ah, não muitas. Pra mim mudou pouco, porque enquanto eu tava casada, apesar do B. ter um nível social muito mais alto, da família dele ter um poder aquisitivo muito grande, um patrimônio muito grande, tal, não era uma coisa que a gente usufruísse muito. Então, mesmo quando a gente era casado, eu vivia com uma grana que meu pai me dava. Ele tinha salário, tudo, mas a gente tinha uma vida normal.

A família dele nunca foi de ajudar assim, sabe? De dar uma grana. De dar um apoio. Eles apoiavam, mas não era nada muito absurdo.

A mudança que eu senti foi de que eu tinha minha casa, meu canto, meu quarto, estas coisas e de repente eu voltei a morar na casa da minha mãe, dividir um quarto com ela e tal, mas em termos de qualidade de vida, na verdade não teve muita diferença, muita influência, ficou tudo mais ou menos igual.

Entrevistadora: Então você acha que para o seu filho, na verdade ele não perdeu muita coisa?

Joana: Não. Economicamente não. Ele continuou com o mesmo padrão de vida. A separação não mudou o padrão de vida que ele tinha. Que ele tem hoje e que ele tinha antes é o mesmo.

Entrevistadora: Na verdade, o que mudou mais foi pra você, que voltou para casa dos seus pais?

Joana: É, do que pra ele.

O que eu sinto, nem sei se tem muito haver, é que hoje, como o B. também esta morando com os pais dele, ele [o filho] hoje tem uma consciência maior da diferença econômica entre a minha família e a família do pai dele. Então assim, não que ele fale assim, o papai é ricão e a mamãe é pobrinha,

não isso, mas assim, que ele sabe tipo, que na casa da vó dele tem seis carros, que a casa da vovó J. é a casa que sai para jantar fora, é a casa que ganha os brinquedos caros, é a casa... Isso ele já percebeu, entendeu? Que lá é um mundo e que aqui é outro. Então quando ele quer um brinquedo caro, ele pede para o pai, não pede para mim. Ele fala, eu vou viajar para Disney com o papai, ele já sabe que com a mamãe as coisas são diferentes.

Entrevistadora: E agora você saiu de casa na verdade [da casa da mãe]?

Joana: É. Mas mesmo eu estou meio a meio, né? Eu estou com um pé aqui e um pé lá. Um pé na minha casa e um pé aqui na casa da minha mãe. Mas mesmo em casa ele não sentiu impacto nenhum, porque as coisas que eu tive que cortar, eu cortei de mim.

Entrevistadora: Antes?

Joana: É.

Entrevistadora: Ah, você não cortou nada dele?

Joana: Não, não cortei nada dele. Então ele continuou tendo as mesmas atividades que ele tinha assim.

Entrevistadora: Mudanças ocorridas após a separação na rotina de vida diária dele?

Joana: Então, ele foi uma criança que mudou bastante. Então assim; a gente sempre imagina milhares de coisas, não é? Então eu penso assim, talvez porque a gente brigava muito tal, o G. era uma criança muito mais retraída.

Entrevistadora: Quantos anos ele tinha?

Joana: Dois. Dois anos e, outubro, novembro e dezembro. Dois anos e três meses. Então ele era uma criança mais fechada, era uma criança mais quieta. Ele nunca foi uma criança infeliz, então assim, ele não era uma criança que chorava, ele nunca foi uma criança de fazer birra, mas ele era bem mais retraído, principalmente com estranhos assim e uma coisa que ele tinha, é que, talvez porque o pai dele brigasse muito comigo, ele não suportava e não suporta até hoje é que alguém eleve o tom de voz. É uma

coisa assim, alguém eleva o tom de voz comigo, ele começa a chorar. Quando a gente separou, isso aliviou pra ele, porque bem o mal, o ambiente daqui de casa, da casa da minha mãe, quando eu voltei, é mais tranqüilo do que era nosso ambiente familiar. Então ele ficou uma criança mais calma, ficou uma criança mais acessível. Sabe? Apesar do drama de ter se separado do pai. Então ele ficou mais extrovertido, ele ficou mais alegre. Assim, os vizinhos comentaram: “nossa, como ele ta diferente”. Sabe, ele realmente mudou bastante, ele ficou mais sociável do que ele era antes.

Entrevistadora: E o fato dele ter ficado longe do pai, como é que ele levou isso?

Joana: Então, na verdade assim. No começo ele sentia saudade. Até hoje ele sente, mas eles se vêem muito. Então na semana, ele fica comigo segunda, terça, quarta e quinta e na sexta ele vai para São Paulo. Ai ele fica sexta, sábado e domingo. Domingo à noite, dormindo já, ele volta. E todos os finais de semana são assim. Então ele vê bastante o pai.

Entrevistadora: Ele vai todos os finais de semana?

Joana: Todos os finais de semana. Então eles se vêem muito. Então assim, quando eu percebo que ele sente falta é, por exemplo, no final de semana do dia das mães, então ele não vai para São Paulo, vai ficar comigo. Ai é uma semana que ele passa perguntando bastante do pai: “Cadê o papai?”. Pede pra ligar, não sei o que. Mas na rotina normal, ele assim, mata a saudade pelo telefone, porque ele sabe que na sexta-feira é dia de ver o papai. Então foi uma coisa que ele encarou assim, muito bem. Eu tinha muito medo, do que seria a separação e tal, mas o B. é muito presente mesmo estando em São Paulo. Ele liga bastante, ele conversa, sabe? Ele é bem próximo assim.

Entrevistadora: Participa bastante?

Joana: Participa.

Entrevistadora: Das redes sociais, você utiliza alguma coisa do município?

Joana: Não, nada.

Entrevistadora: Plano de saúde você tem?

Joana: Plano de saúde particular, escola particular. Tudo particular. O suporte para ficar com ele mesmo, foi à família. Quem ajuda é a família. Ai no caso é minha mãe e meus irmãos.

Entrevistadora: E como é que foi isso? Essa ajuda que você teve.

Joana: Ah. Altos e baixos. Tipo, minha mãe e meu irmão, 100% os dois. O T. é um tio que não tem igual. Ele leva na escola, ele pega na escola, ele dá o almoço, ele dá banho, ele nunca questionou assim. Ele só reclama se for segunda-feira, que é dia dele ficar com a A. [namorada], então ele enche um pouquinho o saco, mas se não for na segunda, não tem stress e a minha mãe, sempre a tarde não tem stress. Agora, por exemplo, quando eu dependo das minhas irmãs, gera um conflito forte. No caso a E. e a B. ficam assim, uma horinha, duas horinhas. Uma tarde inteira nem pensar. Nunca. Mais sei lá, perto das outras famílias, é uma ajuda muito grande, assim. Realmente eu não tenho o que falar. Minha mãe disponibiliza os dias em função dos meus horários, é tudo para ficar com o G., sabe? Ele fica doente, eu não posso faltar no trabalho, alguém sempre falta para ficar com ele. Um dos meus irmãos, uma coisa assim. Realmente eu não tenho muito problema. Agora, com relação ao município, nada é usado.

Entrevistadora: Nada?

Joana: Nada.

Entrevistadora: E amigos, como é que foi?

Joana: Ah. Amigos! No começo tive muita ajuda da M.. Logo que eu me separei, não tinha ninguém aqui. A família toda tava em Recife. A M. veio morar comigo. Então ela veio. Ela e o R. de mala e cuia, os dois pra cá. Ficamos nós quatro morando aqui né? Eu, o G. [se filho], ela e o R.. Foi um mês assim, para eu não me sentir sozinha, que foi a vez que eu precisei dela mesmo assim.

As outras vezes, acho que não ocorreu assim, de precisar desesperadamente, sabe? De vez em quando o T. [irmão] ta viajando.

Alguém que precisa levar na escola. Mas sempre tem alguém disposto. Ou a M. ou a M. L., as duas quebram um galho, assim. Nas minhas redes sociais todo mundo cuida, todo mundo ajuda assim também. Quando precisa nas viagens, tem várias tias, vários tios e tal. Não tenho problema.

Entrevistadora: E a escola, você acha que mudou sua expectativa? Você buscou uma escola diferente ou não?

Joana: Hum. Um pouco. Um pouco porque, como assim: eu e o B. temos visões de educação muitos diferentes. Eu sou um pouco mais tranqüila e ele é um pouco mais rígido. Então eu tive uma preocupação em escolher uma escola que ele aceitasse mais. Então, logo que a gente separou o G. mudou de escola. Foi coincidência, porque era uma coisa que tava planejada. Então a gente já tinha planejado que no final do ano ele mudaria de escola, tudo, mas eu acabei cedendo para uma escola que ele gostasse mais, porque eu sabia que isso ia me dar menos dor de cabeça. Como ele não ia ta aqui, então ele ficava mais tranqüilo de ser uma escola que ele tinha aceitado mais a proposta pedagógica. Não que eu não goste do Rio Branco, mas se fosse para eu escolher ele estaria no São José. Enfim.

Entrevistadora: Que se encaixaria mais no que você...

Joana: É, mais. Mais por mim porque eu estudei lá. Então, na verdade, é mais uma visão romântica, entendeu? Então como eu estudei lá e eu adorava, eu preferia o São Jose. Adoro o Rio Branco, porque eu também estudei no Rio Branco, mas eu preferia o São José. Foi uma decisão de comum acordo, mas eu cedi um pouco mais por isso assim, por ele querer e poder dar mais tranqüilidade para ele e conseqüentemente para mim.

Entrevistadora: Mas você não esperou nada de mudança da escola?

Joana: Não.

Entrevistadora: Porque você estava separada você não buscou uma escola que você precisaria...

Joana: Não. Não uma escola diferente por conta da separação. Não.

Entrevistadora: Bom, você já falou nos sentimentos que você observou nele depois da separação né? E no trabalho, como é o trabalho pra você? Como é cuidar do seu filho e trabalhar?

Joana: É, trabalhar. Foi a parte mais difícil. Bem. Eu encontrei uma série de preconceitos na verdade; por ser mãe, nova e querer trabalhar. Então assim, quando eu me formei, fazendo dinâmica de grupos, estas coisas, volta e meia à gente batia assim, com textos que a empresa dizia que lugar de mãe solteira não era naquela empresa. Que as mulheres que eram mães não deveriam trabalhar fora, sabe? Coisas do gênero. Super legal, ano dois mil, né? Se esbarrar com uma coisa dessas.

A empresa que eu trabalhei, na área de alimentos, eu saí por causa do meu filho. Então assim, o meu chefe não admitia que eu tivesse um filho e ele achava que essa era uma coisa que diminuía meu trabalho, porque eu era, apesar de nunca ter faltado na empresa por causa do G., ter me esforçado ao máximo pra isso. Nunca ter faltado, não comentar dele, não ficar me queixando nada do gênero, a empresa era machista. Então, ela via como algo ruim que eu não fosse casada e tivesse um filho. Foi um dos motivos pelo qual eu larguei.

Atualmente, no ramo que eu to, que é dando aula, isso não faz muita diferença. Quer dizer, a princípio né? Não sofri nenhum tipo de preconceito por causa disso. O que eu acho ruim é que assim, por ser mãe, por estar sozinha, quando fica doente, quando tá com algum problema a gente tem que se virar. E no meu ramo eu não posso faltar, então assim, eu não tenho a tranquilidade pra falar: “olha, hoje o meu filho tá com febre, mesmo com atestado médico e tal e eu não vou poder trabalhar”. Eu não posso fazer este tipo de coisa. Então essa é uma coisa que eu acho ruim assim, sabe? Porque, o homem nunca falta. Mesmo que eu fosse casada não faria muita diferença, né? O homem não falta e a mulher que tem que resolver. Então é a hora que minha família entra em ação mesmo. Mas é isso. No geral, no trabalho é isso assim.

Entrevistadora: E a sua vida social?

Joana: Ai, melhorou muito (risos), depois da separação. Vários motivos, primeiro porque o B. era um velho. Chato. Programa de sábado a noite era assistir Zorra Total, eu queria morrer!! Ai credo, que horror! Então eu comecei a sair mais por mim [depois da separação], e como o G. ta sempre em São Paulo nos finais de semana, então na verdade, ficou pra mim muito mais fácil. Então eu voltei à vida social depois da separação. Sai com meus amigos, namorado, casos etc, etc e etc. Ficou bem mais tranqüilo. Mas mesmo o G. estando aqui, é uma coisa que eu faço. Que eu saio, deixo ele dormindo com a minha mãe, volto com ele dormindo. Então, ela ficou muito mais intensa assim. Ele, atualmente, não atrapalha em nada. Minha vida social é cem por cento.

Entrevistadora: Só teve ganhos?

Joana: Só ganhos (risos). Nem uma perda. Mas não porque eu era casada. Porque eu era casada com ele. Ache que cada relacionamento é um relacionamento. Porque ele era assim: não gostava de sair, não gostava de passear, não gostava de fazer nada, só ficar em casa assistindo tv, ponto.

Entrevistadora: E você acompanhava isso sem reclamar muito?

Joana: É, eu tentei questionar muito, mas eu não tinha esta abertura com ele, de questionar e tal. É uma coisa que não acontecia muito. As poucas vezes que eu tentei foi tipo assim: “Vamos sair, eu quero”. Foram brigas homéricas. Então eu fui me condicionando de que eu não podia fazer aquilo e foi um dos motivos pelos quais a relação acabou né? Eu tinha vinte e dois anos e me sentia uma velha de quarenta. Não pode. Não dá. Não faz bem isso.

Entrevistadora: Só isso. Tem mais alguma coisa que você quer falar?

Joana: Não. Sei lá. Acho que não. Falei tudo já.

Após o final da gravação seguiu uma conversa informal na qual a entrevistada autorizou que fizesse parte da entrevista os comentários, seguem alguns deles:

- *Casou-se porque engravidou e queria sair de casa;*
- *O relacionamento já havia acabado e num reencontro a camisinha furou e ficou grávida;*
- *Ficou casada por dois anos porque neste período a família não estava perto (fora do país e depois em Recife) e não tinha como sair daquela relação. O marido usava isto como maneira de “violência” – brigas diárias;*
- *Tinham formas muito distintas de demonstrar amor;*
- *Acha que foram importantes estes dois anos para a formação de vínculo da criança com o pai;*
- *Criança sente falta do pai, que mora em outra cidade, mas o visita toda semana, vai sempre na sexta e volta no domingo, com exceção do dia das mães. Sua família não concorda com este ajuste.*

Entrevistada: Rose

Data: 06/12/2004.

Entrevistadora: Eu tenho um roteiro, com alguns temas que são livres. Eu vou fazendo algumas perguntas mais para você poder direcionar o seu pensamento. O que você não quiser responder, não responde. Ta bom?

Rose: É curso de psicologia que você faz?

Entrevistadora: Sou terapeuta ocupacional. Eu faço mestrado na sociologia da educação. Eu sai completamente da área. Eu trabalho dentro da área social, dentro da terapia ocupacional. É mais com educação social na verdade. Então a idéia é saindo daqui montar um projeto que atenda a camada média. As crianças, os adolescentes, a família. Dar um suporte para este pessoal que esta, ao meu ver, largado de lado. Ai para isto, a pesquisa vai buscar mais assim. A gente vai tentar entender um pouquinho de como é que é a dia a dia, a vida, a necessidade da família, mas o enfoque principal ai é a rede social de suporte. A gente quer saber como é que fica depois da separação. Quem são as pessoas que você busca. Quais são os meios que você busca para se reestruturar e conseguir dar conta da família.

Entrevistadora: Mudanças econômicas enfrentadas após a separação: que mudanças econômicas você enfrentou após a sua separação? Teve que mudar de casa, de cidade? Caiu a condição socioeconômica? O que você achou que seus filhos perderam com isso? O que você perdeu com isso?

Rose: Deixa eu falar. Você quer que eu dê respostas mais enxutas, mais sintetizadas?

Entrevistadora: Não. Da maneira que você quiser. É livre. Você pode falar tudo o que você quiser, da forma que você quiser.

Rose: Tudo bem. Geralmente eu falo muito e sou muito aberta. Tudo bem?

Entrevistadora: Tudo bem.

Rose: Então ta. Você me perguntou sobre as mudanças? Tiveram algumas: eu não mudei de casa, eu não mudei de cidade. Mas tive que

tirar filho de escola particular para colocar em escola pública. É. Meu padrão de vida caiu muito. É. Minha casa precisa de reforma e eu não tenho condições. É uma casa antiga, tem um monte de coisa de manutenção, quebra, quebra, quebra, casa velha. Eu concerto algumas coisas mais essenciais, outras vai ficando. É, não dá pra pagar mão de obra; é pedreiro, é eletricitista, é encanador, estas coisas.

Então isso daí, neste sentido caiu muito. Eu só não mudei de casa porque como é uma separação litigiosa e meu ex-marido faz absolutamente questão de ficar com a casa, então eu não sei para ver se eu consigo manter esse direito de continuar na casa. Então, estou esperando a decisão do juiz para poder sair. Mas meus planos é: sair e mudar para um apartamento pequeno. Sair da casa onde eu moro.

Entrevistadora: Mudanças ocorridas após a separação na rotina de vida diária de seus filhos: a gente pensa em dois momentos, duas fotografias: antes e depois da separação: questões emocionais, sócio-econômicas e necessidades que seus filhos começaram a apresentar que você percebeu depois da separação. Eles estão com que idade agora?

Rose: Eu tenho um filho mais velho que fez dezoito anos em novembro, ele é deficiente. Ele tem um déficit psico-motor, então ele precisa de cuidados especiais. Tenho um filho que fez quinze anos em maio. E tenho o caçula que tem doze anos. Completou doze anos em novembro. Este de doze anos foi para escola pública. O de dezoito eu mantive em escola particular porque eu tenho reembolso da empresa do meu ex-marido, ele faz parte de um programa de deficiente que me dá este direito. O de quinze eu mantive em escola particular porque eu achei que ele era o mais assim, prejudicado, por uma série de questões. Eu não quis mexer nele, né?

Ah, a nível assim, financeiro, econômico, ah... A coisa foi assim. Foi muito agora economia, porque enquanto meu marido tava em casa é..., ele assumia esta responsabilidade financeira, embora eu nunca deixei de trabalhar totalmente, sempre tinha algum ganho. Alguma coisa. Mas nunca deixei totalmente. E aí, depois que ele saiu. Antes de ele sair ele já

não queria mais dar dinheiro em casa, então eu já fui pedindo dinheiro emprestado para minha irmã e depois que ele saiu eu tive que pedir mais ainda, né? Porque daí até que o juiz determina quando vem a pensão. E a pensão é pouca porque ele é aposentado com um valor muito pequeno. Ele aposentou parcial com um valor baixo, e ele tem terras: então ele mexe com gado, plantações, tal e isso não tem como comprovar renda. Então, a minha pensão é um valor baixo.

Este meu filho mais velho toma tegretol. Por exemplo, eu comecei a pegar tegretol no posto de saúde. O meu filho do meio passou por uma cirurgia de dente que eu tive que fazer na odontologia da USP. É. O caçula não foi mais no dentista. Quer dizer, então uma série de coisas que eu fui deixando, que eu fui cortando assim. Fui cortando o máximo.

Tive muita ajuda desta minha irmã que ajuda no sentido de me emprestar o dinheiro. Então eu devo muito dinheiro pra ela. Não sei se um dia vou ter, vou conseguir pagar. Mas eu devo muito dinheiro para ela para poder me sustentar.

Ah, eles. Não sei se eles ficaram mais rebeldes. É difícil afirmar isso porque eles estão numa idade da adolescência, então você fica sem saber assim, quer dizer, tem haver com os hormônios, com a fase que ele tá vivendo? Tem haver com a saída do pai? Provavelmente é um conjunto de coisas. Até porque, o meu ex-marido era uma pessoa muito ausente, no sentido de atenção, de carinho, de preocupação com o filho. Isso tudo foi responsabilidade minha, a vida inteira. Mas, ele era presente em casa. Ele ficava fisicamente em casa. Então, assistindo televisão, no mundo dele mais ele tava lá, né? Mas, eu nunca senti falta dele assim, enquanto, enquanto companheiro, enquanto pai dos meus filhos, porque ele nunca foi. Eu sinto falta de um companheiro, sinto falta de um pai pros meus filhos, mas não ele porque ele nunca foi. E então, ah... Assim, não posso te precisar com certeza, se de fato houve uma, uma mudança emocional.

Entrevistadora: Eles não buscaram você? Por exemplo, nessa hora da separação?

Rose: Meus filhos?

Entrevistadora: É.

Rose: Como assim buscaram?

Entrevistadora: Ah, mãe eu estou aqui do lado. Ou pra te dar apoio ou pra pedir apoio.

Rose: Não, não. Assim, se eu perguntar pra qualquer um dos três se eles querem morar com o pai, eles querem morar com o pai. Qualquer um dos três, né? Por que... é... Quem sempre deu a educação fui eu, sempre cuidei dessa parte da educação, dos limites. Então eu sou uma pessoa enérgica, sou uma pessoa assim, de pulso firme, eu fiscalizo muito né? Eu cobro muito, então eu não sou uma pessoa simpática, sou uma pessoa realmente chata, como eles dizem. O legal é o pai deles. O pai deles não fala, não briga. O pai deles não chama a atenção, então o pai é legal. Então acho que é assim, eles se pudessem eles morariam com o pai. E este ano eu tomei uma decisão. Este ano não, este semestre, estes três meses para trás, eu tomei uma decisão que foi extremamente dolorida pra mim, que eu ainda não consegui assimilar.

O meu filho do meio, este de quinze anos, estava muito rebelde, quer dizer, não com as pessoas, mas comigo. Com as pessoas de fora ele é tido como um menino educado, calmo, tal, mas comigo ele ficou muito agressivo. Isto talvez tenha haver com a separação. Ele ficou muito agressivo. Ele já era. Inclusive quando o pai morava em casa, um dia ele me deu um chute na canela, e eu chamei o pai e o pai assim, deu risada. Eu não conseguia sair do lugar, eu não consegui nem falar porque a dor era forte demais. Pegou forte, doeu. E depois isso foi continuando, se acentuando, e há uns três meses atrás eu tomei a decisão de mandar ele morar com o pai. E isso foi uma coisa extremamente dolorida pra mim e ainda é porque, eu não aceito isso, mas eu me vi acuada. Primeiro por não conseguir lidar com essa, com essa violência dele, não consegui por limite, ser firme. Segundo, porque também tinha a questão financeira. São três meninos que comem, homem come muito, adolescente come muito, então se põem às coisas na

geladeira, se vira às costas já acabou, então é um é um gasto muito grande. E o que, o que meu marido dava, que dizer dá, não dá pra pagar supermercado, pra pagar de comida pra eles. Então foi uma coisa que eu me vi obrigada, acuada a fazer, a tomar esta decisão. E ele atualmente esta morando com o pai dele.

Entrevistadora: Hoje você esta só com os dois?

Rose: Com os dois.

Entrevistadora: Então vamos as redes sociais de suporte. Dificuldades e suportes. Como repercutiu nas atividades e comportamentos dos seus filhos.

No municipal. Eu separei em quatro redes de suporte no meu entendimento, que é a municipal que é creche, centro de saúde, hospital público, centro de convivência, igreja, escola... Quais destes você buscou? O que você encontrou? O que você não encontrou?

O familiar, o apoio da família. Pai dos filhos funcionando como rede de suporte ou não. Você já falou que seu marido nunca foi presente e agora não mudou isto. Amigos: quem foi? Se você precisou, quem você buscou? Se você teve este suporte. Porque a gente sabe que apesar da gente estar no século XXI, quando um casal se separa os amigos parecem que se separam também e alguns não querem conviver porque você é uma pessoa separada e acabam sumindo.

E privado. A escola. Você buscou coisas a mais na escola? Você chegou na escola e falou: “olha eu preciso da ajuda de vocês” ou em algum outro lugar?

Rose: Então vamos por etapas. Cada coisa destas que você foi falando minha cabeça voa. Tem ene coisas. Em termos de setor público, por exemplo: eu tentei arrumar trabalho para este meu filho de quinze anos. Eu sei que a prefeitura tem uns programas que atende é..., como chama? Eu só sei. É uma iniciação ao trabalho. Eles recebem treinamento aqui no SENAC.

Entrevistadora: É o programa educação pelo e para o trabalho.

Rose: Eu só sei que depois eles trabalham nestas repartições públicas, meio período e eles ganham um salário, meio salário, eu não lembro. É tipo uma bolsa. Tentei colocá-lo de todas as formas. Falei com várias pessoas e o que eu encontrei é que é assim: eu não morava na periferia, eu tinha casa própria. O que mais que eu vi? Não morava na periferia, tinha casa própria... Bom enfim, eu não lembro mais. Isso, isso é uma briga grande porque é, eu acredito, acreditava e acredito, que se ele tivesse uma atividade, ele não ia ficar em casa o dia inteiro assistindo televisão. Um homem de dois metros de altura. Apesar da idade ele é um homem grande e talvez. Bom, enfim, eu acho que o trabalho é um caminho melhor. E eu queria muito que ele fizesse este tipo de atividade para ter algum dinheiro e para poder iniciar. Não consegui. Falaram olha, se... Então eu vou dar o endereço de alguém pobre. Não tive a menor chance.

Com relação à escola, eu só consegui escola pública, porque eu tinha conhecimento na secretária e eu consegui vaga. Porque também não tinha vaga. Ai eu tive que falar com amigos, tal. Insistir. E ai eu consegui uma vaga para este caçula.

A escola que eles estudavam. Ele estudava em escola particular. Eu devo até hoje. Eu não consegui pagar. E o meu mais velho, estudava na mesma escola e a escola foi bastante compreensiva, e até hoje, já faz dois anos que eu tenho essa dívida, que é referente ao caçula, eu não consegui pagar e eles mantiveram meu mais velho lá. Foram compreensivos, me deram recibo. Aliás, mandaram carta para o meu ex-marido cobrando pra ver se ele pagava. Fizeram pressão. O que não teve resultado, mas a escola fez a parte dela.

É... Assim, eu tive da minha. Do meu pai e da minha mãe, assim, especificamente, eu acho que eu não tive muita ajuda não. Eles no final resistiram um pouco, porque a história da filha separada. Eles falavam, “e os meninos”, tal. Depois, eles aceitaram, e pelo contrário, até hoje eles percebem que realmente não tinha condições de continuar vivendo com meu ex-marido. Mas, assim, eles não me ajudaram financeiramente, nem,

por exemplo, minha mãe ficar em casa. Nunca. Nunca dormiu uma noite na minha casa. Nada. E, nesse sentido não.

Essa minha irmã, é uma irmã que mora fora do Brasil e essa minha irmã me ajudou muito. E assim, mandando roupas...usadas; todas... Praticamente toda roupa de cama, toalha de banho. Roupas das crianças, minhas roupas todas. Tudo é ela que me dá. Roupa usada né? Roupas delas lá. E dinheiro, que ela me emprestou. Então eu devo muito a esta irmã. Ah. Os outros demais da família assim, resistiram no começo, hoje entendem e tudo bem. Mas apoio financeiro eu só tive dessa minha irmã.

É. Eu acho que com relação ao que você falou, a questão do preconceito. Eu vejo que tem sim [preconceito] ainda, em pleno século XX. É... não é uma coisa explicita. Não é. É uma coisa meio velada, meio assim. Mas eu vejo que tem. É mais a coisa do. Eu que já tenho cinqüenta anos, então você vai e são os casais. Então, como eu não tenho nenhum companheiro. Talvez se eu tivesse um companheiro, mesmo sendo descasada, a coisa ficava mais "light". O fato de eu ter, ser sozinha, eu sinto às vezes. Não que me discriminam, mas... é... é diferente. Tem um certo preconceito assim, uma certa barreira.

Ah... Você me falou hospitais, essas coisas.

Entrevistadora: Isso.

Rose: Certo.

Entrevistadora: Amigos, privados....

Rose: É porque daí é assim. Você não tem ajuda. Nada. Porque como eu tenho uma casa própria, como eu tenho carro. Na verdade ele não é meu, porque eu devo ele pra minha irmã. A casa também não é minha, porque é minha e do meu marido, mas para todos os efeitos é minha. Eu sou casada com comunhão parcial de bens, comprou essa casa depois de casada. Como eu tenho casa própria, como eu tenho esse carro, então... nada assim, destes, destes programas de governo eu posso participar.

Entrevistadora: Mais assim, na rede municipal, por exemplo, você foi buscar ajuda? Você achou que precisava de ajuda emocional sei lá eu, e

you were behind to look for a support service? Or not? Or not interested?

Rose: No, I didn't go to look. Because the information that we have is that like this, you can't get it. It's that, it's that vision that we have. So I didn't go to look. It's always very difficult. It's long lines, very long; what you want to say: when you are attended. In the story the deceased has already died, the mass has already been said on the seventh day, everything, right? And, besides that, I also have that it is not a service like this... efficient, because you wait. For example, the psychologist, you think, less than half an hour of attention and vacation and I don't know what. What you want to say, it's a very fragmented thing. So I didn't go to look, no. Not for me, not for my children. I can't even tell you that in fact it is like this because I didn't look for it. It's that image that I have of what has passed, of what is said.

Entrevistadora: Mas você falou que seu filho fez uma cirurgia pela Usp.

Rose: Foi.

Entrevistadora: Isso você foi e você conseguiu.

Rose: Não foi bem pela Usp. Foi. Eu fiz uma cirurgia pela BCD, que é a associação dos dentistas lá. Cirurgia de periodontia. E meu filho fez uma cirurgia também. Ele tinha um dente que tinha que ser extraído. Foi uma cirurgia até complicada, é porque um colega que é dentista encaminhou pra essa, pra faculdade de odontologia daqui da Usp. Entendeu?

Entrevistadora: Ah, tá.

Rose: Só, né? O resto, a gente tem um convênio médico. Quer dizer, meu ex-marido tem um convênio. Então, é porque, durante este período eu recorri a médico um milhão de vezes. Teve várias ocorrências. Até eu, por conta de stress e acho que da idade, começou a aparecer muita coisa que eu não tinha antes. Então hoje eu tenho tendinite. Eu fiz cirurgia do túnel do carpo. Eu tenho problema de coluna. Eu tive anemia, várias vezes. Tenho problema no útero. Coisas que eu acho que tem muito haver com uma somatização mesmo. Um stress que a gente vai acumulando coisa né?

Tomei antidepressivo, fui num psiquiatra, mas tudo através do convênio. E remédio, tem que pagar particular, né. Tem que comprar particular. Perdi o direito que eu tinha do convênio. É, hoje mantém ainda, eu tenho direito ao convênio ainda porque não saiu em definitivo à separação, então eu tenho direito. Mas eu perdi direito a reembolso que a gente tinha de 40% dos medicamentos. Então eu tenho direito a médico, remédio, mas não...

Então assim: meus filhos, o caçula, por exemplo, que tem problema de ácido úrico, teve. É, machucou. Sei lá, caiu. O outro também bateu com a bicicleta. Todas estas coisas tem que comprar remédio. Durante este período já teve infecção hospitalar. Bom, enfim, teve uma série de coisas.

Entrevistadora: Mas os seus filhos têm o apoio total dentro do plano de saúde? Eles não vão perder com a separação?

Rose: Tem. Eu creio que não. Creio que não. Tudo é muito indefinido. Há uma pressão muito grande por parte do meu amigo. Do meu amigo! Meu inimigo (risos). Meu ex-marido. A pressão muito grande assim, porque ele quer ficar com os filhos e com essa casa. Por que é o único bem que a gente tem em comum. Porque, fora isso o que ele tem, ele tem esse sítio, vaca, boi, ele tem um barracão grande lá na cidade dele, ele tirou do nome dele então eu não tenho direito. Ele comprou e passou para o nome da irmã. Então a única coisa que a gente tem em comum é essa casa que eu moro. Que eu to brigando pra não vender porque é o único bem que eu tenho; até pra em termos de segurança com esse filho de dezoito anos que eu tenho que é deficiente. Que exige cuidados. Que ele faz fisio, faz fono, tudo essas coisas. Ele é bem dependente, tal. Então, eu to brigando pra não perder essa casa, mas há uma pressão muito grande por parte dele assim. É uma pressão que chega a ser doentia, né? Pra que eu saia da casa e ele vá ficar na casa com os filhos.

Entrevistadora: De qualquer jeito metade da casa é sua.

Rose: É. Por lei, eu tenho garantido metade dessa casa. Mas eu queria, eu queria. Eu não fazia nem questão dessa metade, podia passar pro nome dos meninos, usufruto. O que eu queria era não vender a casa. Alugar a

casa sim, vender não. Então eu penso em alugar a casa. A casa precisa de reforma; é uma casa grande e velha. Alugar a casa e morar. Com esse aluguel morar num apartamento menor, numa coisa mais prática. Esses eram os meus planos.

Entrevistadora: Um pouquinho você falou de sentimentos e atitudes que você viu nos seus filhos após a separação e que era difícil de - foi difícil de separar isso, se você percebeu. Exceto pelo seu filho do meio que, o do meio normalmente já é mais...

Rose: Já é mais problemático. E ele foi muito prejudicado em função do mais velho, que exigia mais cuidados. Então, desde parto, desde a gravidez ele sempre teve uma série de prejuízos aí, né? Em decorrência. O fato do meu filho mais velho passou por várias cirurgias, enfim. Então o caçula. Esse do meio foi muito prejudicado. Depois quando ele tinha, não tinha nem três anos, três anos não sei, veio o caçula. Então ele sempre foi o mais bravo, sempre foi o mais rebelde.

Entrevistadora: Mercado de trabalho. Quais as dificuldades e suportes que você enfrentou no trabalho por ser mãe chefe de família. Você acha que eles foram compreensivos com você. Você estava inserida no mercado? Não estava? Se você estava, como foi assim, nos momentos em que você precisou, por exemplo, da cirurgia do seu filho. O trabalho te acolheu ou não? Ou foi “problema teu que você é mãe e não tem ninguém pra te ajudar?”.

Rose: Então. Olha. Eu tenho uma experiência que eu não sei se vai atender a sua expectativa aí que você busca, em termos de perfil profissional. Sou psicóloga e eu trabalho com consultório. Já trabalho a vida inteira, quer dizer, me formei em 81, então já faz vinte e tantos anos que eu trabalho com consultório. Consultório é uma coisa muito instável, né? Muito é ilusório mesmo. Essa coisa que você acha que vai dar mais não dá. Nunca dá e você está sempre esperando. Quem sabe no ano que vem. Quem sabe no mês que vem. Quem sabe e nunca dá. E o que a gente recebe de cliente mal dá pra pagar as despesas. Tem mês que dá pra cobrir

as despesas, tem mês que não dá, mas eu persisto ainda com consultório. Com tudo isso eu ainda persisto. Acho que eu sou insistente demais, mas enfim eu ainda mantenho esse vínculo que é um espaço aonde eu pago de acordo. Se eu ocupo ele eu pago.

Bom, fora isso, eu faço avaliação de piloto, que é também uma coisa bem esporádica. Quando tem. Então tem semana que tem dois, de repente passa um mês ou dois sem ter nenhum. Então é uma coisa esporádica. E eu fui fazendo isso, sei lá que mais que eu fiz. E agora eu estou nessa empresa atual há seis meses. É um cargo político, um cargo de confiança. Então é um cargo político que esta terminando meu período agora dia 31 de dezembro. Então eu não posso te dizer como é que foi esse, em termos, se fosse uma empresa privada, certamente eu não teria os privilégios que eu tenho nessa. Porque nessa [empresa] como é um cargo, eu sou assessora, é um cargo que eu não tenho que assinar ponto, eu não tenho, eu tenho que dar satisfação nenhuma a chefe, a nada. Então, eu trabalho período integral, mas se eu preciso ir numa reunião na escola. Estes dias, por exemplo, meu filho do meio ta de recuperação, eu tive que conversar na escola, eu tive que resolver uns problemas e acabei ficando quase que a manhã inteira na escola. Eu acho que essa empresa me dá essa condição por ser uma empresa de economia mista, se fosse uma empresa particular, com certeza eu estaria na rua. Mas então, é, por ser uma empresa de economia mista eu tenho essa condição hoje. Privilégio. É, agora, pra conseguir esse trabalho, foi uma coisa assim muito difícil, porque eu mandei currículo pra muitos lugares e eu nunca tive resposta positiva. Então, eu tenho currículo espalhado pra muitos lugares, e falo com muita gente. Peço pra um, peço pra outro, enfim, estou sempre tentando. Mas os lugares que eu tentei me dizem que assim: que não tem vaga. Porque psicólogo é uma coisa realmente muito restrita. Empresa nenhuma tem e tal. E tem o fator da idade né? Eu tenho 50 anos e isso pesa contra.

Pesa contra o fato de eu ter três filhos; o fato de eu ter 50 anos; o fato de eu estar afastado do mercado de trabalho formal. Então, a verdade é que já

fazem alguns anos que eu procuro trabalho e não consigo. Então eu consegui esse agora através de uma, de uma amiga que é política, que é a J., que me colocou aqui dentro, mas eu sei que agora em janeiro vai ser uma outra batalha e eu não tenho nenhuma perspectiva. To já buscando, me preparando pra janeiro, mas até agora não me apareceu nada assim. Nada. Nem uma perspectiva. E aí, eu não sei o que eu vou fazer. Fico aí pensando. Sonhando (risos).

Entrevistadora: Se estiver sonhando ainda ta bom!

Rose: É. Fico pensando o que fazer. Mas confesso que eu ando cansada. Sabe? Muito cansada. Não tenho mais a mesma energia. Eu comecei a trabalhar com quatorze anos. Com quinze anos eu soldava lata em metalúrgica e eu tive, eu sempre tive muita disposição, muito assim, pique. Sou filha mais velha, sempre fui assim, desbravadora. Porque eu que arrumei emprego pra família inteira, levei, tal. E hoje, fico me vendo assim, cansada. Eu to cansada. Os filhos... é uma coisa muito estressante. Muito estressante sabe? E essa separação, que não acaba nunca. Muita guerra. Muita. Muita pressão. Então, eu to cansada. Então, eu já não tenho mais o mesmo pique. Em outra época eu falava: “eu faço faxina, eu vendo cachorro quente, eu...”. Hoje, parece que o prevalece é um desânimo. É um desacreditar, é um, sabe? É uma coisa assim. Que eu luto contra, mas. Inclusive, uma das razões que eu procurei psiquiatra, pra ver, pra tomar uns remédios. Já busquei muito isso. É: em coisas alternativas, em floral, em remédio da alopatia. Mas sempre querendo ver se eu ganho gás. Sabe? Pra ver se eu recarrego a pilha. Porque comparando com o que eu era eu me vejo muito assim: muito acabada. Sabe? Muito sem, sem pique. Ah, aí eu tenho idéias né? Assim, eu fico pensando no que eu vou fazer no ano que vem. Eu posso fazer isso, mas isso não dá certo. Então tudo parece que tudo que você pensa, ce não vê muita perspectiva porque, Ribeirão é um mercado. Tudo tem muito, tudo ta muito explorado, tudo... E quer dizer, tem que ser coisa que não exige investimento. Então eu fico cansada. Sabe?

Não sei, não sei o que eu vou fazer não. Então eu vou assim, meio por etapa. Quando chegar a hora, eu vejo o que eu faço. Entendeu? Eu vou pensar hoje, aí em janeiro eu vejo o que eu faço e, enfim...

Entrevistadora: Viver um dia de cada vez...

Rose: É. Porque se não você não dá conta. Certo?

Entrevistadora: Bom, a ultima coisa. Alterações na sua vida social. O que é que alterou com essa separação? Coisas boas e ruins. Não só as coisas ruins!

Rose: Eu sei. É assim. Boas, que eu acho que não tem preço. Que eu acho que não abro mão, é realmente a minha liberdade. É o meu sossego. Não estar do lado de uma pessoa que você não quer ficar, entendeu? Você não suporta mais. Então, essa liberdade, de poder dormir a hora que você quer, de poder, entre aspas, porque você tem compromissos, mas assim, que não tem uma pessoa te perturbando. Isso pra mim é coisa que é assim, é fundamental. Sabe? É... então foi muito bom.

Eu, ah, antes de me separar, às vezes, por exemplo, eu ia mais ao cinema. Não só por uma questão financeira, porque apesar do meu marido não colaborar, mas ele estava em casa e a responsabilidade era dele. Eu chegava catando brinquedo desde a calçada. Mamadeira em cima da mesa, aquelas coisas, mas ele estava lá. E agora, eu parei, eu saia menos anda depois que eu me separei, porque eu não podia. Não tinha com quem deixar filho. Outra coisa, é que ele servia de motorista. Eu falava que ele carregava e descarregava carga. Porque ele levava filho na escola, buscava. Nunca conversou com professor, nunca foi a nenhuma reunião, mas ele era o motorista que levava e carregava. Depois que ele saiu de casa, eu tive que fazer isso tudo sozinha né? Então isso me sobrecarregou também, que eu fiquei sem o motorista pra carregar a carga né? (risos). Então, quando ele tava em casa eu fazia, mas, se eu precisava tinha com quem contar. Se eu tinha um compromisso, ah..."Vai buscar", ele ia buscar. Hoje eu fiquei sem essa alternativa.

Mas você me falou da vida social. Ai também não dá pra sair. Por exemplo, se eu vou numa festa, vou deixar os meninos em casa sozinhos? Se ele tava em casa, pelo menos tinha um guarda lá, alguém em casa. Agora não dá. Então, eu não saí muito. Não tenho uma vida social assim. É, dentro do possível, eu vou com os meninos, assim né? Mas sem grandes agitos. Não arrumei outro parceiro, nunca tive, nunca encontrei nem um namorado. Nada. Ah, e também acho que é uma coisa, é, difícil. Acho que hoje não tem mesmo homem na praça. A verdade é essa. Acho que tem muito mais mulher do que homem, né? Não tem qualidade, né? Tem quantidade de homem, mas qualidade a gente não tem. Então, nunca, nunca apareceu nem um relacionamento, nada. E vivo minha vida assim, pros filhos, pra casa, trabalho. Minha vida é essa. Eu não paro. Eu vou dormir à uma hora da manhã todo dia e acordo às seis horas da manhã todo dia. É no mínimo uma hora da manhã. É porque é muita responsabilidade, é muito detalhe, é muita coisa. Eu sou muito assim, controladora. Tudo eu tenho que ver, então é muito cansativo. Nem tenho tempo de sair também. Nem tenho dinheiro. Nem tenho condições. Nem tenho tempo, nem nada. Então é isso.

Entrevistada: Silvia

Data: 13/06/03

Entrevistadora: Se você quiser falar primeiro das mudanças econômicas enfrentadas na separação. Tipo, mudança: se você teve que mudar de casa? De cidade? Condições socioeconômicas. Perdas que você achou que seus filhos tiveram por conta da separação, economicamente falando.

Silvia: Não. Eu acho que a nossa separação ela é bastante atípica se a gente comparar com outras separações, porque, apesar de nos sermos classe média, média mesmo, é... essa. Tivemos a construção desta casa aqui, onde eu estou agora. Que foi no primeiro dia que eu me separei. Foi quando a casa estava em ponto de ser habitada, não tava concluída, como até hoje não ta mais. Bem razoável.

Eu vim então morar com as crianças aqui. Então não, deste ponto de vista, quer dizer, eu tinha um lugar pra morar e ele também ficou com a nossa antiga casa. Isto ai já dá um equilíbrio bom. Tem gente que tem que alugar casa.

É. Bom, o meu salário sempre foi baixo. Não daria pra viver do meu salário do meu emprego principal que é a Unicamp, porque eu sou tempo parcial na Unicamp.

O meu salário até o mês passado era de mil e quinhentos reais, agora que foi para mil e setecentos com este reajuste. Eu tenho que buscar outras formas: alunos particulares ou dar de vez em quando aulas em escolas particulares de línguas para poder me sustentar. Isto eu não tinha antes. Obrigatoriamente não tinha porque nós dividíamos as nossas despesas.

Entrevistadora: Somavam a renda?

Silvia: É. Somávamos a renda e dividíamos os gastos. É. Nesse aspecto então, para mim é mais penoso, mas não tanto quanto comparando com outras pessoas. Am. Que eu poderia dizer mais? Bom, e também, por um aspecto interessante da nossa separação que é, os meninos ficam uma

semana comigo uma semana com o pai. Ai também eu não tenho a despesa total que eu teria.

Entrevistadora: Continua com os gastos divididos em relação a eles pelo menos?

Silvia: É, huru, é isso.

Entrevistadora: Em relação a eles, você acha que eles tiveram uma perda significativa econômica com esta separação?

Silvia: Não. tchu, tchu. Não tiveram. Agora, justamente neste momento, eles estão sofrendo a primeira quebra de fato nos padrões normais, que é, a pedido deles, implantei o speed aqui em casa, um outro provedor. Eu tô cortando estas coisas. Vai ser a primeira vez que eles vão abrir mão de uma coisa boa que tinham. Porque antes não tinha speed, mas eles ficavam na frente do computador o tempo todo. Agora, concretamente vão sentir esta perda ai e algumas outras que eu já disse que não posso bancar mais.

Entrevistadora: Mudanças que até não estão muito relacionadas aos nossos salários, mas a realidade econômica que a gente esta passando também.

Silvia: É verdade. Mas eu estou me lembrando agora que e não mencionei um fato que é importante, quer dizer, se por um lado eu consegui sobreviver com este salário que é muito baixo, com pouquíssimas outras ajudas; esqueci de dizer, que de vez em quando, quando eu estou na pior mesmo, eu recorro ao meu pai.

Entrevistadora: Família?

Silvia: É.

Entrevistadora: E mudanças na rotina de vida diária deles. Questões emocionais: quais necessidades novas seus filhos começaram a apresentar? Você achou que eles, não é só no sentido emocional; que sentimentos novos apareceram e também, alterações de rotina mesmo.

Você já falou de um, que é o fato deles estarem morando uma semana com você e uma semana com o pai. Você enxerga isso de uma forma positiva ou negativa? Como é que foi este processo para eles?

Silvia: Olha. Por incrível que pareça, é uma forma muito positiva. No nosso caso, deu super certo. Eles são muitos “cools”, são meninos assim que não são encanados com nada e... E tiraram isto de letra. Isto não é o menor problema na vida deles. E até a rotina diária deles, porque quando a gente fala isto pras outras pessoas, elas pensam: “meus Deus mais que complicação. Como? Mudar toda semana de casa”. Não nos estruturamos de forma, as duas casas eles tem tudo nas duas casas, eles só carregam o material didático.

Entrevistadora: Da escola?

Silvia: Material da escola, só, mais nada.

Entrevistadora: Concretamente, eles vivem aqui e lá?

Silvia: É. E vivem lá. Eles têm duas casas mesmo. Não ficam tendo que mudar roupa, fazer mala, que acho que isso seria complicado.

Entrevistadora: É um processo de perda toda semana?

Silvia: É. E eles tiram isso de letra. Isso é muito bom para nós. Tanto para mim como pro pai, porque a gente fica com saudade deles. Eles ficam com saudade da gente. Então no dia que eles chegam é uma festa, a gente fica muito feliz mesmo de revê-los e, morando a quatro quilômetros de distancia e, quer dizer, se eu estiver mesmo com saudade eu vou lá e vejo. Eles às vezes passam aqui sem avisar, passam aqui em casa, eles tem chave da casa, não é problema nenhum e eu acho, aliás, esta solução para mim, foi uma solução até que eu, que eu gostaria assim de. Eu sempre tenho falado isso, de sugerir para alguns casais porque, quando eu não pensava nunca na idéia de me separar, porque eu não tinha coragem, porque eu falava como que o pai vai se privar da companhia dos filhos. Isto pra mim era impensável. Eu acho que ele tem tanto direito quando eu, de ter a companhia dos filhos. E daí que quando ele colocou isso, a possibilidade da gente dividir, que ele queria, era a única condição que ele

impunha para nós nos separarmos, que as crianças ficassem em igual tempo com ele e comigo.

Entrevistadora: Guarda compartilhada?

Silvia: É. Eu acho isso fantástico! Não sei se pras outras famílias dá tão certo assim.

Entrevistadora: Então você acha que neste sentido eles não tiveram perda?

Silvia: Não.

Entrevistadora: Na verdade ganhos. Porque neste tipo de separação eles podiam ter ficado longe de um ou de outro.

Silvia: É.

Entrevistadora: E quanto às redes de suporte. Quem te ajudou neste momento? Você. O fato de você estar falando que não ganha muito, qual é o auxílio médico que você busca? Mesmo de coisas que eles façam. Você utiliza centro de saúde, hospital público, centro de convivências, escolas para fazer outras coisas para eles ou você busca o serviço privado dentro disso?

Silvia: Bom, eu tenho um plano de saúde privado, que é a Unimed. Então, quanto a isso a gente tinha e continua tendo. Então, não ha problema neste sentido. Precisou tem. Que mais? Não. Assim, não recorremos a outras coisas.

Como eu gosto demais de cultura e arte, sou muito ligada a isso, sempre procuro levá-los a estas coisas, mas sempre fiz isso.

O pai não gosta muito destas coisas. Não ai a nada, eu sempre ia sozinha. Quer dizer, eu também não tive esta perda. As coisas, que eu já fazia sozinha, continuei fazendo com eles, muito. Agora que estão “aborrecentes” não querem mais a companhia da mãe.

Entrevistadora: Estão na fase de largar a mãe de lado.

Silvia: É. É, mas... Acho que só.

Entrevistadora: Dentro da família: pais? Apoio da família? o pai você já falou que ele funciona como uma rede de suporte mesmo?

Silvia: É. Apesar de que todo mundo mora longe. Quer dizer, eu tenho um irmão aqui, mas todos os outros parentes moram longe daqui. Então eu já não tinha assim, a presença física de ninguém, a não ser deste irmão. E então por isso não tenho como suporte. É claro que todas as férias, mas como antes, a gente sempre se vê.

Entrevistadora: As alterações foram mínimas na verdade né? E você buscou apoio dos amigos, tanto pra você quanto para eles?

Silvia: Não, porque na verdade teve uma amiga que já era muito minha amiga, que ficou cada vez mais próxima por causa da separação. Ela se achou na obrigação de ser meu anjo da guarda. Ficamos com uma amizade mesmo muito próxima.

Entrevistadora: Então nem foi tanto você que foi buscar ela mais ela que veio até você?

Silvia: Não. É, exatamente. Ela se colocou este papel. Me falou isso depois. Alguns anos depois ela falou, que ela se achou no papel de anja. (risos).

Entrevistadora: Mas de alguma maneira é essencial ter alguém próximo, por que sozinha ninguém da conta né?

É, sentimentos e atitudes que você observa e observou em seus filhos após a separação. Como você acha que ficou a vida deles dentro de casa, por exemplo?

Silvia: Eu acho que ficou mais solta, porque o único problema que eu tinha com o meu ex-marido era o problema do relacionamento, do relacionamento.

Entrevistadora: Seu com ele?

Silvia: É. Então eu notava que se criava uma tensão muito grande quando a gente estava junto e ia conversar qualquer coisa, e agora não temo mais essa tensão então eu vejo que, o meu filho mais novo, o E., ele relaxou

mais. Não que ele fosse muito preocupado, mas ele odiava briga então. Ai ele ficou mais solto.

Entrevistadora: Na verdade a tensão entre vocês estava refletindo e sendo muito mais prejudicial a eles antes do que agora que estão separados?

Silvia: É. E tem uma coisa, um dado muito interessante também neles é que eles não falam absolutamente nada do pai pra mim nem de mim pro pai. Eles são absolutamente discretos né! Neutros na questão. Eles sabem muito bem que foi uma questão entre nós e eles não põem fogo, eles não atizam fogo na fogueira de jeito nenhum

Entrevistadora: O que acontece aqui é aqui o que acontece lá é lá. Eles conseguem fazer esta separação?

Silvia: Totalmente.

Entrevistadora: Eles conversaram com você sobre a separação ou sumiram?

Silvia: Eles deram assim, total apoio a tudo. Não uma coisa assim pegajosa. Eles são muito adultos assim, em vários aspectos. Ahm. Uma presença firme assim. Eles têm uma compreensão das coisas, que é muito acima da média dos adultos. Nossa, eles são muito maduros em várias coisas, eles captam as coisas facilmente.

Entrevistadora: Então você teve muito suporte. Mas e eles em relação a você? Eles chegaram para conversar sobre a separação? Os sentimentos que estavam surgindo? Ou não? Se na verdade eles se firmaram como alguém que estava dando um apoio para você?

Silvia: Pra mim e pro pai e pronto.

Entrevistadora: Eu estou dizendo assim: Com eles, eles não se importaram? Eles não conversaram?

Silvia: Não.(risos)

Entrevistadora: Alterações na vida social sua. Que alterações você acha que teve por estar com os meninos aqui dentro de casa?

Silvia: Não. Por não ter, não estar mais casada. Ai que eu sai muito mais de casa. Eu já tinha mil compromissos. Mas agora então, desde que me separei me dedico a várias causas assim, e sem preocupação nenhuma. Não tenho que me reportar a ninguém.

Entrevistadora: Isto se dá pelo fato da idade mais avançada que eles estavam?

Silvia: Dos meninos também, porque eles podem ficar sozinhos em casa.

Entrevistadora: Mesmo desde os onze anos, você não se preocupava com o fato deles ficarem sozinhos?

Silvia: Não.

Entrevistadora: Porque já estavam também na fase da pré-adolescência!

Silvia: É.

Entrevistadora: Mercado de trabalho. Quais dificuldades e suporte que você enfrenta no mercado de trabalho por ser mãe chefe de família e a sua relação com o trabalho?

Silvia: Eu sempre fui muito independente, né? Comecei a trabalhar com dezessete anos e sempre muito responsável com os meus compromissos. E, bom, na função de professora [universitária] a gente tem muita liberdade de horário né? Você cumpre... Se você quiser só cumprir as aulas e fazer o resto em casa você pode. Então isto facilita bastante. Eu fico pensando que quem se separa com filho pequeno e que tem um horário muito rígido e muito longo, ai estas coisas se dificultam. No meu caso não né? Eu também posso dar aulas em casa, em vários horários.

Entrevistadora: Mas também por conta de você ser professora universitária não é? Porque se é uma professora em um colégio particular, a situação muda, não é?

Silvia: É. É também.

Entrevistadora: Tem alguma coisa que você gostaria de falar? Da escola? Você acha que mudou sua perspectiva em relação à escola dos meninos depois da separação? Você acha que a escola deveria modificar a forma dela para atender esta demanda, que é uma demanda crescente?

Silvia: No caso dos meus filhos não. Como eu falei, eles são muito resolvidos, eles não precisam. Eu não sei, porque ninguém sabe na vida quais são os problemas e quais são as seqüelas que a gente vai ter de determinadas coisas, mas aparentemente não tem nenhuma seqüela referente à separação. Não sei, talvez no início eles tenham ficado com um pouquinho de dor no coração por não estar mais todo dia no mesmo teto, mas, considerando que o pai é muito mais nervoso do que eu (risos) talvez tenha sido uma relaxada melhor. Mas eles lidam super bem com o pai. Eles sabem, muito bem como eles devem abordar o pai. O pai gosta muito deles e eles do pai, assim da maneira como ele é. Eles sabem dosar quando o pai está nervoso, eles ficam quietos e passa logo.

Posso te colocar a minha ansiedade por ser católica praticante, aí em relação à instituição Igreja né? Logo quando eu me separei isso parecia uma coisa pesada. Sabia que todo mundo estava olhando para mim, sendo que eu e C. freqüentávamos juntos à Igreja, sabia que todo mundo estava olhando e dizendo: “Mas como?”

Entrevistadora: E dentro da Igreja o casamento é indissolúvel.

Silvia: Pois é. “Como eles vão se separar?” A gente ouviu isso muitas vezes. Então isto era pesado.

Entrevistadora: Dentro de onde era o seu canto espiritual, que era o seu suporte, você na verdade não teve suporte?

Silvia: É.

Entrevistadora: Você foi criticada por ter se separado?

Silvia: É. Não uma crítica tão aberta né? Mas assim, um pesar muito grande, uma incompreensão também. “Por que? Duas pessoas que se entendiam tanto”. As pessoas não sabem da sua vida particular. Só porque nós estávamos juntos.

Entrevistadora: É a imagem.

Silvia: É. Isto não foi uma ajuda.

Entrevistadora: E vocês continuam freqüentando a mesma igreja?

Silvia: Não, na verdade, quando eu mudei para cá, eu freqüento mais o Guará, aqui pertinho. E ele continua na Santa Izabel, ou lá na matriz, então a gente não se encontra muito mais.

Agora é interessante é o seguinte: o meu sogro e a minha sogra, eu continuo sendo muito amiga deles. Eles, de certa forma deram todo apoio para a separação. É claro que ninguém quer, é obvio que ninguém quer.

Entrevistadora: A gente não casa pensando nisso.

Silvia: De maneira nenhuma, principalmente uma católica praticante como eu era, assim, absurdamente católica. Agora que eu tenho um envolvimento muito grande com varias religiões. Eu freqüento alguns grupos de dialogo ecumênico, inter-religioso, mas antes era assim, uma coisa muito rígida.

Entrevistadora: E estas novas ações que você comentou ai? Como é que elas funcionaram? Como é que elas funcionam na sua vida?

Silvia: Elas têm muito espaço na minha vida. E eu penso, que aos olhos dos outros, muita gente esta julgando que seja uma fuga, que eu não tenho, agora eu tenho que preencher meu vazio. Aquelas coisas. Eu acho que não. Que agora eu estou usando a minha liberdade para coisas que eu quis fazer mesmo. Não é? Eu não acho que seja fuga não. Sei lá, todo psicólogo vai interpretar que é fuga, mas não.

Entrevistadora: Na verdade pode ser interpretado que seu marido, no momento em que você deixou de ser casada, deixou de ter certas responsabilidades dentro da sua casa, você teve mais espaço para buscar os seus desejos e ai batalhar por estas coisas.

Silvia: É, huhrum. Acho que é nessa linha ai.

Entrevistadora: Buscar mais você. O individual.

Bom, dentro do que eu achava de mais importante é mais ou menos isso. Se você tiver mais alguma coisa que você gostaria de falar.

Silvia: Acho que não. Mas eu sou pouco reflexiva, não sou uma pessoa assim que, fique elaborando muito as coisas não.

Entrevistadora: Mesmo durante este período todo não ficou pensando em nada disso e nem. Você não reparou em todas estas coisas? Ou não, você acha que isto passou pela sua cabeça? No momento agora estou sozinha, tenho dois filhos?

Silvia: Não. Não. Eu vou fazendo assim. Vou vivendo o dia-a-dia e vamos mandando bala.

Entrevistadora: Não fica remoendo nada?

Silvia: Não. E nem com medo de futuro. Eu nem penso muito no futuro não. Vamos fazendo, vamos fazendo. E a vida é tão agitada que você não tem muito tempo para projetar para o futuro. Também, o que adianta você projetar para o futuro se você não sabe quanto tempo você vai viver? As condições de vida podem mudar de um dia para o outro, não é? Acho que não tem muito sentido.